



**Universidade de Brasília – UnB**

**Instituto de Letras – IL**

**Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas – LIP**

**Programa de Pós-Graduação em Lingüística – PPGL**

**SANDRO XAVIER**

**AS VOZES DE MULHERES PROFISSIONAIS DO SEXO  
SOBRE A LEGALIZAÇÃO DO SEU TRABALHO:  
DISCURSO E GÊNERO**

Brasília  
2008

**SANDRO XAVIER DA SILVA**

**AS VOZES DE MULHERES PROFISSIONAIS DO SEXO  
SOBRE A LEGALIZAÇÃO DO SEU TRABALHO:  
DISCURSO E GÊNERO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística, do Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas, do Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística, área de concentração Linguagem e Sociedade.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Izabel Santos Magalhães

Brasília  
2008

**SANDRO XAVIER DA SILVA**

**AS VOZES DE MULHERES PROFISSIONAIS DO SEXO  
SOBRE A LEGALIZAÇÃO DO SEU TRABALHO:  
DISCURSO E GÊNERO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística, do Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas, do Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística, área de concentração Linguagem e Sociedade.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2008.

**Banca examinadora:**

**Profª Drª MARIA IZABEL MAGALHÃES**  
(LIP/UnB - orientadora) – Presidente

**Profª Drª MARIA CECÍLIA DE LIMA**  
(Faculdade Católica de Uberlândia/Faculdade Politécnica) – Membro efetivo

**Profª Drª MARIA CHRISTINA LEAL**  
(LIP/UnB) – Membro efetivo

**Profª Drª RACHAEL ANNELIESE RADHAY**  
(LET/UnB) – Membro suplente

*Minha mãe, Maria José Rocha da Silva, porque fez de tudo, possível e impossível, acreditando que estudar é o melhor caminho.*

*Minha Igreja, porque garantiu que meu futuro não fosse fora do alvo.*

*Minha irmã, Synthia Xavier, e meu irmão, Lincoln Xavier, porque são meus amigos.*

*Meu amor, Isabel Dalla Barba, porque, mesmo com todas as dificuldades, soube suportar e me dividir nesse período.*

## AGRADECIMENTOS

Escrever somente uma página para agradecer já é um grande desafio. Quero começar pela professora Izabel Magalhães, pois é também por ela que eu estou em Brasília e na UnB. Explico brevemente. Cheguei a Brasília, em 2002, aceitando o desafio de trabalhar na Igreja Presbiteriana Unida do Lago Norte. Transferi-me, então, da UFRJ para a UnB, deixando para trás o curso em alemão para seguir somente em português, sem saber a que me dedicar em seguida. Em aulas de Introdução à Análise de Discurso, nesse mesmo ano, com a prof<sup>a</sup> Izabel, eu descobri o que faria. Após retornar ao Rio de Janeiro, submeti-me a exame para o mestrado na UnB e, após aprovado, não tive dúvida em solicitar a professora para orientar-me, o que, com satisfação para mim, ela o fez prontamente. Por isso a gratidão extensa.

Na volta, fui acolhido por muita gente – visto que ainda não tinha o emprego que tenho hoje, no Correio Braziliense, pessoas a quem também devo agradecer –, de quem não posso me esquecer, como meu amigo Jorge Fonseca, Zulmira Inês Costa, Pe Francisco de Assis Feitosa, os irmãos e irmãs da Comunidade Luterana da 405/406 Sul e a família Dalla Barba, todos sem exceção, até os pequenos. Quero lembrar também aqueles que, ao longo do caminho, me ajudaram a sentir vontade de chegar até aqui, o que considero importante. Professor de português do Curso Santos Filho, o próprio, fez-me apaixonar pelo estudo da língua. Ainda em maio deste ano, soube que já falecera em 2005. Ficam minhas homenagens e gratidão. Professora Ivoni Reimer, pois com ela comecei a entender e admirar-me pelos estudos de gênero. Professor Luiz Longuini Neto, na faculdade de Teologia, e professor Álvaro Bragança, UFRJ. Pessoas que nos fazem querer ser como elas.

Aqui na UnB, amigos e amigas, professoras e professores, desde a graduação. No mestrado, partilhando momentos que, certamente, serão inesquecíveis, destaco Denize Tamae, Ribamar Lopes, Tatiana Nogueira e Décio Bessa. Todos os professores e professoras, com quem crescemos um pouco mais, e quero destacar as aulas com o professor Dionei Moreira. Um dia quero tratar os alunos com o mesmo entusiasmo, dedicação e respeito.

Aos meus amigos, irmãos, irmãs e pastores do Presbitério Rio Novo, que me acolhem em distância. Gabriela Leite, Flavio Lenz Cesar e a equipe de Davida que me ajudaram, mesmo distantes. Ana Maria Lopes, que me explicou o trabalho de massagistas também de longe. Aqui, outros amigos e amigas me ajudaram a construir

esta pesquisa, dos quais não posso me esquecer: Andrés Ayala, Luciano Landim, Sardinha, Benaia e Carol. Minha amiga e irmãzinha Gabriela Artemis, também companheira de trabalho, que leu e revisou cada capítulo com dedicação.

Isabel Dalla Barba, manifestação humana do amor de Deus por mim, que também leu, sugeriu, chorou, pensou, esperou e, tenho certeza, também está alegre. Toda a minha família no Rio e em São Paulo, que também ajudam a fazer um pouco a gente. No caminho para apreciar a leitura e os estudos, destaco minha mãe, Maria José Rocha, e minha tia, Léa Xavier.

Por fim, agradeço a Deus por ter me escolhido para fazer isso. Só está feito porque, creio, é cumprimento da vontade dele.

*Soli Deo Gloria – Noli Tangere Me*

## RESUMO

Esta pesquisa busca analisar temas que são tratados com muito estigma pela sociedade. O primeiro é a prostituição e o segundo, a ação de mulheres em busca de seus direitos. Mulheres que têm agência e com isso trabalham por cidadania. É projeto do Estado a legalização do trabalho de profissionais do sexo. A pesquisa, então, analisa depoimentos de mulheres que trabalham com a prostituição, por meio dos quais oferecem sua avaliação sobre a situação. A análise faz isso com as ferramentas da Análise de Discurso Crítica, conforme trabalhada por Norman Fairclough (trad. 2001) e Norman Fairclough e Lilli Chouliaraki (1999), considerando o discurso como prática social. Para um apoio na compreensão da sociedade, no tocante ao problema verificado, o apoio teórico de Mary Talbot (1998) para a questão de gênero social, afirmando que as diferenças de gênero são construídas pelo meio em que vive o indivíduo. Além disso, foi importante a compreensão da noção de agência, conforme Dorothy Holland et alii (1998), segundo a qual o indivíduo reconhece sua situação e trabalha para superá-la. Dessa forma, os discursos foram uma reprodução da prática social em que as participantes estão situadas. O estigma à mulher, as relações de poder, o machismo e o androcentrismo, bem como a falta de preparo da sociedade para tratar de assuntos relacionados à liberdade sexual são temas abordados e analisados sob a ótica da Análise de Discurso Crítica. O objetivo da pesquisa é analisar os discursos de mulheres profissionais do sexo com relação à legalização de sua profissão, encontrando, também, elementos de gênero social, suas identidades pessoais e profissionais. Nesse sentido, será resultado uma continuação da reprodução do discurso machista e de controle, gerando medo e silenciamento.

Palavras-chave: Agência, Prostituição, Gênero Social, Análise de Discurso Crítica

## ABSTRACT

This research examines issues that are dealt with much stigma by society. The first is prostitution and the second, the action of women in search for their rights, women who have agency and so work for citizenship. There is a project of the Brazilian State for the legalization of the occupation of sex workers. The research then analyzes interviews with women working in prostitution, in which they offer their opinions on the situation. The analysis does this by using the tools of Critical Discourse Analysis, as proposed by Norman Fairclough (trans. 2001) and by Norman Fairclough and Lilli Chouliaraki (1999), considering discourse as social practice. To support an understanding of society, regarding the problem of prostitution, the theoretical support of Mary Talbot (1998) was useful in relation to social gender. According to Talbot, gender differences are constructed by the context in which people live. Moreover, it was important to understand the concept of agency by Dorothy Holland et alii (1998), whereby people acknowledge their situation and work to overcome it. Thus, their discourses were a reproduction of the social practices in which participants are situated. The stigma to women, power relations, "machismo" and androcentrism and society's unpreparedness to deal with issues related to sexual freedom are topics that are addressed and analyzed here from the perspective of the Critical Discourse Analysis. The objective of the research is to examine the speeches of women sex workers in relation to the legalization of their occupation, finding, also, elements of social gender, their personal and professional identities. This will result in a continuation of the reproduction of sexist speech and control, generating fear and silencing.

Key-words: Agency, Prostitution, Social Gender, Critical Discourse Analysis

## FIGURAS

<b>Figura 1: Tarjetas mostradas no site de Davida .....</b>	<b>55</b>
<b>Figura 2: Apresentação do site da Vila Mimosa .....</b>	<b>56</b>
<b>Figura 3: Concepção tridimensional do discurso .....</b>	<b>67</b>

## QUADROS

Quadro 1 - Diferença entre sexo e gênero .....	48
Quadro 2 – A linguagem nos níveis sociais (Fairclough, 2003: 24).....	70
Quadro 3 – Titulações utilizadas para a atividade de profissional do sexo .....	97
Quadro 4 – Nomenclaturas usadas pelas prostitutas para o local de trabalho ...	98
Quadro 5 – Nomeação da atividade por parte das profissionais do sexo .....	98
Quadro 6 – Resumo da análise .....	116

## CONVENÇÃO PARA AS TRANSCRIÇÕES<sup>1</sup>

(.)	pausa de meio a um segundo
(..)	pausa maior que um segundo
(...)	pausa que caracteriza interrupção no discurso
(???) (xxx)	palavra ou período ininteligível
ALTA	ênfase na palavra ou período
(( ))	sons paralingüísticos
(risos)	risos
<b>negrito</b>	fala do pesquisador
redondo	fala da participante

---

<sup>1</sup> Basicamente idealizada de Talbot, 1998.

## S U M Á R I O

INTRODUÇÃO .....	14
<b>CAPÍTULO I: Sexo e prostituição .....</b>	<b>17</b>
1.1. A questão do sexo: seu uso como prazer e dominação masculina .....	17
1.2. Novas mercadorias: sexo e mulheres .....	20
1.3. Um caminho de liberdade: os direitos da mulher e a aceitação de grupos minoritários .....	22
1.4. A promoção da cidadania das prostitutas: Davida, Daspu e <i>Beijo da rua</i> .....	24
1.5. A ação das prostitutas: uma agenciamento pelo direito ao trabalho .....	29
1.6. A definição da atividade de profissional do sexo segundo o Ministério .....	31
1.7. Conclusão .....	36
<b>CAPÍTULO II: Gênero e agenciamento      37</b>	
2.1. O início da atenção às questões de gênero.....	37
2.2. Gênero e discurso .....	38
2.2.1. Gênero em Deborah Cameron: o problema do silenciamento.....	41
2.2.2. Gênero em Clare Walsh: a esfera pública .....	45
2.3. A construção de gênero em Mary Talbot .....	47
2.4. Agenciamento: a ação em busca de reconhecimento e direitos.....	51
2.5. Conclusão .....	56
<b>CAPÍTULO III: Análise de Discurso Crítica      58</b>	
3.1. Os estudos da linguagem: da Linguística Sistêmico-Funcional à ADC.....	58
3.2. A Análise de Discurso Crítica (ADC) .....	60
3.2.1. Ruth Wodak: ideologia e identidades.....	61
3.2.2. Teun A. van Dijk: ideologia e relações de poder .....	63
3.3. A ADC em Norman Fairclough .....	65
3.3.1. Teoria Social do Discurso.....	66
3.3.2. A prática discursiva.....	68
3.3.3. A prática social .....	70
3.3.4. Mudança discursiva .....	71
3.4. Principais categorias analisadas: intertextualidade e seleção lexical .....	72
3.4.1. Intertextualidade .....	73
3.4.2. Seleção lexical .....	74
3.5. Conclusão .....	75
<b>CAPÍTULO IV: Metodologia de pesquisa 76</b>	
4.1. Pesquisa etnográfica 76	
4.1.1. O interesse pelo tema .....	78
4.2. Objetivos e questões.....	79
4.3. Caminho e contato .....	81
4.3.1. Locais de entrevista .....	82
4.3.2. Informações complementares.....	83
4.4. As participantes.....	83
4.4.1. Ágatha.....	84
4.4.2. Beatriz.....	84

4.4.3. Cassandra .....	85
4.4.4. Divina .....	85
4.5. Conclusão .....	86
<b>CAPÍTULO V: As vozes de mulheres profissionais do sexo: a construção de suas identidades e a relação com a prática social</b>	<b>87</b>
5.1. Quando a ausência da voz fala alto: o silenciamento.....	87
5.2. As vozes das mulheres .....	89
5.2.1. O contexto pessoal: família e formação.....	90
5.2.1.1. A centralidade da figura paterna.....	90
5.2.1.2. A importância dos estudos.....	91
5.2.2. A identidade profissional: a necessidade de camuflar.....	93
5.2.2.1. As dificuldades de se apresentar como profissional do sexo .....	93
5.2.2.2. As estratégias de nomenclatura para a profissão.....	97
5.2.2.3. O benefício financeiro da profissional do sexo.....	99
5.2.3. O que é uma mulher? .....	103
5.2.3.1. Da liberdade sexual .....	103
5.2.3.2. Da submissão à família: o discurso de controle .....	104
5.2.4. O discurso sobre a legalização da profissão.....	105
5.2.4.1. Os avanços sociais são bons para as profissionais do sexo... ..	106
5.2.4.2. ...mas o estigma traz vergonha e resistência .....	107
5.3. Expondo o mundo ao seu redor.....	108
5.3.1. Como são vistos os clientes .....	109
5.3.2. O homem como profissional do sexo.....	111
5.3.3. Agenciamento no discurso .....	113
5.3.4. Relações de poder e desigualdade de gênero.....	113
5.4. Quadro resumo da análise.....	116
5.5. Estabelece-se uma diferença .....	117
5.6. Respondendo a questões básicas.....	117
5.7. Conclusão .....	119
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>121</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>123</b>
<b>ANEXO 1 – Perdemos a batalha, mas não a guerra .....</b>	<b>128</b>
<b>ANEXO 2 – Transcrição das entrevistas com as participantes</b>	<b>130</b>
<b>ANEXO 3 – Processo de análise de projeto de pesquisa</b>	<b>152</b>

## INTRODUÇÃO

Com os trabalhos do movimento feminista, surgem questionamentos à visão androcêntrica da sociedade. As mulheres passam a ter mais voz e a reivindicar respeito, cidadania e reconhecimento em diversas áreas. Nesse sentido, eclodem reflexões e protestos para que se possa ter o direito de voto, estudo e carreira profissional, dando às mulheres condição de sujeito e não somente de dependentes e auxiliaadoras dos projetos masculinos (sejam de pais ou maridos).

A reboque dessas reflexões, entram em pauta discussões sobre a vida sexual, de mulheres ou de homens, desembocando na questão da prostituição. Esse assunto considerado milenar ainda é, por vezes, tratado como crime e pecado. Com a inclusão nas pautas de debates políticos da plena cidadania das mulheres e a superação do tabu nas discussões sobre sexo, tornou-se necessário falar sobre a prostituição. Isso porque também abrange tema importante na sociedade, a saber, o trabalho, o controle do Estado, a contribuição para a Previdência, entre outros aspectos.

Em decorrência disso, são feitas propostas para o encaminhamento da questão. A sociedade civil se organiza e dá sua opinião por meio de organizações não-governamentais (ONGs). Quando a sociedade civil se organiza, vemos grupos a favor e contra todo e qualquer assunto. Não é diferente quanto à profissionalização do trabalho com o sexo.

Nesse particular, encontramos grupos religiosos contra o trabalho e outros mais radicais. Alguns deles consideram que essa profissão não é somente fruto de desigualdade social, mas que existem mulheres que se dedicam a esse trabalho por considerarem-se com talento para tal. Sendo assim, seriam necessários o reconhecimento do governo e a possibilidade de contribuição para a Previdência, entre outros mecanismos de cidadania.

O Ministério do Trabalho e Emprego já admite, em seu código 5198, a categoria de profissionais do sexo, relatando as descrições da profissão, a formação e a experiência, as condições de trabalho, entre outras prerrogativas. Isso ocorre, de certa forma, pela aproximação desse Ministério com acordos profissionais internacionais, conforme podemos extrair da página na internet do próprio órgão:

A nomenclatura CBO-2002 foi elaborada a partir do padrão da Classificação Internacional Uniforme de Ocupações (CIUO-88, sigla em espanhol e ISCO-88, sigla em inglês), elaborada pela Organização

Internacional do Trabalho (OIT). O Brasil é signatário da classificação internacional.<sup>2</sup>

Segundo percebemos, isso mostra que o Brasil está tentando, também, ajustar-se a uma demanda internacional. Já há países em que a prostituição é institucionalmente reconhecida, dando cidadania às mulheres que optam por esse trabalho.

Ocorre que a sociedade brasileira ainda é eivada de preconceitos e discriminações. Muitas vezes o que está em documentação é seguido pela legislação, mas ainda com resistência. Por isso há o trabalho de organizações e pessoas que buscam o respeito e o reconhecimento por parte da sociedade. No entanto, muitas mulheres profissionais do sexo ainda não conseguem assumir seu trabalho com orgulho e o escondem da família e da sociedade. Não estão preparadas para agir como as que já estão envolvidas com as organizações que buscam a cidadania dessas profissionais.

A Análise de Discurso Crítica (ADC) considera que o discurso integra uma prática social e por meio dele pode-se perceber o funcionamento da sociedade (Fairclough, 2003; Chouliaraki e Fairclough, 1999; Magalhães, 2004; Fairclough, trad. 2001). A proposta da pesquisa, portanto, é utilizar a ferramenta da ADC na análise das vozes de mulheres profissionais do sexo sobre o seu trabalho e a legalização proposta por setores da sociedade. Queremos encontrar, também nesses discursos, as marcas de gênero social nos depoimentos das mulheres associadas às relações de poder.

Deparamos, ao longo do interesse pela questão de gênero social, com a questão “por que um homem se interessar por essa situação?”. É um questionamento natural, visto que o homem se situa em uma posição relativamente tranqüila, já que ele representa o poder que busca se manter ideologicamente. Contudo, posso responder que pela minha experiência particular, no trabalho com as demandas da sociedade, por meio das atividades da comunidade cristã e da instituição eclesiástica a que me integro, sempre buscamos uma igualdade nas relações na sociedade. Fui ensinado, por meio da Igreja, a valorizar a democracia eclesiástica e a reconhecer o ministério feminino. Nas aulas de teologia sob a perspectiva da mulher, com a prof<sup>a</sup> dr<sup>a</sup> pastora Ivoni Reimer, aprendi que as vozes das mulheres também sofrem silenciamento ou há apagamento de suas identidades na própria Bíblia. Tornou-se, então, um desafio buscar equilíbrio nas relações na sociedade em que vivemos.

---

<sup>2</sup> <http://www.mte.gov.br/noticias/conteudo/8364.asp>, acesso em 22 de outubro de 2007, 9h54.

Por que prostituição então? Pode-se ouvir outra pergunta. O interesse pelo tema vem de aproximação com a ONG Davida e a socióloga Gabriela Silva Leite, sua coordenadora. Sua coragem em falar do assunto e divulgar a dignidade com que fazem seu trabalho, enfrentando o estigma da sociedade, fez-me buscar compreender a realidade das prostitutas e suas organizações e demandas. Pude perceber que, para além das que se envergonhavam e escondiam sua atividade, havia aquelas que se orgulhavam e buscavam seus direitos como profissionais.

Com a pesquisa, busca-se, na perspectiva do estudo da linguagem, verificar os discursos das mulheres profissionais do sexo em confronto com o trabalho de legalização de sua atividade. Comparar as demandas da sociedade com relação ao tema, as vozes das mulheres que buscam seus direitos e trabalham com agência e aquelas que ainda se escondem e não encontram firmeza para assumir seu trabalho. Como resultado da pesquisa, deseja-se uma aproximação entre a agência das organizações que cuidam dos interesses das prostitutas e os interesses daquelas a quem pretendem auxiliar, as quais não têm relação com as instituições referidas. Além disso, dar voz a grupos que não são respeitados na sociedade constitui um caminho para a diminuição do estigma e uma maior possibilidade de compreensão e diálogo.

As análises serão guiadas pelas questões de pesquisa, a saber: (a) Como se caracteriza a interdiscursividade sobre a legalização do trabalho de mulheres profissionais do sexo? b) Como se constroem discursivamente as identidades pessoais e profissionais dessas mulheres? c) Que elementos de formação de gênero social podem ser encontrados nos depoimentos dessas mulheres?

Inicia-se esta dissertação com a apresentação de um histórico do sexo na vida do ser humano e as bases da prostituição (Capítulo 1). Em seguida, no Capítulo 2, serão discutidas as questões de gênero social e as bases para nossa análise (Talbot, 1998). Também serão explicitadas as bases da agência, segundo apresenta Dorothy Holland (*et alii*, 1998). No Capítulo 3, serão apresentados os principais teóricos estudados da Análise de Discurso Crítica e a Teoria Social do Discurso, base para nossa análise. As bases metodológicas constam do Capítulo 4 e as análises dos discursos das profissionais do sexo compõem o Capítulo 5.

## **CAPÍTULO I: Sexo e prostituição**

Abordar a sexualidade no ser humano é uma tarefa complexa. O sexo pode ser visto de várias formas, seja pela biologia humana, pela psicologia, ou outras áreas de estudo. Pode ser classificado, também, como desejo, perversidade, submissão, entre outras, pela história e, inclusive, pelo discurso.

O objetivo deste capítulo é examinar as implicações da atividade sexual como uma ação humana que também se relaciona ao jogo do poder e que, portanto, faz parte da manutenção do *status quo* e, conseqüentemente, gera ações de resistência. Michel Foucault e Pierre Bourdieu serão a base teórica consultada, em um primeiro plano, considerando que são autores que se dedicaram a falar da história da sexualidade e da utilização desta em um plano de hegemonia masculina.

Sendo o sexo considerado uma atividade necessária e importante ao ser humano, tendo no desejo um ponto-chave, facilmente torna-se mercadoria, a fim de saldar pagamento de dívidas, além de outros fins, como troca de favores, pilhagem e sustento mesmo. A partir disso, o capítulo aborda a prostituição como exploração da arte sexual para fins profissionais. Não somente isso, mas percebendo que hoje acontece em um contexto de libertação feminina e aceitação de grupos minoritários e discriminados. Juntamente à questão mencionada, conhecemos o trabalho de Davida (ONG que visa ao direito das prostitutas), buscando a dignidade da profissão e até mesmo seu reconhecimento diante da sociedade. Uma luta por cidadania. Davida publica o *Beijo da rua* (jornal distribuído nos pontos das profissionais do sexo, que divulga atividades, leis, debates) e lança a Daspu, uma grife que tem como suas manequins as próprias profissionais do sexo e temas em defesa da prostituição em suas roupas, e que também faz uma paródia, em seu nome, da Daslu – uma loja de departamentos famosa de São Paulo.

### **1.1. A questão do sexo: seu uso como prazer e dominação masculina**

Falar sobre sexo, mesmo no tempo em que vivemos, marcado por avanços tecnológicos, científicos e sociais, ainda é uma atividade desafiadora. Alguns setores consideram o assunto um tabu e os que tratam disso podem ser no mínimo estranhos. Outros, aludindo a idéias de libertação característica do tempo, atribuem a isso um avanço, coragem e quebra de paradigmas.

Nessa discrepância de opiniões, encontramos diversas falas sobre sexo com atribuições diferentes. Alguns dizem que o ser humano precisa conhecer melhor uma faculdade sua que não pode ser muito falada, portanto, ela não é suficientemente conhecida devido a restrições institucionais. Discursos moralistas ainda existem e só contribuem para que o tema seja cada vez mais nebuloso para muitos e atraente para outros. Isso não é privilégio de nossa época. Foucault já reconhecia essa escamoteação, conforme atesta a citação:

De tanto falar nele (o sexo) e descobri-lo reduzido, classificado e especificado, justamente lá onde o inseriram procurar-se-ia, no fundo, mascarar o sexo: discurso-tela, dispersão-esquivança. Pelo menos até Freud, o discurso sobre o sexo – o dos cientistas e dos teóricos – não teria feito mais do que ocultar continuamente o que dele se falava. (Foucault, 1988 I: 53.)

Dessa forma, percebe-se que, mesmo com a aparente abertura dos tempos atuais, muitos podem se valer do discurso sobre o sexo para impor cada vez mais visões moralistas e a hegemonia do gênero masculino e todas suas implicações (tema tratado mais adiante).

A vida sexual implica, como já foi mencionado, várias dimensões da vida humana. Ela também encontra relações na vida social. Nela vemos as justificativas moralistas, com punições que chegam à perda da dignidade, à morte física ou à condenação eterna. Valem-se, para isso, do direito, da prática médica e religiosa. Juristas condenam como crimes várias atividades sexuais; médicos decretam que há perigo sanitário, e religiosos direcionam os desajustados às maiores profundezas do inferno. Ao relacionar sexo com morte, Foucault afirma:

Vinculou-se a uma prática médica insistente e indiscreta, volúvel no proclamar suas repugnâncias, pronta a correr em socorro da lei e da opinião dominante; mais servil ante as potências da ordem do que dócil às exigências da verdade. Involuntariamente ingênua nos melhores casos e, voluntariamente mentirosa, nos mais freqüentes, cúmplice do que denunciava, altiva e provocadora, essa medicina instaurou toda uma licenciosidade do mórbido, característica do final do século XIX: médicos como Garnier, Pouillet e Ladoucette foram, na França, seus escribas sem glória e Rollinat seu cantor. Mas, além desses dúbios prazeres, reivindicava outros poderes, arvorava-se em instância soberana dos imperativos da higiene, somando os velhos medos do mal venéreo aos novos temas da assepsia, os grandes mitos evolucionistas às modernas instituições da saúde pública, pretendia assegurar o vigor físico e a pureza moral do corpo social, prometia eliminar os portadores de taras, os degenerados e as populações abastardadas. Em nome de uma urgência biológica e histórica, justificava os racismos oficiais, então iminentes. E os fundamentava como “verdade”. (Foucault, 1988 I: 54.)

Junto com o pavor higiênico e de saúde que se imprimia a quaisquer atividades sexuais, estava a opressão de ordem religiosa. Isso era bastante significativo, especialmente até a Idade Média. Com essa afirmação, não se quer diminuir a pressão do moralismo religioso nos tempos atuais, mas é consenso que ela é bem menor que nos tempos medievais. Pode-se lembrar que, nas interpretações de textos bíblicos, muito se relaciona a atividade sexual com o pecado e, por conseguinte, a ausência dessa prática como virtude. Exemplos breves disso, somente para ilustrar o que se fala, são dois relatos: o primeiro, na proto-história bíblica, no mito da criação, os primeiros humanos, Adão e Eva, são expulsos do paraíso, sendo condenados a perderem acesso ao fruto da árvore da vida, por haverem desobedecido a Deus que ordenara não comessem do fruto da árvore do bem e do mal. A interpretação mais *lato sensu* desse texto é que os dois descobriram os prazeres do sexo. O fruto proibido sempre é relacionado com o ato sexual. Por outro lado, já no Novo Testamento, a pureza da mulher é relacionada com Maria, mãe de Jesus, por sua concepção mesmo virgem. A tradição católico-romana, ainda, afirma que Maria se manteve virgem até a morte, mesmo depois do nascimento do seu filho, Jesus. Um detalhe importante nessa figura de Maria, e que tem a ver com nosso tema – a prostituição –, é a contraposição que a teologia encontra à figura de Maria Madalena, famosa prostituta que conviveu com Jesus e teve participação ativa em seu ministério. Contudo, não vamos aprofundar essa questão, já que não queremos falar de teologia.

A despeito de todos os medos e moralismos, é inegável que o sexo é fonte de prazer para o ser humano. Enfim, deve-se entender que para além das significações e implicações históricas, de poder, de discurso e outras, o sexo é inerente ao gênero humano, gerando relações em várias dimensões do ser, fazendo sentido não somente com a sua natureza, mas com sua história, seus significados e, inclusive, seu discurso. (Foucault, 1988 I: 76)

Como atividade de prazer, o sexo facilmente tornou-se uma busca muitas vezes violenta. Objeto de desejo, era freqüentemente tratado como moeda de troca, tornando-se, em vários momentos, forma de subjugação. Pierre Bourdieu aborda a maneira conforme o homem (masculino) descobriu a importância da subjugação pelo sexo e de que forma poderia utilizá-lo como estratégia para manutenção do seu poder e da sua supremacia dominante (Bourdieu, 2003).

Aliás, sempre é importante lembrar que a questão da fecundação não era clara para o ser humano. Portanto, ver a mulher engravidando, gerando outro ser, era fato que lhe dava bastante *status*. Saber que a participação do homem na fecundação era ativa não é antigo. Em termos de história da humanidade, 11 mil anos não é muito, e esse é o tempo em que essa referida descoberta se dá, conforme se pode verificar no texto de Heleieth Saffioti:

...por volta de 11 mil anos atrás, descobriu-se a participação imprescindível dos homens no ato da fecundação, o que provocou verdadeira revolução nos padrões de relacionamento entre eles e as mulheres. Estas foram retiradas de seu pedestal, perdendo muito poder. Este fato, associado ao início da produção de excedente econômico, detonou um processo de profunda transformação. Como tempo livre é absolutamente necessário para o exercício da criatividade, e os homens o desfrutavam na medida em que a caça se realizava apenas uma ou duas vezes por semana, esses contingentes masculinos puseram-se a pensar e a inventar sistemas simbólicos que inferiorizassem suas companheiras. Tem início, desta forma, a criação do patriarcado. (...) a resistência das mulheres foi tão forte que os homens precisaram de dois milênios e meio (...do ano 3100 a.C. a 600 a.C.) para consolidar o novo regime. Se comparado à humanidade, o patriarcado é, evidentemente, um recém-nascido. (Saffioti, 2003)

Isso gera uma nova maneira de tratar as relações. O homem planeja sua supremacia, relega à mulher um papel secundário (quando muito) e dá ao sexo uma interpretação de oposição binária, relacionando todo o mundo e suas categorias a essa visão. Dessa forma, encontram-se termos como *sob, fechado, dentro, cheio, frio, noite, inverno, baixo, esquerda, torto* relacionados às mulheres, enquanto que cabem ao masculino *sobre, aberto, fora, vazio, quente, dia, verão, alto, direita, reto*. Isso transforma o homem em oficial, religioso e público. Para a mulher, fica reservada a visão de oficiosa, mágica e ordinária.<sup>3</sup>

## 1.2. Novas mercadorias: sexo e mulheres

Diante das diversas formas de transformar e perpetuar o poder e a dominação masculina, juntamente com a importância – em vários níveis, como exposto acima – do sexo na vida do ser humano, inicia-se uma forma de inserir a mulher e a prática sexual no mercado de bens simbólicos (cf. Bourdieu, 2003: 55).

A Idade Média foi um momento marcante nas relações de casamentos arranjados para satisfação política e de famílias burguesas. Já se encontra nessa prática uma

---

<sup>3</sup> Ver o quadro: *Esquema sinóptico das oposições pertinentes*, encontrado em Bourdieu, 2003: 19.

compreensão da união entre pessoas para fins outros que não o amor e a satisfação sexual em si. Ainda que a mercadoria, nesses casos, não fosse o sexo, a mulher é quem ficava na posição de submissão, somente cabendo ao pai decidir sobre seu futuro. Nesse caso, sobre quem amar e com quem realizar seus desejos íntimos.

Para o sexo, o casamento ainda não fora uma invenção humana que satisfizesse os moralismos da sociedade. Muitas eram as imposições para as relações sexuais, especialmente por parte da religião na Idade Média (isso não nega que hoje ainda existem). Todavia, o casamento não foi uma libertação para que os casais pudessem satisfazer sua libido com tranqüilidade, como se pode atestar na afirmação de Foucault:

Não se vê, aliás, por que a problematização das relações sexuais entre esposos assumiria outras formas ou se prenderia a outras questões se se considera quais eram, na Atenas clássica, o status dos esposos e as obrigações pelos quais um e outro eram responsáveis. A definição daquilo que era permitido, proibido e imposto aos esposos pela instituição do casamento, em matéria de prática sexual, era bastante simples e bastante claramente dissimétrica para que um suplemento de regulação moral não parecesse necessário. (Foucault, 1988 II: 131)

Depois que os papéis no casamento estavam claros, deixando à mulher um significado bem inferior e subserviente, coube ao homem buscar ampliar seus domínios, fosse no campo do prazer ou da posse mesmo. Nessa relação, sempre os mais abastados são favorecidos. Daí, a questão tornar-se mercantilista foi fácil. A partir do mercado matrimonial (Bourdieu, 2003: 55), outros mercados se iniciaram. É bom ressaltar que todos eles serviram (e ainda servem) para cristalizar ou aumentar o poder e a dominação do homem.

A instituição do casamento não era tão simples como se pode imaginar hoje. Nas sociedades mais mercantilistas, ficou difícil para que os homens mais pauperizados conseguissem sua “mulher privativa”. Daí, então, ocorreu o que Jaime Brasil chamou de correspondência a uma necessidade social, ou seja, mais pobres não conseguiam casar e ter a facilidade da relação sexual em casa. Mais ainda, muitos, mais abastados, tinham a possibilidade de manter um harém ou queriam dispor de uma quantidade maior de mulheres. Soldados e mercadores, por exemplo, tiveram que lançar mão de uma estratégia montada para satisfazer a essa necessidade. Sobre isso, pode-se verificar no que o autor citado acima diz:

Surgiu, então, a instituição da mulher comum, para a manutenção da qual todos concorriam com uma quantia sempre inferior à que teriam de despende com umas ou mais mulheres permanentes e privativas.

Em compensação aboliam, para elas, o tabu do exclusivismo, concedendo-lhes a faculdade de terem relações com quem quisessem.

Por um tácito acordo, os habitantes da cidade, pertencente a todas as classes, estabeleceram a socialização das mulheres. Feita a socialização das mulheres, por tal acordo, logo o mercantilismo aproveitou disso para negociar. O que era, digamos assim, uma indústria doméstica, passou a ser uma fábrica, com várias operárias: o porneion grego, com seu industrial dirigente, o pornoboskoi<sup>4</sup>.

Daí, até as mais variadas formas de prostituição que se encontram foi uma história simples de imaginar, ainda que bastante complexa. Contudo, o aprofundamento da questão pode ser feito por meio de pesquisas históricas em vários campos, sejam eles sociais, antropológicos ou outros.

Nas seções seguintes, será abordada brevemente a situação atual de grupos minoritários e da prostituição.

### **1.3. Um caminho de liberdade: os direitos da mulher e a aceitação de grupos minoritários**

Hoje, tempos novos em nossa sociedade são vividos. Há quebras de paradigmas que acontecem em vários níveis. Um deles é a própria supremacia do homem. Já há muito tempo mulheres vêm contestando essa imposição e têm questionado sua inferioridade e incapacidade imposta e ideológica. Hoje, as mulheres se afirmam em vários campos, inclusive de trabalho, ainda que muitos avanços sejam reconhecidamente necessários, porque seu discurso por direitos é abafado, conforme vemos na fala de Christa Berger:

Tanto a indústria cultural quanto o Estado, ao assimilarem o movimento feminista, fazem simultaneamente a divulgação das demandas do movimento e as diluem. Ao institucionalizar-se, a luta das mulheres transforma-se em caricatura. Sem dúvida, algumas exigências vão sendo respondidas. Há avanços na nova Constituição (1998), assim como na legislação trabalhista e na medicina. Também há progressos nos partidos políticos, nas organizações sindicais e na Igreja. Iguamente na interpretação da história e nos livros didáticos, assim como na literatura infantil. Nas relações pessoais houve mudanças, com novas formas de dividir tarefas domésticas e de compartilhar os filhos. Os homens se humanizaram com o movimento feminista, pois aprenderam a valorizar aspectos da vida que lhes eram desconhecidos<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Brasil, s.d. Ao explicitar a prática da venda de préstimos sexuais, o autor lembra o sentido grego do local onde se realizava mercado sexual utilizado para o título agora tomado em russo.

<sup>5</sup> Berger, Christa. "Mulher, suas lutas e suas conquistas". p. 86 a 89. In: Baeske, 2001: 88.

O fato é que se vivem, certamente, momentos em que grupos buscam sua aceitação e seus direitos. Outro exemplo disso é a, agora famosa, parada gay. Ela acontece em várias capitais brasileiras e também fora do país. Agrupa milhares de pessoas pelas ruas, gritando por liberdade e tolerância. Como esse, muitos outros grupos têm se manifestado mais livremente, especialmente após o fim das décadas de repressão militar e pela relativização do discurso moralista religioso. Esse fenômeno é mundial e pode ser visto por meio da ação de grupos minoritários em todo o mundo. Tudo isso começa com a percepção de um problema que reside na falta de reconhecimento dos direitos de uma parcela da comunidade.

Gisela Geisler escreveu um artigo falando das cerimônias de iniciação para as mulheres na África do Sul (Geisler, 2000). Nele, ela relata a experiência de jovens em rituais de iniciação à vida de casada e sobre o que devem aprender para especificamente agradarem a seus maridos. A força da tradição e a atitude das mulheres mais velhas fazem com que a situação se perpetue. O ritual é marcado por zombaria e humilhação às que se estão iniciando. Isso mostra um certo toque de vingança por parte das mulheres mais velhas que foram, anteriormente, subordinadas.

Para a autora, as ações das mulheres não somente servem exclusivamente aos interesses dos homens, como, mais ainda, agem contra as próprias mulheres. Isso faz concluir que a falta de resistência e a ação das mais velhas não deixariam esperanças para essa situação na África do Sul. Nesse caso, encontramos uma aceitação da situação e uma submissão histórica referendada pela tradição da comunidade e claramente exercida pela hegemonia androcêntrica.

Todavia, há casos em que grupos que sofrem com a desigualdade de poder resistem e agem em favor de uma nova ordem. Ben Campbell, pesquisando sobre gênero e agência<sup>6</sup> no Nepal, relata sobre uma comunidade onde as mulheres conseguem ser “atores sociais relativamente independentes, incluindo o campo da sexualidade” (Campbell, 2000: 118). Para Campbell, é importante saber que a situação de propriedade e de sexualidade depende de um contexto cultural de agência em que os parentes, por um lado, e o sexo, por outro, fornecem uma sociabilidade criativa e um potencial para transformação processual. Significa dizer que se trata de um processo e que ele depende da comunidade onde as mulheres vivem.

---

<sup>6</sup> Tradução de “agency”. Conceito trabalhado em Holland, *et alii*, 1998, que evidencia a capacidade que as pessoas desenvolvem de superarem sua situação social. O tema será mais bem abordado no capítulo 2.

As próprias prostitutas estão se organizando. É nesse contexto que queremos apresentar a organização não-governamental Davida, que trabalha pelos direitos das profissionais do sexo.

#### **1.4. A promoção da cidadania das prostitutas: Davida, Daspu e *Beijo da rua***

No momento em que as mulheres se afirmam e que muitos movimentos de grupos minoritários ocorrem em vários níveis, as prostitutas também trabalham em busca de reconhecimento, cidadania e dignidade. O trabalho não é somente na sociedade, mas primeiramente com as próprias prostitutas.

Davida é uma instituição que tem 15 anos de atuação (foi fundada em 1992) na área da educação, saúde, comunicação e cultura, tanto no Rio de Janeiro (onde é sua sede) como no Brasil. Existem vários grupos que trabalham com vistas a esses direitos, mas será ressaltado o trabalho de Davida e da Rede Brasileira de Prostitutas, que está também associada a outras organizações latino-americanas e mundiais, como, por exemplo, a Red de Trabajadoras Sexuales de Latinoamerica y el Caribe<sup>7</sup> e a Network of Sexwork Projects<sup>8</sup>.

No site da ONG, pode-se encontrar um texto que esclarece sobre a sua missão:

Criar oportunidades para o fortalecimento da cidadania das prostitutas, por meio da organização da categoria, da defesa e promoção de direitos, da mobilização e do controle social<sup>9</sup>.

A partir do I Encontro Nacional de Prostitutas, que aconteceu em 1987, Gabriela Silva Leite, socióloga paulista, deu origem à Rede Nacional de Prostitutas, junto com várias colegas e simpatizantes. A partir das ações de Gabriela Leite, muitas iniciativas foram engendradas em favor da categoria. Um resultado de tudo isso se encontra na descrição feita pelo Ministério do Trabalho e Emprego para as profissionais do sexo, sob o código 5198, que veremos mais adiante. Isso significa que o Estado dá um passo no reconhecimento e na regulamentação da profissão. Essa atitude pode favorecer, até mesmo a contribuição com o INSS, possibilitando uma série de direitos, entre eles, a aposentadoria remunerada.

---

<sup>7</sup> [www.redtrasex.org.ar](http://www.redtrasex.org.ar). Acesso em 29 de março de 2007, 18h54.

<sup>8</sup> [www.nswp.org](http://www.nswp.org). Acesso em 29 de março de 2007, 20h30.

<sup>9</sup> [www.davida.org.br](http://www.davida.org.br). Acesso em 22 de março de 2007, 16h40.

A ação pelo reconhecimento do governo traz um avanço inclusive internacional, levando em consideração que muitos países já têm leis reconhecendo os serviços prestados pelas profissionais do sexo, dando-lhes os direitos relativos a quaisquer trabalhadores na lei vigente, como a Alemanha, por exemplo. Assim, é uma maneira de entrar em consonância com as exigências internacionais no tocante ao reconhecimento de cidadãos e cidadãs ao trabalho e à dignidade.

A demanda é internacional, conforme consta da Cartilha da Red de Trabajadoras Sexuales de Latinoamerica y el Caribe:

Somos mulheres trabajadoras sexuales que lutamos dia a dia para que se reconheciam nossos direitos, para que nos dêem um tratamento igualitário e nos permitam participar com voz e voto nos espaços em que se tomam decisões políticas que nos interessam e afetam<sup>10</sup>.

O perfil de Gabriela Leite é traçado pelo jornalista Flávio Lenz César, na contracapa do livro de autoria da socióloga, *Eu, mulher da vida* (Leite, 1992):

Gabriela tornou-se prostituta por opção. Antes de entrar “na vida”, muitas vidas viveu com intensidade: adolescente classe média, universitária da USP nos anos 60, secretária de multinacionais, mulher de malandro, mãe solteira. Ovelha negra em pele de lobo, o chão fugia aos seus pés quando ela decidiu partir de uma vez por todas, para a marginalia. ‘Aí começa o meu grande tesão de atuar nesse mundo.’

Das zonas na Boca do Lixo, em São Paulo, à militância política nas organizações internacionais de prostitutas, muitas águas rolaram. Em sua luta pela dignidade das profissionais do sexo, Gabriela se envolveu de corpo e alma em movimentos religiosos e sociais, como a Teologia da Libertação, organizações não-governamentais (ONGs), setores do governo, grupos feministas, partidos políticos, guetos e tribos. Sem temer podres poderes e nunca engolindo hipocrisias, ela desvenda os bastidores desses diversos mundos e nos mostra que estamos todos no mesmo barco, participando de uma difícil batalha pelo encontro de um desejo, que é pessoal e único.

Nesse campo do sonho e do desejo atua a prostituta. Mulher da vida, guarda consigo a chave de um mistério, que sempre será mágico.

A agenciamento das prostitutas foi motivada por uma ação violenta da polícia ocorrida em 1979, no centro de São Paulo, quando houve prisões e a morte de uma mulher grávida e dois travestis. A partir daí, ocorreu uma passeata, no centro da cidade, e

---

<sup>10</sup> “Somos mujeres trabajadoras sexuales que luchamos día a día para que se reconozcan nuestros derechos, para que nos den un trato igualitario y nos permitan participar con voz y voto en los espacios donde se toman decisiones políticas que nos incumben y afectan.” Em: [www.redtrasex.org.ar](http://www.redtrasex.org.ar). Acesso em 12 de janeiro de 2007, 19h. Todas as traduções constantes desta dissertação foram feitas livremente por mim.

uma assembléia da categoria, marcando pontos necessários na reivindicação de seus direitos.<sup>11</sup>

O ano de 1986 é marcado por um fato importante na decisão de prosseguir trabalhando pelos direitos das profissionais do sexo. Gabriela conhece Lourdes Barreto, líder das prostitutas no Pará. Juntas reconhecem a necessidade de organizar o movimento pela reivindicação dos direitos da categoria. Como resultado desse encontro, no ano seguinte acontece o Primeiro Encontro Nacional de Prostitutas, no Rio de Janeiro, no qual inaugura-se a Rede Brasileira de Prostitutas. Profissionais do sexo de 11 estados participaram do encontro.

Neste mesmo ano, houve muitos enfrentamentos na antiga Vila Mimosa<sup>12</sup>, resistindo à truculência de capangas contratados por uma emissora de tevê vizinha que objetivava erradicar as prostitutas daquele lugar. A resistência dessas mulheres incluiu além de um show no Circo Voador (famosa casa de apresentações do Rio de Janeiro), um culto de Natal na própria zona, com participação de artistas e políticos. O resultado foi que o prefeito garantiu a permanência do local de trabalho.

No ano de 1988, é lançado o jornal *Beijo da rua*, que divulga as ações das profissionais do sexo e seu trabalho para o reconhecimento da profissão e o fim do estigma, do preconceito e da discriminação. O *Beijo da rua* trata das demandas das prostitutas e das ações das associações que trabalham em seu favor. Abordando temas como saúde, cidadania, legislação, entre outros, ele é distribuído para profissionais do sexo em todo o país pelas organizações. Seu conteúdo também pode ser encontrado na internet pelo site [www.beijodarua.com.br](http://www.beijodarua.com.br). O *Beijo* surgiu de forma somente impressa, contudo, hoje, pode-se encontrá-lo na internet, oferecendo acesso às matérias divulgadas na última edição além de outras mais importantes que foram impressas nas publicações anteriores do jornal.

Davida ganhou as páginas dos noticiários por causa da Daspu. Uma grife feita por prostitutas que conseguiu notoriedade. Brincando com o nome de uma grande loja de departamentos de São Paulo, a Daslu, realiza, até mesmo, desfiles com suas modelos chamadas de “dasputinhas”. Pessoas de todo o Brasil, e até do exterior, estão se interessando pela Daspu, por sua ação de busca de cidadania das trabalhadoras do sexo.

---

<sup>11</sup> Toda essa história pode ser acompanhada no site da Rede Brasileira de Prostitutas: [www.redeprostitutas.org.br](http://www.redeprostitutas.org.br), no item “Com a cara e a coragem”. Acesso em 2 de abril de 2007, 14h38.

<sup>12</sup> Vila Mimosa, a Zona do Mangue, situava-se, à época, em um terreno próximo à atual Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Desapropriada de lá para dar mais espaço à prefeitura, hoje a Vila encontra-se perto da Praça da Bandeira. Você pode ver mais informações no site da Amocavim (Associação dos Moradores do Condomínio e Amigos da Vila Mimosa), [www.vilamimosa.com.br](http://www.vilamimosa.com.br). Acesso em 2 de janeiro de 2008, 15h22.

As roupas da grife são procuradas por pessoas do país inteiro e também do exterior. Vale a pena ressaltar que em uma visita ao escritório de Davida, no Rio de Janeiro, ainda em 2006, pude verificar que três jovens alemães olhavam entre as araras da Daspu, interessadas e admiradas pelas roupas da grife, ou até mesmo procurando por alguma peça que lhes agradasse.

No site do *Beijo da rua*, há um link que mostra os trabalhos da grife. Lá encontram-se produtos, eventos e um espaço para a exposição de roupas à venda, que é chamado de “putique”. No local dedicado a uma autodefinição, o seguinte texto é apresentado:

Somos prostitutas, reunidas na ONG Davida, que gostamos de moda. Discutimos modelitos, desenhamos, costuramos ou encomendamos as peças. Estamos só começando. Vamos produzir roupas de batalha (rua e casa), de laser (praias, parques e jardins), de folia (festas e carnaval) e de ativismo (direitos humanos e prevenção de DST/Aids). Não discriminamos mulheres de outras profissões. Muito menos os homens. Lindas camisetas para eles também. Na verdade, você sabe, sempre produzimos moda. Agora, estamos nos apropriando de nossa competência também nessa área<sup>13</sup>.

A proximidade com o nome da Daslu, loja famosa de São Paulo, rendeu uma grande pendenga judiciária a Davida. Em novembro de 2005, a despeito de ter sido meses antes investigada por sonegação e contrabando, a loja de departamentos de alto luxo notificou a Daspu por considerar um deboche a aproximação com seu nome. A notificação pedia a mudança de nome da Daspu em 10 dias, caso contrário medidas judiciais seriam tomadas. Apesar de haver juristas a favor e contra, o processo foi arquivado e a pendenga hoje parece adormecida. Muitas pessoas questionaram, também, porque outra grife que fazia alusão ao título da Daslu da mesma maneira – a Dasloca – nunca fora mencionada pela sua dona. Essa atitude nos põe mais uma vez diante do estigma das prostitutas. Afinal, não foi somente pelo que se considerou deboche, visto que a Dasloca, assim como a Daspu, utiliza uma aproximação irônica e bem-humorada da marca.

Entre as atividades de Davida, encontram-se prevenção de DST e Aids (entre as prostitutas e clientes), organização de um centro de memória, estudos e pesquisas, articulações de políticas públicas para as prostitutas e a publicação do *Beijo da rua*, o jornal que é dirigido à categoria. Nesse caminho pelo reconhecimento da profissão, em 9 de novembro de 2007, houve a votação de um projeto de lei do deputado Fernando

---

<sup>13</sup> [www.beijodarua.com.br](http://www.beijodarua.com.br). Acesso em 28 de março de 2007, 19h05.

Gabeira, facilitando o trabalho das profissionais do sexo. Na justificativa, o parlamentar diz:

Já houve reiteradas tentativas de tornar legalmente lícita a prostituição. Todas estas iniciativas parlamentares compartilham com a presente a mesma inconformidade com a inaceitável hipocrisia com que se considera a questão.

Com efeito, a prostituição é uma atividade contemporânea à própria civilização. Embora tenha sido, e continue sendo, reprimida inclusive com violência e estigmatizada, o fato é que a atividade subsiste porque a própria sociedade que a condena a mantém. Não haveria prostituição se não houvesse quem pagasse por ela.

Houve, igualmente, várias estratégias para suprimi-la, e do fato de que nenhuma, por mais violenta que tenha sido, tenha logrado êxito, demonstra que o único caminho digno é o de admitir a realidade e lançar as bases para que se reduzam os malefícios resultantes da marginalização a que a atividade está relegada. Com efeito, não fosse a prostituição uma ocupação relegada à marginalidade – não obstante, sob o ponto de vista legal, não se tenha ousado tipificá-la como crime – seria possível uma série de providências, inclusive de ordem sanitária e de política urbana, que preveniriam os seus efeitos indesejáveis<sup>14</sup>.

Na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania da Câmara dos Deputados, o projeto não foi aprovado e agora aguarda encaminhamento para apreciação em plenário. Em matéria feita para o jornal *Beijo da rua*, o jornalista Flavio Lenz César diz que:

Um acordo esteve a ponto de ser feito, mas discursos emocionais da deputada Maria do Rosário e do próprio ACM Neto, citando as “criancinhas prostituídas”, definiram os votos. A moralidade também foi tema de várias outras manifestações, como a de Paulo Maluf. Uma funcionária da Câmara, que acompanhava a votação, exclamou: Maluf falando em moralidade? Tirem os meus tubos!”<sup>15</sup>

Entretanto, Gabriela Leite reage com esperança, como se pode ver em um texto seu publicado no *Beijo da rua*, também encontrado no site do jornal<sup>16</sup>.

---

<sup>14</sup> Trecho da justificativa para apresentação do Projeto de Lei nº 98/2003 do deputado Fernando Gabeira. O trâmite do processo pode ser acompanhado no site da Câmara dos Deputados: <http://www2.camara.gov.br/proposicoes>. Acesso em 22 de janeiro de 2008, 15h47.

<sup>15</sup> Em: [www.beijodarua.org.br](http://www.beijodarua.org.br). Acesso em 7 de novembro de 2007, 14h32.

<sup>16</sup> Anexo 1.

### **1.5. A ação das prostitutas: uma agência pelo direito ao trabalho**

Apesar de toda dificuldade enfrentada pelas profissionais do sexo, organizações têm demonstrado que elas buscam superar os diversos estigmas que a sociedade lhes impõe com ações positivas em favor dos seus direitos e do reconhecimento de sua profissão.

Junto com todos os trabalhos já citados acima, as ONGs começam uma demonstração de organização na promoção da cidadania para as prostitutas. É importante saber que muitas dessas ações são voltadas para a comunidade. Muitos programas culturais, de educação e saúde chegam a satisfazer demandas da sociedade.

No livro *Eu, mulher da vida* (Leite, 1992), Gabriela relata seu trabalho com crianças filhas das mulheres que trabalhavam na Vila Mimosa. Esse trabalho foi visto por pessoas do Banco da Providência<sup>17</sup>, que tentaram ajudar, abarcando o projeto, o que depois foi considerado por Gabriela um grande erro. A busca por financiamento e a aproximação com pessoas ligadas às pastorais católicas pressionaram-na a tomar uma atitude diferente, pois as pessoas se incomodavam quando Gabriela se apresentava como prostituta. Ao fazer questão de continuar sendo o que realmente é, foi impedida de continuar no trabalho. Enfim, os responsáveis pelo projeto, na instituição, não conseguiram desenvolvê-lo. O resultado é que ele foi dado por encerrado e as crianças acabaram voltando a reunir-se com Gabriela, em um terreno nos fundos da Vila Mimosa<sup>18</sup>.

Um bom exemplo, também, da busca pela visão positiva do trabalho das prostitutas no tocante à promoção de cidadania e inserção social, encontra-se nas prostitutas do interior da Bahia. Em sua dissertação de mestrado em artes cênicas, pela Universidade Federal da Bahia, Nete Benevides relata a inserção das chamadas “prostitutas do Riachão” em sua comunidade, participando ativamente da vida, do trabalho, da fé e das artes praticadas em sua comunidade<sup>19</sup>.

Benevides ainda reforça que a renúncia do prazer sexual foi motivo de perseguição mais forte ainda às prostitutas (Benevides, 2006: 97). Isso mostra que o trabalho das prostitutas e das organizações de apoio é muito mais difícil do que se possa imaginar. Aniquilar o estigma dessas mulheres imposto pela sociedade há milênios,

---

<sup>17</sup> O Banco da Providência é um projeto criado pela Arquidiocese do Rio de Janeiro que tenta ajudar a condição de grupos excluídos na sociedade. Mais informações podem ser encontradas em seu site: [www.providencia.org.br](http://www.providencia.org.br).

<sup>18</sup> Toda a história pode ser lida no Capítulo 21: “Eu gosto de ser prostituta”, em Leite, 1992.

<sup>19</sup> Benevides, 2006.

superar a “demonização” do sexo (especialmente pela Igreja como instituição) e dar dignidade às profissionais do sexo não são tarefas fáceis. Em primeiro lugar, há que se ter consciência da sua realidade e decidir assumi-la. Isso é descobrir sua essência, como afirma Erich Fromm:

Nosso ser é a realidade, o espírito que nos move, o caráter que impele nossa conduta; em contraste, os feitos ou opiniões que estão separados de nosso núcleo dinâmico não têm realidade alguma. (Fromm, 1976)

O trabalho de Davida continua a busca pelo protagonismo<sup>20</sup> das profissionais do sexo, conforme nos diz Andréa Mello em sua dissertação de mestrado sobre a ONG, ao comentar com relação à identidade do movimento de prostitutas assumido por Davida. Citando o site da associação:

A se começar pelos principais objetivos dessa, que não se diferem da missão da Rede: assegurar o protagonismo e a visibilidade social das profissionais do sexo; promover políticas públicas para a categoria e exercer o controle social das políticas e atividades do Estado; obter o reconhecimento legal da profissão; promover a organização da categoria, assessorando a formação de associações e capacitando suas lideranças; reduzir as vulnerabilidades da categoria, especialmente nas áreas de direito legal, saúde e segurança; denunciar e enfrentar o estigma, o preconceito e a discriminação que atingem as profissionais do sexo; garantir e divulgar benefícios sociais para a categoria e conquistar melhores condições de trabalho e qualidade de vida para as prostitutas. (Mello, 2007)

O trabalho das profissionais do sexo, especialmente organizadas na Rede Brasileira de Prostitutas, rendeu avanços significativos. Um deles é o reconhecimento e a definição da profissão por parte do Ministério do Trabalho e Emprego. Participaram da equipe de especialistas para formulação da definição, entre outras pessoas, Gabriela Leite (Davida), Flavio Lenz Cesar (*Beijo da rua*) e Maria de Lourdes Barreto (Gempac – Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará).

Passamos, então, ao texto que define oficialmente a profissão, conforme divulgado pelo Ministério em sua página na internet<sup>21</sup>:

---

<sup>20</sup> Enfatize-se que o conceito de protagonismo utilizado pela ONG, a saber, a busca de cidadania e soluções para sua situação social, assemelha-se ao traçado por Holland, *et alii*, para agênciação. Contudo, manteremos o termo em consonância com as organizações quando for o caso.

<sup>21</sup> [www.mte.gov.br](http://www.mte.gov.br). Acesso em 18 de junho de 2007, 10h45.

## **1.6. A definição da atividade de profissional do sexo segundo o Ministério**

### **Código 5198 – Profissionais do sexo**

**Títulos** - Garota de programa, Garoto de programa, Meretriz, Messalina, Michê, Mulher da vida, Prostituta, Puta, Quenga, Rapariga, Trabalhador do sexo, Transexual (profissionais do sexo), Travesti (profissionais do sexo).

#### **Descrição sumária**

Batalham programas sexuais em locais privados, vias públicas e garimpos; atendem e acompanham clientes homens e mulheres, de orientações sexuais diversas; administram orçamentos individuais e familiares; promovem a organização da categoria. Realizam ações educativas no campo da sexualidade; propagandeiam os serviços prestados. As atividades são exercidas seguindo normas e procedimentos que minimizam as vulnerabilidades da profissão.

#### **Formação e experiência**

Para o exercício profissional requer-se que os trabalhadores participem de oficinas sobre sexo seguro, oferecidas pelas associações da categoria. Outros cursos complementares de formação profissional, como por exemplo, cursos de beleza, de cuidados pessoais, de planejamento do orçamento, bem como cursos profissionalizantes para rendimentos alternativos também são oferecidos pelas associações, em diversos Estados. O acesso à profissão é livre aos maiores de dezoito anos; a escolaridade média está na faixa de quarta a sétima séries do ensino fundamental. O pleno desempenho das atividades ocorre após dois anos de experiência.

#### **Condições gerais de exercício**

Trabalham por conta própria, na rua, em bares, boates, hotéis, porto, rodovias e em garimpos. Atuam em ambientes a céu aberto, fechados e em veículos, em horários irregulares. No exercício de algumas das atividades podem estar expostos à inalação de gases de veículos, a intempéries, a poluição sonora e a discriminação social. Há ainda riscos de contágios de DST, e maus-tratos, violência de rua e morte.

#### **Código internacional CIUO 88:**

5149 - Otros trabajadores de servicios personales a particulares, no clasificados bajo otros epígrafes

#### **A - BATALHAR PROGRAMA**

Agendar a batalha  
 Produzir-se visualmente  
 Aguardar no ponto (esperar por quem não ficou de vir)  
 Seduzir com o olhar  
 Abordar o cliente  
 Encantar com a voz  
 Seduzir com apelidos carinhosos  
 Conquistar com o tato  
 Envolver com o perfume  
 Oferecer especialidades ao cliente  
 Reconhecer o potencial do cliente  
 Dançar para o cliente

Dançar com o cliente  
 Satisfazer o ego do cliente  
 Elogiar o cliente

### **B - MINIMIZAR AS VULNERABILIDADES**

Negociar com o cliente o uso do preservativo  
 Usar preservativos  
 Passar gel lubrificante à base de água  
 Participar de oficinas de sexo seguro  
 Reconhecer doenças sexualmente transmissíveis (DST)  
 Fazer acompanhamento da saúde integral  
 Realizar campanhas sobre os riscos de uso de hormônios  
 Realizar campanha sobre os riscos de uso de silicone líquido  
 Denunciar violência física  
 Denunciar discriminação

### **C - ATENDER CLIENTES**

Preparar o kit de trabalho (preservativo, acessórios, maquiagem)  
 Especificar tempo de trabalho  
 Negociar serviços eróticos  
 Negociar preço  
 Realizar fantasias eróticas  
 Cuidar da higiene pessoal do cliente  
 Fazer streap-tease  
 Fazer carícias  
 Relaxar o cliente com massagens  
 Representar papéis  
 Inventar estórias  
 Manter relações sexuais  
 Dar conselhos a clientes com carências afetivas  
 Prestar primeiros socorros  
 Fazer compras para o garimpo (rancho)  
 Lavar roupas dos garimpeiros  
 Cuidar dos enfermos no garimpo  
 Posar para fotos

### **D - ACOMPANHAR CLIENTES**

Fazer companhia ao turista  
 Fazer companhia a cliente solitário  
 Acompanhar cliente em viagens  
 Acompanhar cliente em festas e passeios  
 Jantar com o cliente  
 Pernoitar com o cliente

### **E - ADMINISTRAR ORÇAMENTOS**

Anotar receita diária  
 Listar contas-a-pagar  
 Pagar contas  
 Contribuir com o INSS  
 Contribuir com a receita familiar  
 Separar parte da receita diária para poupança

Aplicar dinheiro em banco  
 Abrir conta poupança habitacional  
 Investir em empreendimentos de complementação de renda  
 Investir em pepitas de ouro

#### **F - PROMOVER A ORGANIZAÇÃO DA CATEGORIA**

Promover valorização profissional da categoria  
 Ministrando cursos de auto-organização  
 Apoiar a organização das associações  
 Fazer campanha de filiação  
 Realizar articulações políticas  
 Combater a prostituição infanto-juvenil  
 Participar de movimentos organizados  
 Treinar multiplicadores de informação  
 Distribuir preservativos  
 Contribuir para a documentação histórica da prostituição  
 Fomentar a educação geral  
 Fomentar cursos profissionalizantes  
 Reivindicar fundos para profissionalização  
 Participar da organização de cursos de primeiros socorros  
 Reivindicar cursos básicos de línguas estrangeiras  
 Participar da organização de cursos de beleza e massagem

#### **G - REALIZAR AÇÕES EDUCATIVAS NO CAMPO DA SEXUALIDADE**

Elaborar roteiro de teatro educativo  
 Produzir espetáculos educativos  
 Encenar espetáculos educativos  
 Conceder entrevistas  
 Aconselhar meninas de rua  
 Ministrando palestras na rede de ensino  
 Ministrando palestras nos cursos de formação e reciclagem de policiais

#### **Z - DEMONSTRAR COMPETÊNCIAS PESSOAIS<sup>22</sup>**

Demonstrar capacidade de persuasão  
 Demonstrar capacidade de expressão gestual  
 Demonstrar capacidade de realizar fantasias eróticas  
 Agir com honestidade  
 Demonstrar paciência  
 Planejar o futuro  
 Prestar solidariedade aos companheiros  
 Ouvir atentamente (saber ouvir)  
 Demonstrar capacidade lúdica  
 Respeitar o silêncio do cliente  
 Demonstrar capacidade de comunicação em língua estrangeira  
 Demonstrar ética profissional  
 Manter sigilo profissional  
 Respeitar código de não cortejar companheiros de colegas de trabalho  
 Proporcionar prazer

---

<sup>22</sup> Pode-se estranhar a utilização da letra "z" nesse item. Todavia, é ela mesma utilizada na definição. A idéia é que ficasse aberto para a inclusão de mais atividades relativas à profissão.

Cuidar da higiene pessoal  
 Conquistar o cliente  
 Demonstrar sensualidade

**Recursos de Trabalho:**

Acessórios; Agenda; Cartões de visita; Celular; Documentos de identificação; Gel lubrificante à base de água; Guarda-roupa de batalha; Maquiagem; Papel higiênico; Preservativo masculino e feminino

**Participantes da Descrição:**

**Especialistas**

Cassandra Fontoura  
 Flavio Lenz Cesar (jornalista do Beijo da Rua)  
 Gabriela Silva Leite  
 Imperialina Piedade da Silva  
 Janete Oliveira da Silva  
 Maria de Fátima Medeiros Costa  
 Maria de Lourdes Barreto  
 Marilene de Jesus Silva  
 Rozeli da Silva

**Instituições**

Associação das Mulheres Profissionais do Sexo da Bahia (Asproba)  
 Davida - Prostituição, Direitos Civis, Saúde (Rio de Janeiro)  
 Grupo de Apoio à Prevenção da Aids (Gapa-MG)  
 Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará (Gempac)  
 Igualdade - Associação de Travestis e Transexuais do Rio Grande do Sul  
 Núcleo de Estudos da Prostituição de Porto Alegre

**Instituição conveniada responsável**

DDC - DDC - Deisi Deffune Consultoria S/C Ltda

Nota-se, na observação da agenciamento entre as prostitutas e das demandas da sociedade, que também faz parte das atividades necessárias à profissão o cuidado com a vida financeira, com a organização da categoria e com iniciativas educacionais no campo da sexualidade.

Outrossim, é importante salientar a conexão que se faz com o código internacional nesta atividade profissional. Uma demonstração de que em outros países já há uma organização social que satisfaça as demandas com relação a esse tipo de trabalho.

Um ponto a salientar é a nomenclatura que se dá à profissão. No título do trabalho, pode-se julgar que há muitos termos. Todavia, em diversas organizações de prostitutas pelo país, discutiu-se (e ainda é tema de debates) que título se poderia atribuir à

categoria. Como prova disso, o *Beijo da rua*, na sua edição de março de 2007<sup>23</sup>, traz vários nomes dados às mulheres que trabalham com o sexo, a saber:

abre-abre, acreana, andorinha, argentina, bagaxa, bagaceira, balalaica, baranga, baronesa, batalhadora, biraia, biriba, bisca, biscaia, biscate, bruaca, brega, bregueira, broa, caborge, caçarola, cadela, camélia, canganha, canguicha, cantoneira, carapanã, carcaia, caridosa, catenga, caterina, catraia, chandoca, china, chobrega, chuteira, cupuína, cocote, concubina, coquinho, cortesã, cotruvia, couro de tambor, créa, cróia, crota, cuia, dadeira, dama, doidivana, égua, ervoeira, esquinista, fadista, fardeira, fátima, findinga, frega, frete, frincha, fuampa, fubana, fuleira, fúfia, fusa, gabirula, gado, galdéria, galinácea, galinha, galinha-polaca, galiqenta, galvinhão, ganapa, gansa, garota de programa, gata, geobra, girafa, gira-bolsinha, guampa, guerreira, jereba, jerianta, jupira, juruveva, lascada, léia, leona, libélula, livre, loba, lolita, loureira, madalena, madama, mãe, solteira, malote, mangue, maquininha, marmita, meretriz, messalina, michê, micheteira, michela, mija-homem, militriz, minestra, minólia, minota, miraia, moça, moça-dama, moça-do-faxo, morubixaba, mosca, mulher, mulher alegre, mulher á-toa, mulher cabreira, mulher-dama, mulher da rua, mulher da vida, mulher de vida fácil, mulher da zona, mulher de amor, mulher de bará, mulher de janela, mulher de má-nota, mulher de ninguém, mulher de ponta de rua, mulher de porta aberta, mulher de porta de quartel, mulher-de-soldado, mulher-do-facho, mulher do fandango, mulher do mundo, mulher errada, mulher perdida, mulher pública, mulher vadia, mundana, murixaba, muruxaba, ostra, paloma, pataqueira, pécora, penga, perdida, perua, piguancha, pinica, piniqueira, piranha, piranhuda, pirara, piriguete, piroqueira, pu, puara, puriba, puta, puta rampeira, putana, putanesca, putanete, putinha, putona, quenga, rabaceira, rameira, rampeira, rampideira, rapariga, retuína, reboque, respeitosa, roda-bolsinha, rota, rodó, surrubango, taioba, tamanqueira, tampa, tia, tolerada, torta, trabalhadeira, transviada, traviata, trepadeira, tronga, uru, vaca, vadia, vaqueta, várzea, vansuclo (?), ventena, vênus de rua, vigara, vigarista, vileira, vulgívara, xandra, xerete, zabaneura, zoina

Percebe-se que há muitos termos pejorativos, alguns fazendo alusão ao próprio trabalho e como ou onde ele se desenvolve, além de muitas expressões de regiões específicas.

Sobre as impressões da profissão, sua vida, posição da família, as dificuldades da infância e também o que sentem como impressão da sociedade com relação à sua ocupação, Anna Marina Bárbara, lançou um livro com entrevistas com nove mulheres que trabalham como prostitutas em vários locais (Bárbara, 2007). São mulheres que trabalham desde as ruas de Copacabana, encontrando-se com clientes de várias partes do mundo, até as ruas próximas à Central do Brasil.

---

<sup>23</sup> *Beijo da rua*, março de 2007. Contracapa.

No livro, as entrevistas de Anna Maria mostram que a afirmação de que a prostituta é mulher de vida fácil está longe de ser verdadeira. Pode-se ver, pelos próprios testemunhos das profissionais do sexo que, em grande parte das histórias, a prostituição é uma saída para a situação difícil que vem desde a infância. Uma forma de deixar a necessidade e até mesmo a fome.

### **1.7. Conclusão**

Abordar o tema do sexo já é, em si mesmo, um desafio na sociedade. Pôde-se perceber, neste capítulo, como nosso objetivo, que o sexo encontra-se também no jogo do poder dentro da sociedade. Há mecanismos que buscam manter essa relação, e uma conseqüente resistência à mudança, por parte do patriarcalismo, é percebida. Mesmo o avanço de questões humanas e sociais ainda não foi suficiente para superar o estigma e o moralismo da religiosidade judaico-cristã, que traz uma centralidade patriarcal ao modelo social em que vivemos. Essa situação atinge ainda mais as mulheres, que sofrem com a impossibilidade de gerir a utilização de seu próprio corpo, culminando na discriminação àquelas que decidem por trabalhar com ele.

Foi demonstrado neste capítulo que há grupos que questionam essa atitude na sociedade. Organizações, utilizando o princípio da agenciamento, requerem diante do poder público uma mudança no tratamento dispensado a parcelas estigmatizadas da sociedade e exigem respeito e cidadania. É o caso das ONGs que também trabalham pelos direitos das profissionais do sexo, inclusive buscando solução para que a sua atividade seja legalmente reconhecida.

No capítulo seguinte, serão abordadas questões de gênero, que se mostram pertinentes à situação das prostitutas, posto que também envolve uma radical discriminação com as mulheres e sua liberdade de escolha com relação ao seu corpo; e o conceito de agenciamento, que se mostra como uma forma de ação e reconhecimento de sua identidade de acordo com ela, bem como da realidade em que vivem. Essas serão as bases teóricas para a análise desse contexto social e de suas práticas.

## **CAPÍTULO II: Gênero e agência**

No primeiro capítulo, foi abordado que discutir a respeito de prostituição envolve basicamente dois temas que se mostram complicados para a sociedade brasileira: sexo e mulheres. Do primeiro, sabe-se que o estigma é desenvolvido principalmente pela ação da religiosidade que tolhe o gênero humano de lidar tranquilamente com uma dimensão natural de sua existência. Da segunda, percebe-se que a ação de dominação buscou transformar mulheres em seres submissos e inferiores.

Diante disso, torna-se necessário encontrar mecanismos que possibilitem tratar da questão sem os estigmas criados ao longo do tempo para estabelecer a dominação e o poder. Neste capítulo, serão examinadas as formas em que o gênero feminino é abordado na sociedade, especialmente por meio da linguagem, com o apoio de teorias que apontam e buscam superar as estratégias que estigmatizam as mulheres. Como base teórica, toma-se o apoio de Mary Talbot e seu trabalho que será apresentado adiante (Talbot, 1998).

Na superação dos conflitos de gênero, considera-se importante uma consciência ativa no tocante à agência. Esse conceito será trabalhado, entendendo-se que compreender seu significado e o fato de assumi-la é o começo de mudança na sociedade. O termo agência é utilizado como proposta de tradução para *agency*, em inglês. O tema será abordado também como base para entendimento do discurso. O trabalho adotado para discussão do conceito é de Dorothy Holland *et alii* (1998). Assim, a agência é uma ação positiva que busca integração à sociedade, respeito aos direitos e reconhecimento.

### **2.1. O início da atenção às questões de gênero**

A vida das mulheres era acomodada dentro das necessidades e imposições masculinas. Desde convicções da tradição judaica transferidas para o mundo ocidental pelo cristianismo, muitas das regras para a vida das mulheres eram estabelecidas sem alguma forma de reação significativa. Na sociedade atual, temos a resistência de grupos que se sentem aviltados em seus direitos e mesmo no respeito à condição humana. Assim também ocorre com mulheres que percebem a injustiça cometida contra elas.

Muitas estudiosas da questão de gênero afirmam que Simone de Beauvoir foi uma precursora no assunto (Minh-ha, 1998), levantando as situações em que se impõe a vontade dos homens sobre a das mulheres.

Beauvoir nasceu no começo do século 20 e fazia parte de uma família burguesa na qual regia a moralidade religiosa tradicional. Já na adolescência, rejeita essa criação e segue estudos de filosofia, na Sorbonne, onde fica amiga de Sartre, em 1928. Seu escrito que marca o início sistemático das reflexões sobre a situação das mulheres é *O segundo sexo* (Beauvoir, 1960)<sup>24</sup>, no qual ela trata, por meio de ensaios, de alguns fatos e mitos sobre a condição feminina. O assunto interessa a mulheres e homens, suscitando discussões em diversos âmbitos da sociedade. É nesta publicação que Beauvoir cunha a expressão “patriarcado”, para referir-se à dominação masculina na sociedade. Pierre Bourdieu também aborda o tema em seu trabalho, fazendo distinção entre diversas categorias aplicadas a ambos os gêneros (Bourdieu, 2003).

Em *Por uma moral da ambigüidade* (Beauvoir, 2005)<sup>25</sup>, pode-se perceber a construção da teoria feminista de Beauvoir, que será utilizada posteriormente por muitas teóricas do assunto, e que também levará ao início de trabalhos discursivos com relação a gênero. Ela questiona, nesses ensaios, a moralidade estabelecida em nome de Deus, e diz que, na dificuldade de afirmar isso, se deve buscar caminhos para a liberdade numa relação igualitária. Para isso, lança mão de ações éticas para que todos e todas tenham possibilidade de agir de acordo com sua vontade, em respeito aos direitos dos seus semelhantes.

Ainda encontram-se críticas ao trabalho de Beauvoir, como em Ellman, quanto à sua maneira de abordar o pensamento chamado patriarcal ou androcêntrico. Ellman considera equivocada a afirmação de que a racionalidade e a lógica sejam atribuídas aos homens (Ellman, 1979). Para ela, Beauvoir retira essas formas de raciocínio dos limites femininos, depondo contra as próprias mulheres.

A despeito das críticas, Simone de Beauvoir ainda é considerada uma das teóricas que iniciaram a reflexão sobre gênero, no tocante às mulheres, inclusive na prática discursiva, que é o tema desta pesquisa.

## 2.2. Gênero e discurso

O trabalho com a questão de gênero no campo da linguagem é feito por muitas teóricas e considera diversos aspectos. Entre eles, podemos destacar as repetidas afirmações sobre a construída incapacidade de mulheres, com relação aos homens. As

---

<sup>24</sup> Com a tradução de Sérgio Milliet, a Editora Nova Fronteira, recentemente, reeditou este trabalho de Beauvoir em dois volumes.

<sup>25</sup> A publicação também inclui um ensaio chamado “Pirro e Cinésias”. Sabe-se que Pirro foi um filósofo cínico que duvidava da possibilidade de o ser humano afirmar a verdade.

palavras relacionadas com o gênero feminino que mostram um menosprezo com a força de produção das mulheres e a sua contribuição com a sociedade, não somente no trabalho doméstico ou no cuidado de filhas, filhos e marido.

Esta seção apresentará algumas visões sobre a questão de gênero trabalhadas por teóricas no assunto e, em seguida, abordará o conceito que Mary Talbot traz em *Language and gender* sobre o tema (Talbot, op. cit.).

A pesquisa e o trabalho com gênero social são desafios para toda a sociedade. Apesar de estar a beira de completar um século (cf. apresentado acima com Simone de Beauvoir), ainda é tema novo, se comparado à história de outros campos de investigação. No caso desta pesquisa, torna-se um desafio ainda maior, por tratar-se de um homem interessado no assunto. Por outro lado, mostra-se a significância do tema, visto que é um instrumento para o encontro com a liberdade e a igualdade, como tratou Beauvoir nos ensaios de *Por uma moral da ambigüidade* (Beauvoir, 2005).

A busca por uma sociedade em que o respeito e a ética permeiam as relações somente poderá ser efetivamente significativa quando forem superadas as barreiras das ações para construção de direitos próprios. Isso é, inegavelmente, importante. Todavia, é no encontro com o outro, no conhecimento do diferente e na entrega às demandas daqueles que vivem conosco que poderemos reconhecer suas necessidades, as situações em que também contribuimos – seja por ato ou por omissão – para a legitimação de poder e dominação, e, mais justo, buscar lado a lado a modificação dos contextos de desigualdade e desrespeito aos direitos humanos básicos. Por isso mesmo, é um desafio superar a questão do sexismo nesta pesquisa. Certo é que há o olhar de um homem, o que não se pode negar. Contudo, juntamente com ele, há a certeza da necessidade de superação de uma ordem injusta e desigual.

Em seu trabalho sobre métodos de pesquisa não-sexista, Margrit Eichler afirma que há vários tipos de sexismo, contudo apresenta sete principais que se apresentam nesse tipo de trabalho, a saber, androcentrismo, generalização exagerada, insensibilidade de gênero, dois pesos e duas medidas, adequação de sexo, “familismo” e dicotomia sexual. (Eichler, 1991: 4).

Para a autora, é importante levar em consideração que o sexo é uma variável fundamental na sociedade. Ele não pode ser ignorado ou tratado de forma superficial com intenção de não causar problemas. Isso só serve para mascarar a marca dessa diferença trazendo, ainda mais, um apagamento das questões de gênero. Essa particularidade marca a insensibilidade nos textos para a situação de gênero na sociedade.

Eichler também mostra que essa situação pode se confundir com uma generalização exagerada. Entretanto, há diferença. Já que essa estratégia pode ser considerada como uma forma de androcentrismo, cabe reconhecer de que maneira está sendo utilizada. Contudo, no mínimo, esse problema em uma pesquisa não permite compreender, claramente, as necessidades das mulheres na sociedade, conforme ela afirma:

Se um estudo simplesmente falha em relatar o sexo de seus colaboradores, ou se um estudo de políticas ignora completamente os efeitos diferentes disso, por exemplo, uma determinada política de seguro desemprego para os dois sexos, então não poderemos identificar se estão incluídos sujeitos masculinos ou femininos ou se homens e mulheres poderiam beneficiar-se de forma diferenciada ou serem prejudicados por uma política particular.<sup>26</sup>

É por esse problema detectado por Margrit Eichler – e também apontado para uma tentativa de superação – que percebemos a necessidade de dar voz a quem não tem efetivos mecanismos de fala em sua comunidade.

Especificamente sobre as prostitutas, muitas autoridades são convidadas a afirmar sua posição e o que a sociedade deseja. Contudo, essas mulheres fazem parte, sim, da sociedade. Ainda que se tente ignorá-las, escondê-las, empurrá-las para o gueto e para a marginalidade, elas têm engendrado esforços para falar numa linguagem que a esfera pública compreenda, com o propósito de que sua profissão seja reconhecida e, mais que isso, seus direitos básicos sejam respeitados.

Na década de 1970, iniciaram-se os trabalhos mais sistemáticos na área de gênero, buscando uma linguagem não-sexista e observando as questões da sociedade androcêntrica, que traz limitação aos direitos das mulheres (Eichler, op. cit.: 3). Nas décadas seguintes, as publicações na área de gênero multiplicaram-se e muitos trabalhos foram produzidos. Apesar de basear-se em pesquisas sociológicas e antropológicas, as investigações na área de gênero surgem em diversos campos da investigação, mostrando que se trata de uma área multidisciplinar e interdisciplinar.

Sara Mills mostra a necessidade de uma perspectiva interdisciplinar do estudo do gênero em uma publicação que organiza (Mills, 1995). Sara situa-se no campo da linguagem, mas mostra que não se pode compreender a complexidade da situação de

---

<sup>26</sup> "If a study simply fails to report the sex of its respondents, or if a policy study completely ignores the different effects of, let us say, a particular unemployment insurance policy on the two sexes, then we cannot identify whether male or female subjects were included on whether males or females would differentially profit from or be hurt by a particular policy." (Eichler, 1991: 6 e 7)

gênero sem o apoio de outras disciplinas que possam ampliar o debate e fazer compreender as demandas de mulheres na sociedade.

Da mesma forma, apresenta o trabalho organizado por Kira Hall e Mary Bucholtz (Hall e Bucholtz, 1995), mostrando que é necessário incluir o gênero nas mais diversas disciplinas, para que haja uma interação de saberes e, dessa forma, surjam possibilidades de uma compreensão mais apurada da situação e possibilite uma superação das formas de opressão das mulheres.

As pesquisas na área de linguagem têm sido profícuas nos últimos tempos. Mostrando que o discurso está relacionado com a prática social (cf. Fairclough, trad. 2001), muitas pesquisas têm mostrado as relações de gênero por meio do discurso.

Um bom exemplo de estudo de gênero e discurso é *Gendered discourses*, de Jane Sunderland (Sunderland, 2004). Nesse livro, ela trata de discurso e análise de discurso relacionados a gênero. A importância da análise de discurso para compreensão das questões de gênero pode ser percebida quando Sunderland propõe, citando Nigel Edley:

As análises de discurso mostram até que ponto o discurso é marcado pelo gênero e, na verdade, a proliferação de trabalho aqui pode ser justamente por causa da capacidade da análise de discurso de desafiar a compreensão de gênero tradicional, reducionista e essencialista.<sup>27</sup>

Assim, Sunderland procede à análise de alguns casos para demonstrar essa capacidade da análise do discurso. A autora verifica o discurso em sala de aula, revistas para pais e literatura para crianças. Sunderland deixa claro o propósito da sua análise, quando afirma que encontra possibilidades de estudo “dentro e além das palavras ditas ou escritas”<sup>28</sup>.

É com o reconhecimento dessa demanda que serão abordadas algumas visões de gênero a seguir.

### **2.2.1. Gênero em Deborah Cameron: o problema do silenciamento**

Uma das autoras mais citadas atualmente em questões de gênero, a professora Deborah Cameron leciona em Oxford, desde 2004, e direciona sua pesquisa na área de sociolinguística e antropologia linguística, tendo publicado mais especificamente sobre

---

<sup>27</sup> “Discourse analyses have shown the extent to which discourse is gendered, and indeed the proliferation of work here may be precisely because of the ability of discourse analysis to challenge traditional essentialist and reductionist understanding of gender.” (Sunderland, 2004: 20).

<sup>28</sup> “‘in’ and ‘beyond’ words spoken or written” (Sunderland, 2004: 190).

linguagem de gênero e sexualidade. Tem também voltado seu interesse para a situação do mundo globalizado, da ideologia de linguagem e da linguagem de mídia.

Por essa inserção em várias áreas de conhecimento relacionadas com a linguagem, Cameron demonstra uma perspectiva interdisciplinar em seus estudos de gênero. Além disso, há um viés bastante crítico inclusive para com as próprias lingüistas feministas. Em seu artigo sobre os estudos de linguagem e gênero produzidos nos anos 1990 (Cameron, In: Mills, 1995), ela nos convida a uma reflexão sobre os esforços para que as pesquisas nessa área se tornassem mais acessíveis para a população em geral. Sua crítica vai no sentido de que se valer desse assunto poderia estimular a busca por um nicho voltado para vendas e lucro em primeiro lugar. Por isso mesmo, ela verifica que muitas produções aproximavam-se do estilo ligado ao sucesso de vendas no mercado internacional, a saber, os livros de auto-ajuda. Inclusive, aponta que os trabalhos produzidos por Deborah Tannen<sup>29</sup> estão sendo vendidos em seções de psicologia, auto-ajuda e crescimento pessoal. O assunto é abordado como questão de gênero, e as pessoas respondem a Tannen dizendo que seus livros têm ajudado a salvar seus casamentos (Cameron, op. cit.: 32 e 33).

Sobre isso, Cameron afirma que salvar um casamento está longe de ser a produção de uma crítica do casamento em si. Demonstrando que sua preocupação é com a mudança coletiva, nas ações públicas para as mulheres que venham a trazer mais justiça à sociedade, no tocante às relações de gênero.

Sendo assim, podemos dizer que a base de pesquisa de Cameron é na linguagem, sem deixar de aprofundar seus estudos com outras disciplinas, consideradas imprescindíveis no processo. Como resultado disso, ela considera muito importante a tradição cultural. Significa dizer que a “segregação dos sexos durante a infância e a adolescência produz diferentes marcas nos objetivos e estilos conversacionais”<sup>30</sup>. A maneira, então, como ambos, homens e mulheres, são ensinados na sua formação sobre a construção que sua sociedade faz do outro é imprescindível para a visão que terá deste.

Na introdução da publicação editada por Cameron *The feminist critique of language* (Cameron, 1998), ela mesma afirma que a linguagem é, sim, importante para a questão feminista. Abordando e explicando o termo “crítica” como um exame das

---

<sup>29</sup> Ver Tannen, 2001.

<sup>30</sup> “Segregation of the sexes during childhood and adolescence produces marked differences in their conversational goals and styles.” (Cameron, 1995: 33).

condições em que estão baseados os fatos. No caso, a questão da mulher, mais especificamente por meio da linguagem.

Para o exame crítico feminista da linguagem, Cameron propõe que se observem três temas principais<sup>31</sup>, quais sejam:

**(a) A fala e o silêncio**, considerando os momentos em que às mulheres se nega o direito de se expressarem sobre si mesmas livremente. Ela atenta para a utilização dos termos quando se explica esse fenômeno, mostrando o poder das metáforas. Como exemplo, dizer que as mulheres estão em “silêncio” ou “silenciadas” não significa que elas estão literalmente em silêncio, ou seja, que elas não têm capacidade de utilizar a linguagem. Há tabus que a sociedade impõe, transformando um aparente silêncio em “silenciamento”. O que acontece quando as vozes são abafadas, escondidas. Isso ocorre, como ela mesma atesta, em cerimônias religiosas, na retórica política, no discurso legal, bem como na ciência.

Nas práticas de letramento, também se pode perceber uma diferença no discurso da escrita. Cameron comenta que há uma recorrente exclusão da mulher das habilidades necessárias para a escrita. Se a escrita é uma forma de tecnologia, então sofre os mesmos tipos de manipulação que as outras, por parte das elites. Para confirmar sua teoria, ela lembra que muitas escritoras do século 19 preferiram adotar nomes masculinos para que seus trabalhos fossem aceitos pela crítica literária. Apesar disso, sempre eram julgadas como mulheres escritoras. Seus livros poderiam ser tachados de pouco femininos (quicá na tentativa de buscar aceitação) ou mesmo femininos demais. Dessa forma, a avaliação do trabalho em si era freqüentemente negligenciada, remontando ao problema da escrita e da diferença.

Com essa situação, Cameron questiona a legitimidade dos escritos das mulheres. Será possível para uma mulher realizar essa ação de forma autêntica? Mostrar habilidade para escrever, como a crítica exige, ou seja, a forma masculina – considerada tradicional – é suficiente? Ela afirma que é necessário superar essas exigências da crítica e conseguir dar vozes às mulheres acabando com seu silenciamento. Isso seria expressar a diferença das mulheres. Essa atitude está em consonância com o que diz a análise de discurso crítica (cf. Fairclough, trad. 2001), a saber, o uso da linguagem está de acordo com a prática social, sempre baseado na história e nas condições de vida dos falantes. Assim, é certo que mulheres que não concordam com suas condições terão atitude para

---

<sup>31</sup> In Cameron, 1998: 1 a 21. Introduction: Why is language a feminist issue?

exigir mudanças, inclusive – ou principalmente – com o uso da fala, da escrita e da imagem.

**(b) As representações: linguagem e discurso sexistas**, já que a linguagem faz parte da cultura humana e por meio dela compreende-se essa vertente da convivência. Com ela, mostramos nossas preocupações e o que passamos para as gerações vindouras. Dessa forma, como se vêem as mulheres, e o que elas significam dentro de determinado contexto, também é apreendido pelo uso da linguagem.

Nesse caminho, uma das coisas primordiais é superar as nomenclaturas que emergem. Cameron critica o termo “linguagem sexista” (Cameron, 1998: 11). Para ela, uma linguagem sexista não está relacionada somente com uma perspectiva masculina, especialmente de solteiros. Ela pode ocorrer em determinados contextos, com características diversas e particulares.

O que se demanda, a partir dessa afirmação de Cameron, é uma mudança na prática. A mudança na prática lingüística, na linguagem, será a demonstração da vontade de mudança na atitude, ou será a própria mudança de prática social que estará sendo indicada na prática da linguagem. Assim, a relação da prática social com o uso da linguagem favorece a mudança de uma situação desfavorável para determinado grupo. Ao convocar para uma mudança na prática – seja ela de linguagem ou de atitude, para que uma leve a outra – temos uma ligação com a necessidade de conhecer-se e agir de acordo com as suas demandas, o que leva para o conceito de agência, que será abordado mais adiante.

**(c) Falar de gênero**, também, é importante. Para não haver o silenciamento de que falamos antes, é preciso que não se apaguem as diferenças entre os gêneros. Há características marcantes de cada um deles. Por isso, há diversas formas de se abordar essas particularidades.

Dessa forma, a fala sobre as mulheres pode contribuir para construir – ou manter – a idéia de que a linguagem utilizada por elas é deficitária em comparação com aquela utilizada pelos homens. Isso está relacionado ao déficit. Sendo assim, surge um domínio por parte daqueles a quem se atribui melhor maneira de falar. Isso significa que a linguagem contribui para a submissão das mulheres dentro da sociedade. Há contextos em que a mulher não pode falar e os homens é quem falam por elas, caracterizando uma posição silenciada (como no campo religioso e no político vistos acima).

Cameron também aborda uma questão que nomeia essencialismo e antiessencialismo. Sobre esse termo, ela afirma que a existência de uma essência de

determinado tipo, a saber homens e mulheres, como distinção uns das outras, não pode ser negada. Ela pode ser biológica, levando ao contexto de sexo, mas a de gênero é socialmente construída. Portanto, a utilização do essencialismo ou do antiessencialismo também tem seu reflexo na lingüística feminista (Cameron, op. cit.: 17).

Com esses argumentos, Cameron propõe uma crítica feminista da linguagem. Uma atitude que possa ser positiva para as mulheres e que venha da própria cultura delas, defendendo seus interesses e dando voz àquelas que foram silenciadas pela sociedade e por uma cultura androcêntrica.

Utilizando essa preocupação, podemos ver o trabalho de Cameron avançando e buscando aprofundamento em elementos que demonstrem as questões de gênero e sexo na linguagem. Em um trabalho recente, ela pretende dar ênfase ao impacto do discurso nos leitores de temas relacionados à sexualidade (Cameron, 2006).

### **2.2.2. Gênero em Clare Walsh: a esfera pública**

Clare Walsh tornou-se mestre em análise de discurso pela Universidade de Birmingham, na Inglaterra, e hoje leciona em Bedfordshire, também no Reino Unido. Ela lidera o programa de cultura e literatura para crianças nessa universidade e seu interesse principal em pesquisa está na área de linguagem e gênero, colocando atenção mais especificamente no envolvimento de mulheres em instituições públicas onde o domínio de homens prevalece (cf. Walsh, 2006).

A base para compreensão do trabalho de Walsh no estudo das questões de gênero será sua publicação sobre linguagem e poder na política, na Igreja e em organizações (Walsh, 2001).

Uma primeira questão que podemos apreender em Walsh é a leitura do contexto de sexo e gênero no discurso. Na língua inglesa, a questão da nomenclatura é suficientemente resolvida no sentido de que se apresentam dois termos diferentes, quais sejam, *gender* e *genre*. O primeiro relaciona-se com o sexo e o segundo, com a gramática e o texto. Para a compreensão dessa diferença e da importância da utilização correta e satisfatória, levando-se em conta o interesse de mulheres, Walsh também indica a leitura da publicação organizada por Sara Mills que apresenta a questão de linguagem e gênero (cf. Mills, 1995).

Sendo assim, torna-se muito mais complicado para a língua portuguesa abordar as questões de gênero, visto que temos uma mesma palavra designando idéias diferentes – ainda que sutilmente diferentes. Tornou-se, então, necessário deixar claro, até mesmo

para os trabalhos de análise de discurso crítica, o que é gênero social e o que é gênero discursivo<sup>32</sup>, para além dos termos que designam sexo e gênero gramatical. Estudando as esferas públicas do discurso, Walsh afirma que os estereótipos criam uma generalização, uma convenção no tratamento e na forma de agir, e essa convenção é masculina.

No trabalho citado, ela analisa discursos especialmente políticos e religiosos – igrejas cristãs – e conclui que “as convenções que caracterizam esses gêneros estão atravessando atualmente um processo de mudança e de desafio”<sup>33</sup>. Além disso, mostrando que a ação das mulheres em busca de reconhecimento e respeito traz uma situação de tensão e crise que demanda um ajuste, para que se encontre um meio-termo nas relações que satisfaça a ambos os gêneros, construindo uma sociedade mais justa para todos e todas, ela afirma:

O que é necessário é uma compreensão de gênero que permita um grau de negociação entre as normas genéricas sancionadas socialmente e individualmente, ou, no caso dos desafios feministas, uma ação coletiva.<sup>34</sup>

Dessa forma, encontram-se no seio dos discursos estudados as ideologias de dominação com relação a gênero. Isso é reconhecido porque o discurso faz parte da cultura de determinada sociedade, refletindo, portanto, as ideologias sobre gênero embutidas nela.

Com base nessa compreensão do gênero no discurso, Walsh utiliza o conceito de poder traçado por Norman Fairclough em *Language and power* (Fairclough, 1989) – em que ele afirma que há um poder no discurso e um poder por trás do discurso<sup>35</sup>. Sua pesquisa, então, interpreta os textos a partir dos seus contextos de situação, considerando a fala, a escrita e os aspectos visuais. Tudo isso baseado nos fatores globais que contribuam para a produção, reprodução e transformação das relações e das identidades de gênero na esfera pública (Walsh, op. cit.: 63).

O trabalho de Walsh mostra que a tensão atual que ocorre entre os gêneros dentro dos órgãos públicos aponta para uma ação mais consciente por parte das próprias

<sup>32</sup> Para conferir como os gêneros podem inferir na construção da identidade, ver Magalhães, 2005b.

<sup>33</sup> “...the conventions that characterize these genres are currently undergoing a process of challenge and change.” (Walsh, 2001: 32).

<sup>34</sup> “What is needed is an understanding of genre that permits a degree of negotiation between socially sanctioned generic norms and individual, or in the case of feminist challenges, collective agency.” (Walsh, 2001: 32).

<sup>35</sup> “Fairclough refers to this as power *behind* discourse to distinguish it from what he terms power *in* discourse.” (Walsh, op. cit.: 62).

mulheres. Elas não estão mais posicionadas de forma passiva, aceitando ou suportando as estratégias de dominação. Estão agindo. E essa visão da ação das mulheres – uma forma de agência – é importante para a compreensão do gênero e da agência, também nesta pesquisa.

### **2.3. A construção de gênero em Mary Talbot**

Mary Talbot (Universidade de Sunderland) trabalha com teoria e análise de discurso crítica. Como está ligada ao centro de pesquisa em mídia e cultura, busca nesses contextos a relação de poder e exploração de gênero. Sua atenção às mídias de televisão, rádio, jornais e especialmente à internet ajudarão na compreensão da agência de prostitutas e da construção da sua identidade de gênero.

As publicações de Talbot mostram seu trabalho com relação a poder e linguagem, buscando investigar as relações na sociedade moderna, como as identidades se relacionam e como as estratégias de manutenção de poder são refletidas no uso da linguagem (cf. Talbot, 2003).

Na verificação de uma relação significativa para a compreensão da sociedade, Talbot se aprofunda na pesquisa das atuações dos indivíduos e organizações por meio das mais diversas mídias, como as citadas acima, mais especificamente, no contexto atual, a internet e suas formas variadas de se apresentar (ver Talbot, 2007).

Para a base teórica de gênero nesta pesquisa, tomaremos a publicação de Talbot *Language and gender: an introduction* (Talbot, 1998), em que ela aborda os estereótipos estabelecidos pela sociedade – seja para mulheres ou homens (parte 1); como se dá a relação entre homens e mulheres, levando-se em consideração esta tensão permanente entre ambos (parte 2); e a construção de gênero por meio do discurso, e como se dá o estabelecimento de uma linguagem que busca a dominação (parte 3).

Talbot começa justificando a sua pesquisa. Por que é importante para a sociedade o estudo de linguagem? Por que é necessário diferenciar sexo de gênero? Sobre essa questão, pode-se dizer que ao nascer somos classificados como homens ou mulheres, trazendo conseqüências e características preestabelecidas. Dessa forma, a compreensão de sexo e gênero é importante porque com essas categorias haverá um tratamento determinado por parte da sociedade. Alguém já tem uma forma definida e um padrão de atitude, palavras e gestos são esperados a partir de seu gênero. São os estereótipos. Com isso, e compreendendo que a linguagem faz parte de uma cultura, respondemos à primeira pergunta, dizendo que o discurso faz parte da maneira como o mundo nos vê, e

por meio dele percebemos o que a sociedade espera de nós e como molda nossa visão de mundo.

Assim, em Mary Talbot vamos perceber que o gênero é tratado como uma categoria social. Não se está falando, portanto, de gênero como argumento gramatical. Além disso, ela enfatiza que gênero é construído socialmente, diferentemente do sexo, que está dentro de um contexto biológico<sup>36</sup>.

Podemos colocar a diferença que Talbot faz entre sexo e gênero na tabela abaixo:

**Quadro 1 - Diferença entre sexo e gênero (baseado em Talbot, 1998)**

SEXO	GÊNERO
a) Biologicamente estabelecido	a) Socialmente construído
b) Determinado por genes, gônadas e hormônios	b) Aprendido culturalmente
c) O cromossoma masculino determina o sexo do novo ser. Se Y, as gônadas desenvolvem testículos. No caso de X, serão ovários	c) As características masculinas ou femininas são adquiridas na percepção do que é afirmado pelo seu contexto
d) Essencialmente binário	d) Não se determina de forma antagônica
e) Macho ou fêmea	e) Masculino ou feminino

A diferença entre o tratamento de gênero e de sexo pode ser percebida facilmente na linguagem. Como vimos no item e) da tabela acima, ao afirmarmos que um ser (quaisquer animais) é macho ou fêmea, determinamos seu sexo e o resultado da sua construção genética. Por outro lado, os conceitos masculino e feminino estão ligados a uma atitude ou pelo menos o que se espera por parte da sociedade. Fala-se de uma roupa masculina ou feminina, da mesma forma que de um corte de cabelo, contudo, pode-se encontrar em seres machos ou fêmeas esses cortes ou peças do vestuário. Da mesma forma, elas podem ser classificadas como mais ou menos masculinas ou femininas, enquanto que no tocante ao sexo, não há “mais macho” ou “menos fêmea”. Isso é determinado e não se discute.

Sobre isso, Talbot dá um exemplo da língua inglesa que pode ajudar na compreensão desse fenômeno, como se vê a seguir:

<sup>36</sup> Para falar da diferença entre sexo e gênero, Talbot cita o trabalho de Ann Oakley que aprofunda o conceito de gênero e os discursos sobre sexo na sociedade (Oakley, 1972).

Na linguagem cotidiana, faz sentido falar de uma mulher "masculina" ou de um homem "feminino". Ao contrário do sexo, gênero não é binário; podemos falar de um homem como mais masculino (ou feminino) do que outro. Esse contraste reflete-se na gramática do inglês. Gramaticalmente, podemos ter masculino, mais masculino, o mais masculino, mas não macho, \*mais macho, \*o mais macho.<sup>37</sup>

A partir da diferença entre sexo e gênero, muitas características socialmente aprendidas são confundidas como inatas por parte de mulheres e homens. Ocorre, também, que muitos tentam justificar cientificamente determinados conceitos de gênero, relacionando-os com o sexo. Sobre isso, Talbot dá como exemplo a situação da agressividade e da violência.

O resultado de pesquisas de estatísticas mostra que muito mais homens estão envolvidos em crimes violentos do que mulheres. Uma tentativa de explicar isso cientificamente está na presença de testosterona em níveis mais altos nos homens do que nas mulheres. Ocorre que, apesar dessa situação ser verdadeira, também se encontra em mulheres essa substância. O que Talbot traz à tona é que não se pode negar que seja um fato relevante o nível de testosterona, contudo também não se pode afirmar com total segurança que seja essa a razão pela qual os homens têm mais tendência a serem violentos que as mulheres.

Talbot relembra as pesquisas sobre a agressividade de meninos em nível mais alto que a das meninas na fase pré-escolar. Se nessa fase meninos já são agressivos, e nessa idade os níveis de testosterona deles e das meninas são relativamente parecidos, fica prejudicada a tese da substância que justifica a agressividade. De qualquer forma, Talbot acaba comparando a situação com o dilema do ovo e da galinha: quem veio primeiro? Significa perguntar: a agressividade produz testosterona, ou a testosterona faz nascer o ser violento?

Enfim, o prejuízo de estudos científicos com testosterona fica mais evidente quando se sabe que as pesquisas com essa substância foram feitas somente em ratos e camundongos, não em seres humanos.

A sugestão, então, lembrando a construção de gênero, que é aprendida socialmente, está na determinação dessa diferença afirmada na cultura. As tradicionais

---

<sup>37</sup> "In everyday language, it makes sense to talk of a 'masculine' woman or a 'feminine' man. Unlike sex, gender is not binary; we can talk about one man being more masculine (or feminine) than another. This contrast is reflected in the grammar of English. Grammatically we can have masculine, more masculine, most masculine but not male, \*maler, \*malest." (Talbot, 1998: 7). Talbot também explica o uso dos asteriscos, dizendo que é a convenção na lingüística para indicar formas agramaticais.

afirmações, como “homem não chora” (já construindo uma personalidade dura) e “menina brinca com bonecas” (preparação para a vida doméstica), demonstram que a sociedade cria os homens e as mulheres, isto é, os masculinos e os femininos, por meio das regras familiares, em princípio. E essa construção sempre é feita em privilégio do homem. Por isso mesmo, a busca por parte da mulher de melhores condições de vida na sociedade é criticada por alguns. Para conhecer isso, podemos ver a crítica que Talbot faz ao trabalho de um médico que afirma que a ambição, o estresse, o poder e o trabalho estão “transformando as mulheres em homens”. Da mesma forma, Talbot coloca, no mesmo nível da crítica, trabalhos de feministas que tentam utilizar a biologia para determinar conceitos culturalmente aprendidos, como a violência. Andrea Dworkin, por exemplo, afirma que “a violência é macho e o macho é o pênis”<sup>38</sup>.

Assim, Talbot nos coloca na situação da construção discursiva do masculino e do feminino. Longe de se tentar responder às questões do ovo e da galinha, o que se busca é encontrar nos elementos discursivos as situações onde as identidades de homens e mulheres estão sendo construídas. Mais ainda: como elas são determinadas e onde elas geram uma relação de poder e hegemonia.

Na terceira parte de *Language and gender*, Talbot aborda a construção do gênero e o discurso. Ela afirma, inclusive, que o conceito de maternidade, a idéia de que a mulher já nasce com o instinto maternal, também é construído pela sociedade e já vem sendo trabalhado dentro da família, como abordado acima no exemplo de meninas que devem brincar com bonecas, presume-se, “treinando” a maternidade.

Avaliando a situação da mulher em momento de pré-natal, Talbot reconhece o poder do discurso médico na construção dessa identidade maternal. É momento de o discurso de autoridade ensinar à mulher como deve agir, como ser mãe. Reconhece-se, então, a construção da identidade de mãe (que se, afinal, fosse inata, não seria necessário um aprendizado profissional) e o poder do discurso de autoridade do médico.<sup>39</sup>

Para reconhecer as estratégias de linguagem e como se dá a construção de gênero nesses discursos, Talbot apresenta questões que podem ser feitas (citando Kress, 1985) para compreender esses elementos<sup>40</sup>:

1. Por que se escreve sobre esse tema?

<sup>38</sup> Talbot, op. cit.: 9 e 10. Citando trabalhos de Kramarae (1981) e Dworkin (1979).

<sup>39</sup> Sobre o poder do discurso médico e sua relação com as mães, pode-se ver em Magalhães, 2000a.

<sup>40</sup> “Why is this topic being written about? How is this topic being written about? What other ways of writing about the topic are there?” (Talbot, op. cit.: 167)

2. Como se escreve sobre esse tema?
3. Existem outras maneiras de se escrever sobre este tema?

A maneira de abordar o gênero e as questões feitas por Talbot serão levadas em consideração nas análises desta pesquisa, principalmente por considerar que as diferenças entre homens e mulheres são socialmente construídas em contraponto a uma pseudodeterminação biológica.

A contribuição de Talbot reside em afirmar que não se pode determinar cientificamente a inferioridade de mulheres, nem mesmo a selvageria de homens. Nisso reside uma crítica à sociedade, que tem criado mulheres submissas e homens violentos, como se pode verificar na dissertação de mestrado de Tatiana Rosa Nogueira Dias<sup>41</sup>.

#### **2.4. Agenciação: a ação em busca de reconhecimento e direitos**

O termo agenciação foi escolhido depois de muita pesquisa e tentativas de aproximação com palavras utilizadas em português como paralelo ao *agency* (em inglês). Tomamos por base para o conceito o que escreveu Dorothy Holland, Debra Skinner, William Lachicotte Jr. e Carole Cain em *Identity and angecy in cultural worlds* (Holland, *et alii*, 1998).

Como definição do conceito de agenciação, pode-se ver o que afirma Ruth Lister sobre *agency* (termo tomado, daqui em diante, exclusivamente como agenciação, a não ser quando queremos voltar ao protagonismo afirmado pelas ONGs):

Por agenciação refiro-me à capacidade dos indivíduos ou grupos de enveredar por processos autônomos de auto-realização. A abordagem considera a agenciação "localizada em uma relação dialética com as estruturas sociais" e "encaixada nas relações sociais".<sup>42</sup>

A partir disso, surgiu a necessidade de traduzir o termo para a língua portuguesa. Em uma primeira vista, poder-se-ia traduzi-lo como “agência”. Contudo, alguns problemas seriam encontrados com essa posição, a saber, o tema da pesquisa, ou seja, a prostituição. Ao falarmos de agência, poderíamos confundir o leitor com algum comércio que agende programas de prostitutas, as agências de garotas de programas. “Agenciamento” poderia ser relacionado com o ato praticado por esses comércios, bem como o verbo “agenciar”.

<sup>41</sup> Dias, 2007. Especialmente o cap. 2: “Identidade de gênero e violência doméstica”.

<sup>42</sup> “By agency I refer to the capacity of individuals or groups to embark on processes of autonomous self-realisation. The approach is one that considers agency as 'located in a dialectic relationship with social structures' and 'embedded in social relations'.” (Lister, 1997: 37)

Agência como tomar atitude, ser agente, remonta ao termo “ator”. Assim, surgiu a idéia de “ator social”. Contudo, o termo ator social está relacionado com alguém que atua na sociedade em favor de outros, grupos ou indivíduos, que se encontram em situação desfavorável<sup>43</sup>.

Dessa forma, sendo o ator principal até considerado o protagonista de uma peça, filme, novela ou obras do gênero, e encontrando similaridade com o termo utilizado exaustivamente para a auto-realização, especialmente, no protagonismo juvenil (Rabêllo, 2008), decidiu-se acolher este termo para considerar a atuação de mulheres na busca de seus direitos na sociedade, bem como a realização de organizações que tratam dos interesses das profissionais do sexo. Todavia, tendo em vista o foco desta pesquisa, acolheu-se o termo “agenciação” para uma tradução teórica de *agency*, para que não se reduzisse o conceito a uma ação de organizações não-governamentais.

Considerando, enfim, que a agenciação é “a capacidade e o desejo dos intervenientes para tomar medidas em relação à sua situação social”<sup>44</sup>, serão buscados os elementos discursivos que apontam para uma agenciação ou até mesmo dos entraves que se apresentam no caminho das ações em favor das mulheres e das profissionais do sexo.

Em Holland *et alii*, aborda-se a construção da identidade<sup>45</sup>, afirmando que as ações das pessoas serão formadas por representações de processos e capacidades previamente convencionadas. Contudo, a antropologia já se debruçou sobre discussão entre culturalistas e universalistas. Os primeiros afirmando que o ser humano se constrói por meio da cultura em que é inserido; os outros, que a cultura está subordinada à natureza humana. A antropologia crítica tende a adotar o conceito de que a cultura realmente afeta a condição emocional, de desenvolvimento individual, cognitivo e suas tendências. Isso aproxima a antropologia crítica do conceito de poder e conhecimento traçado por Foucault em seus trabalhos<sup>46</sup>.

Conhecendo a situação cultural, pessoas se levantam com críticas ao tratamento dispensado a determinados grupos da sociedade. São diversos grupos, como as mulheres que não reconhecem mais os argumentos para que sejam consideradas

---

<sup>43</sup> Conforme definição encontrada na página da internet do Ministério da Saúde: [www.saude.sc.gov.br/gestores/Oficina\\_Agenda\\_Apoio\\_Coop\\_Tecnica\\_Gestao\\_do\\_SUS/](http://www.saude.sc.gov.br/gestores/Oficina_Agenda_Apoio_Coop_Tecnica_Gestao_do_SUS/). Acesso em: 17 de março de 2008, 10h15.

<sup>44</sup> “The capacity and willingness of actors to take steps in relation to their social situation.” (Goddard, 2000: 3).

<sup>45</sup> Holland, *et alii*, op. cit.: I.2.: “A practice theory of self and identity”, p. 19 - 46.

<sup>46</sup> Ver Foucault, 2007a e Foucault, 2007b.

inferiores aos homens ou simplesmente instrumentos para o prazer ou conforto destes. Holland cita o exemplo de mulheres do Nepal central que superaram as diferenças de castas e puderam se reunir<sup>47</sup>.

Uma chave para a compreensão da agenciação está no conceito de identidade, complexo por sua utilização em vários campos teóricos, como antropologia, sociologia, psicologia e outros estudos culturais. Holland toma como base o conceito traçado por G. H. Mead, da American School of Social Psychology, (cf. Holland, *et alii*, op. cit.: 4 e 5). Para Mead, trata-se de uma habilidade instintiva de coordenar suas ações e traçar o encaminhamento dessa coordenação por meio do seu envolvimento na vida social. Essa ação acontecerá a partir do conhecimento de suas tendências desenvolvidas na infância, produto de sua história social.

Como um caminho para o desenvolvimento da identidade e para a agenciação, a partir disso, mostra como age o indivíduo que reconhece sua situação e resolve superá-la ou transformá-la. Vygotsky, mesmo, afirma que a existência humana tem como base a habilidade dos humanos de fugirem da escravidão (ver Holland, *et alii*: 35). Assim, o que elas chamam de “desenvolvimento heurístico” ocorre a princípio com dois processos: o encontro de pessoas, recursos culturais, situações em prática; e apropriação desses recursos para o início das atividades. Esses processos devem se tornar ferramentas de agenciação, controle de si mesmo e mudança.

Como exemplo da agenciação de mulheres no Brasil, temos ações que já chegaram até o Estado, reconhecendo a necessidade de também ter participação ativa na superação de situações que, como se vê em Vygotsky, podem se comparar à escravidão, visto que nega ao indivíduo a apropriação do seu próprio curso, de suas escolhas, silenciando sua voz.

A Agende – Ações em Gênero Cidadania e Desenvolvimento – publicou, em 2002, uma cartilha chamada *Direitos humanos das mulheres... Em outras palavras: subsídios para capacitação legal de mulheres e organizações* (Libardori, 2002). Nessa publicação, relatam-se os pontos da Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher (Cedaw). A convenção trabalha com a Declaração Universal dos Direitos Humanos e faz orientações, entre outras, para as responsabilidades da casa serem compartilhadas pelo casal, significando dizer que não

---

<sup>47</sup> “The woman who climbed up the house” (Holland, *et alii*, op. cit.: 3 - 18), que se pode traduzir por “a mulher que superou a casa” ou “que “...subiu na casa”. Essa duplicidade pode se dar pela escolha do verbo pelas autoras, afinal a reunião das mulheres acontecia no segundo andar de uma casa.

devem ser somente peso para um membro da família, a saber, a mulher e mãe. Isso esclarece às mulheres que, a partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos, há igualdade perante a lei na sociedade, no trabalho, na educação, na vida pública, cultural, política, no direito à saúde, no casamento, na família, portanto, no lar.

A cartilha mostra também estratégias para ação a partir de comunicação sobre discriminação contra a mulher e também dedica um capítulo à violência contra a mulher. Ela define a violência, mostra que a vida sem violência é um direito e que os governos têm responsabilidade com relação a esse problema.

Um outro destaque também pode ser dado à publicação da Unifem – Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher -, chamada *O progresso das mulheres no Brasil* (Puglia, 2006), que traz textos, de diversos autores experientes no assunto, abordando as atuações de mulheres em torno dos direitos humanos, especialmente na área de trabalho, políticas para o meio rural, racial, da sexualidade e de direitos reprodutivos, busca da cidadania e trabalho contra a violência.

Ana Falú, da Unifem, em seu texto de abertura da cartilha citada por último, mostra que a ação de mulheres é um fenômeno internacional e relativamente novo, se tomado historicamente. Ela cita encontros em outros países que geraram uma consciência em mulheres de várias partes do mundo, o que também provocou uma maior contemplação dos direitos das mulheres na Carta Magna do Brasil, promulgada em 1988, como se pode ver no trecho:

O processo de incorporar a questão de gênero nas políticas públicas é relativamente recente e está relacionado às demandas colocadas por esses movimentos organizados e pelos organismos internacionais, com destaque para as Conferências Mundiais das Mulheres, em 1975, no México; em 1985, em Nairobi; e em 1995, em Pequim. (Puglia, op. cit.: 7)

Essa agenciamento que chega até as mulheres, acontece também em outros setores da sociedade. Negros, indígenas, moradores de rua, jovens, idosos e tantos outros reconhecem sua situação e começam a agir em busca de igualdade em direitos e cidadania.

Da mesma forma, as profissionais do sexo começam a trabalhar sua agenciamento e podemos ver ações que buscam mostrar uma necessidade de respeito por seu trabalho e uma aproximação da sociedade, primeiramente para acabar com o silenciamento imposto a elas.

O site da ONG Davida<sup>48</sup> mostra uma ação que visa não somente à sociedade, mas também à própria profissional do sexo. Um dos desafios é atingir a identidade da prostituta. Ela precisa reconhecer sua situação. Há trabalhos, então, como feitos nas cartilhas citadas anteriormente, para aprofundamento da situação social, do direito de mulheres e da história da prostituição no país, o conhecimento de ações internacionais e as organizações. O site mostra, durante sua apresentação, figuras que se alternam com mensagens que tentam esclarecer as profissionais do sexo sobre sua profissão, como se pode ver abaixo na figura 1.



Figura 1: Tarjetas mostradas no site de Davida ([www.davida.org.br](http://www.davida.org.br))

Notamos um esforço para deixar claro que há uma “vergonha”, ainda, de falar da profissão. Nesse paralelo, sabemos que as profissionais do sexo ainda trabalham, inclusive dentro dos órgãos do governo, para que seu trabalho seja reconhecido (ver capítulo anterior). Junto com isso, enfatiza-se a necessidade do uso de camisinha e de denunciar a violência.

Saber os caminhos que a sociedade traça para reconhecer um grupo também é estratégia de um segmento para ser aceito. Por isso a criação de um site, o

<sup>48</sup> Ver [www.davida.org.br](http://www.davida.org.br). Acesso em 5 de novembro de 2007, 16h05.

estabelecimento de uma ONG, o debate com a sociedade por meio do Congresso Nacional e cada vez mais organizações se estabelecendo.

A Vila Mimosa também construiu um site e está organizada em Associação dos Moradores do Condomínio e Amigos da Vila Mimosa – Amocavim<sup>49</sup>. Da mesma forma, na ação da Vila Mimosa, encontram-se ligações para história, notícias e até biblioteca. Além de afirmar que é uma “ocupação de respeito” (figura 2), em alusão aos protestos de alguns elementos da vizinhança e à necessidade de respeito às profissionais do sexo.



Figura 2: Apresentação do site da Vila Mimosa ([www.vilamimosa.com.br](http://www.vilamimosa.com.br))

## 2.5. Conclusão

O trabalho de mulheres para superação das diferenças e do silenciamento por que passam em nossa sociedade é uma realidade cada vez mais forte. Isso se dá também no campo da linguagem, em que muitas situações demonstram o estigma e a inferiorização a que são impostas. Como vimos em Talbot, muitas afirmações que tentam utilizar a biologia para provar as diferenças entre homens e mulheres mostram-se como resultados de experiências muito frágeis. Portanto, de acordo com o que é sugerido por teóricas de linguagem e gênero, abordadas neste capítulo, trata-se de estratégias para manutenção do poder e da dominação do gênero masculino.

Dessa forma, surge no campo do trabalho de gênero, nas mais diversas comunidades de mulheres que se organizam, a agenciamento buscando ser sujeito de sua própria situação e por meio do conhecimento de sua identidade e de sua capacidade, conseguir engendrar ações que visem à justiça, à cidadania e à igualdade.

<sup>49</sup> [www.vilamimosa.com.br](http://www.vilamimosa.com.br). Acesso em 4 de dezembro de 2007, 11h25.

Essa agenciamento é também ação de profissionais do sexo que trabalham sua história, sua ação e a necessidade de agir para que a sociedade entenda que fazem parte dela e deve ser dado a elas os direitos universais e oferecidos pelo Estado.

No próximo capítulo, veremos de que forma o discurso se apresenta como uma prática social, como um elemento do contexto em que se vive, e, portanto, pode ser uma estratégia para conhecer o funcionamento de determinada situação desse contexto.

### **CAPÍTULO III: Análise de Discurso Crítica**

A Análise de Discurso Crítica (ADC) é uma abordagem que considera o discurso uma forma de prática social. Portanto, é por meio dele que se apresentam os processos e as condições sociais. Dessa forma, a ADC será o instrumento pelo qual se fará a aproximação da prática e das condições das profissionais do sexo, especialmente no tocante à legalização de sua atividade de trabalho.

Como foi apresentado anteriormente, nos Capítulos 1 e 2, as prostitutas estão envolvidas em processos que ainda não são bem compreendidos pela sociedade. O sexo ainda é considerado pecado, portanto proibido; a prostituição é marginalizada e por vezes tachada como crime; além da situação enfrentada pelas mulheres no seu dia-a-dia, com relação às obrigações familiares e aos estereótipos que lhes são impostos. Foi visto também que, para a superação desses estigmas, já vemos atuações de mulheres e grupos organizados lançando mão da agência, buscando superar essa imposição e visando ao reconhecimento de seus direitos e à cidadania com ações na esfera pública.

É por meio do discurso que se propõe analisar a atuação das profissionais do sexo. É com as palavras que escolhem (seleção lexical) e a retomada de discursos paralelos (intertextualidade) que se busca perceber as ações que requerem mudança em sua condição, mas também a repetição da linguagem que reforça os estereótipos construídos pela prática social, que ainda se mostra androcêntrica.

#### **3.1. Os estudos da linguagem: da Lingüística Sistêmico-Funcional (LSF) à ADC**

O condicionamento ao meio social faz parte do ser humano. Portanto, sua linguagem também se relaciona com a vida em sociedade. Contudo, os estudos da língua não foram sempre assim. No início, com Ferdinand de Saussure, os conceitos de língua e fala eram estudados com uma tentativa científica e totalmente afastada do ser humano como um ser social (Saussure, 2001).

A partir dos resultados apresentados por Saussure e da percepção de pesquisadores de que a linguagem está intrinsecamente ligada ao contexto social, duas abordagens lingüísticas surgem com diferenças marcantes: a formalista e a funcionalista.<sup>50</sup> O paradigma formalista considera a linguagem como uma unidade

---

<sup>50</sup> Ver em Resende & Ramalho, 2006, 12 - 14: "Os paradigmas formalista e funcionalista na investigação lingüística".

independente. Significa dizer que não levava em consideração nenhum fator externo que pudesse influenciar seu uso. Sendo assim, o estudo da língua, nesse caso, leva em consideração somente sua estrutura sistemática. Verifica suas formas e funções, considerando o discurso como uma “unidade acima da sentença”.

Já a abordagem funcionalista considera a língua como uma parte de um contexto, por meio do qual ela é influenciada e sofre transformação. Sendo assim, ela não pode ser suficiente para compreender sua organização interna. É necessário que seja considerada como uma “linguagem em uso” para que o discurso seja aquele que traga a compreensão das sentenças utilizadas. Isolada de seu contexto, a linguagem não apresenta seu significado.

No início da década de 1950, Zellig Harris escreve um artigo intitulado *Discourse Analysis*, que foi publicado por vários periódicos<sup>51</sup>. Nesse artigo, Harris já apresenta um método para análise de discurso. A partir dessa gênese da ADC, pode-se perceber que a abordagem funcionalista da língua é que será utilizada nessa investigação do discurso.

Com isso, inicia-se um processo que reconhece que a linguagem sempre está situada em um contexto. Halliday e Hasan (Halliday & Hasan, 1985) recobram os conceitos de significante e significado, utilizados por lingüistas gregos e por filósofos estóicos, os quais foram desenvolvidos por Saussure. A semiótica estuda os signos, sinais e significados. Sendo assim, compreende-se que a semiótica estuda o sistema de sinais, ou seja, o que eles vão significar de forma geral e dentro de determinado contexto.

É importante saber que a língua é somente uma forma de semiose. Isso quer dizer que, no contexto de signos e sinais, haverá outros recursos para demonstrar o significado. Cada comunidade compreende uma cultura e, dessa forma, tem modos específicos de significados, como afirmam Halliday e Hasan:

Estes incluirão ambos os tipos de arte como pintura, escultura, música, a dança, e assim sucessivamente, e outros modos de desenvolvimento cultural que não são classificados como formas de arte, como modos de troca, modos de vestimenta, estruturas da família, e assim sucessivamente. (Halliday e Hasan, 1985: 4)

Dessa forma, percebemos que há uma relação intrínseca entre a semiose e a cultura. Sem conhecer a cultura de uma comunidade, torna-se difícil compreender o seu sistema de signos, sinais e os significados, certamente. Sendo parte de uma cultura, de

---

<sup>51</sup> Ver em <http://www.dmi.columbia.edu/zellig/>. Acesso em 15 de abril de 2008: 14h30. Também em Magalhães, 2000a: 75.

um sistema social, não configura um elemento individual, mas parte de uma rede de relações. A linguagem, portanto, faz parte dessa rede. Ela é também utilizada para demonstração dos significados dentro da cultura humana.

Nessa compreensão da simbiose entre a linguagem e a carga cultural de uma sociedade e até mesmo de um indivíduo, é imprescindível reconhecer e buscar compreender a relação entre a linguagem e a estrutura social em que ela é utilizada. As unidades do discurso têm relação e coerência sintática, ou seja, precisam estar relacionadas de forma compreensível na estrutura das frases. Todavia, essa coerência e relação não se dão somente no campo sintático, mas também acontece no contexto em que o discurso é utilizado, como se pode ver no que diz Deborah Schiffrin:

Discurso não se apresenta como um conjunto de unidades descontextualizadas de estrutura de linguagem, mas como um conjunto de unidades da linguagem em uso inerentemente contextualizadas.<sup>52</sup>

Daí a LSF observar outros aspectos da linguagem que não eram considerados anteriormente, como as imagens no sistema semiótico, por exemplo (Fairclough & Wodak, 1997: 375 – 376). Por isso essa teoria considera o texto como uma dimensão semiótica da prática social e também uma produção social, ou seja, um item que pode ser utilizado e reutilizado fazendo sentido em outras situações (Fairclough, trad. 2001). Essas são considerações que serão utilizadas na Teoria Social do Discurso, iniciada por Fairclough e que é a base da ADC, que também será apresentada mais abaixo.

### **3.2. A Análise de Discurso Crítica (ADC)**

Na base da ADC, há a idéia de que o discurso faz parte da prática social e essa relação é indissolúvel. Tal concepção já é aceita por muitos teóricos de vários lugares e escolas, como se pode perceber na afirmativa abaixo:

O indivíduo humano adquire, usa e desenvolve suas habilidades e qualidades sociais na confrontação ativa, condiciona sua própria vida inventiva – em todas as suas atividades sociais.<sup>53</sup>

Como afirma a citação, o ser humano está condicionado ao meio social. Desta forma, a linguagem das profissionais do sexo também se relaciona com o meio social em

---

<sup>52</sup> "Discourse arises not as a collection of descontextualized units of language structure, but as a collection of inherently contextualized units of language use." (Schiffrin, 1994: 39).

<sup>53</sup> In: VVAA. *Sprachliche Kommunikation und Gesellschaft*. 1974. p. 198.

que elas estão inseridas. Isso quer dizer que falarão, com seu discurso, de suas expectativas, suas reações, suas reivindicações etc. Afinal, segundo Foucault, o discurso também mostra a libertação do desejo e a liberação do poder (Foucault, 2004: 20).

A ferramenta utilizada nesta pesquisa para encontrar esses elementos no discurso das prostitutas está na ADC. Ela surge a partir de uma “arqueologia” (Magalhães, 2004) iniciada pela Lingüística Sistêmico-Funcional (LSF) e que passa pela Lingüística Crítica (LC). Sobre esta, podemos recorrer à afirmação de Fowler que nos dá a idéia do que seja a disciplina que busca relacionar texto, poder e ideologia:

Se o significado lingüístico é inseparável da ideologia, e ambos dependem da estrutura social, então a análise lingüística deveria ser uma poderosa ferramenta para o estudo dos processos ideológicos que medeiam as relações de poder e controle. Mas a lingüística é uma disciplina acadêmica, e como todas as disciplinas acadêmicas, está apoiada em uma série de pressupostos que constituem uma ideologia do sujeito. Não é um instrumento neutro para o estudo da ideologia; é um instrumento que foi neutralizado. Existe então a necessidade de uma lingüística que seja crítica, que esteja consciente dos pressupostos em que se baseia e que esteja preparada para refletir criticamente sobre as causas subjacentes dos fenômenos que estuda e sobre a natureza da sociedade à qual pertence a língua (estudada). (Fowler, 1979: 186)

A partir da LC, temos a ADC que apresenta como seu objetivo:

A análise de textos, eventos discursivos e práticas sociais no contexto sociohistórico, principalmente no contexto das transformações sociais, propondo uma teoria e um método para o estudo do discurso. (Magalhães, 2004)

Seguindo-se a essa necessidade de uma análise discursiva com ênfase nas práticas sociais, muitos teóricos debruçaram-se sobre o assunto e traçaram diversas maneiras de realizar a ADC. Serão apresentados adiante alguns entre os mais conhecidos e respeitados e seus métodos de estudo e análise, de uma forma breve e panorâmica para compreensão.

### **3.2.1. Ruth Wodak: ideologia e identidades**

Professora de Estudos do Discurso na Universidade de Lancaster desde 2004, Wodak lecionou, anteriormente, Lingüística Aplicada em Viena, na Áustria.

Entre as categorias sociais que ela inclui em suas pesquisas, está a importância que dá à ideologia e às identidades no texto. Além disso, também atenta para temas como xenofobia, anti-semitismo e racismo.

Ruth Wodak utiliza especialmente como seu arcabouço analítico as categorias dos campos de ação, os gêneros discursivos (textos e discursos), os tópicos discursivos e os contextos.

Wodak afirma que, pelos seus discursos, os atores sociais constituem objetos de conhecimento, situações e regras sociais como identidades e relações interpessoais entre diferentes grupos sociais e aqueles que interagem com eles (Wodak, 1999: 8). Isso mostra a importância que a professora dá à integração que o indivíduo tem com seu próprio grupo e com outros de sua relação.

Isso fica claro ao fazer sua análise. Em seu texto *The discourse-historical approach* (Wodak & Meyer, 2001: 68), ela demonstra as áreas para seus estudos no campo da prática social. Vejamos algumas delas: procedimentos políticos para confecção de leis; formação de opinião pública e auto-apresentação; administração política. Tudo isso dentro de gêneros discursivos como leis, entrevistas, conferências de imprensa, programas eleitorais, slogans, pôsteres, decisões etc.

A importância que Wodak dá ao tema da identidade pode ser vista quando trata da construção discursiva da identidade nacional (Wodak, 1999). Considerando, como é natural em ADC, o discurso como prática social, ela afirma que por meio dele pode-se (a) criar, produzir e construir uma condição particular social; (b) contribuir para a restauração, legitimação ou relativização de uma situação na sociedade; (c) manter e reproduzir determinadas situações, (d) transformar, desmantelar ou destruir o *status quo*. (Wodak, op. cit.: 8)

Com isso, a identidade do indivíduo pode-se diluir em prol da identidade nacional. O conjunto de discursos e a prática social seriam a base de uma ideologia para que os integrantes da nação pudessem se manter dentro desse conjunto satisfatoriamente controlado. A identidade, portanto, apresenta-se como uma vertente do indivíduo ligada às suas relações.

Diante da diversidade de pensamentos e situações que compõem uma determinada nação, a identidade, no mundo globalizado, será demonstrada de forma fragmentada, híbrida e, como denomina Wodak, múltipla. Suas características podem se apresentar como se percebe em seu relato:

Grupos individuais, bem como coletivos, tais como as nações, são em muitos aspectos híbridos de identidade, e, portanto, a idéia de uma identidade 'pura', homogênea, em nível individual ou coletivo é uma ficção e ilusão enganosa. Os membros de qualquer Staatsnation (nação-Estado) são inculturados de maneira heterogênea e freqüentemente conflitante no campo regional, suprarregional, cultural, linguístico, étnico, religioso, sexual, político, e definido de outra maneira como identidade do "nós".<sup>54</sup>

Portanto, apesar das diferenças básicas que existem em alguma sociedade, mesmo constituída como nação, haverá nuances que estarão relacionadas em cada campo visto acima que sempre relacionará a identidade aos componentes e seus grupos. Essa noção do "nós", abordada por Wodak, é importante para reconhecer os momentos em que o indivíduo se inclui ou se exclui dessa identidade nacional, isso devido às diferenças de inculturação e o conseqüente hibridismo apresentado pelos grupos na sociedade moderna.

### **3.2.2. Teun A. van Dijk: ideologia e relações de poder**

Professor da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona, Van Dijk dedica-se à investigação em Estudos Críticos do Discurso. Ideologia, cognição social e poder são as categorias sociais às quais Van Dijk mais direciona seus estudos. Em sua análise, verifica com maior atenção as macro-estruturas semânticas, os sentidos locais, as estruturas formais, o modelo de contexto e o de eventos.<sup>55</sup>

Para Van Dijk, o discurso é um fenômeno prático, social e cultural e seus usuários realizam "atos sociais e participam na interação social, tipicamente na conversação e em outras formas de diálogo" (Van Dijk, 2000: 21).

Para se compreender um pouco do que pensa o professor sobre a ação da ADC e as implicações da interação no discurso, segue uma afirmação sua abaixo:

O controle ideológico do discurso também afeta o discurso como ação. Se os falantes masculinos freqüentemente interrompem às falantes mulheres, ou não lhes permitem falar, podem estar realizando inconscientemente atitudes de base ideológica de superioridade ou prioridade masculina. Quer dizer, o poder e o controle grupal sobre o

---

<sup>54</sup> "Individual as well as collective groups such as nations are in many respects hybrids of identity, and thus the idea of a homogeneous 'pure' identity on the individual or collective level is a deceptive fiction and illusion. The members of any Staatsnation are enculturated in many heterogeneous and often conflicting regional, suprarregional, cultural, linguistic, ethnic, religious, sexual, political, and otherwise defined 'we'-identities." (Wodak, *et alii*, 1999: 44)

<sup>55</sup> Mais informações sobre o trabalho de Van Dijk podem ser encontradas em <http://www.discursos.org/>. Acesso em 5 de dezembro de 2007, 9h35.

discurso estão controlados pelas ideologias. Devido a que essas influem não somente sobre o discurso, mas também sobre as práticas sociais em geral, a dimensão da ação do texto e a fala pode ser controlada da mesma forma. Os conflitos, lutas e desacordos no discurso podem, então, expressar, realizar ou codificar conflitos grupais de base ideológica. (Van Dijk, 2000: 62 e 63)

Van Dijk também dá atenção particular ao poder e à ideologia. Nestes, verifica categorias como o controle da ação e da mente, o poder persuasivo, hegemonia e consenso, acesso, controle do contexto, controle das estruturas do discurso, fechamento do círculo do controle, divisão do poder, abuso de poder, funções sociais, cognição social, ideologias e conhecimento, estruturas da ideologia, ideologia e discurso e análise ideológica. São visões importantes que se deve ter do discurso para uma análise bem feita no tocante à sua particularidade crítica.

A visão de poder em Van Dijk é central. Seu trabalho visa investigar os processos de dissensão na sociedade, ou seja, as questões de relações entre os grupos nela inseridos. Por isso, Van Dijk considera o poder “um dos conceitos que organiza muitas relações entre o discurso e a sociedade”<sup>56</sup>.

Para Van Dijk, a compreensão da ação do poder na sociedade, portanto no discurso, é básica. Ele exemplifica (Van Dijk, idem, ibidem) as esferas em que o poder se apresenta na sociedade com o poder corporativo, em que uma companhia comercial domina as relações; o poder masculino, por meio do qual o homem impõe sua posição à mulher; o poder branco, traçando a hegemonia desta raça sobre as outras; e o poder político, no qual um grupo se estabelece no governo ou em instituições políticas planejando sua perpetuação nele.

A ação do poder, segundo a pesquisa de Van Dijk, gera um controle, uma ação para persuadir, um plano de hegemonia e consenso, tornando complicada a situação do acesso e da divisão do poder em uma sociedade. Contudo, ele deixa claro que não se pode considerar essa dimensão da sociedade em si mesmo má. Para exemplificar isso, Van Dijk relembra as relações de pais e filhos, professores e estudantes, juízes e acusados e outras. O problema reside no abuso, conforme ele lembra abaixo:

O verdadeiro problema ético do qual devemos nos ocupar na investigação crítica do discurso não é o poder, mas o exercício *ilegítimo* do mesmo, ou seja, o *abuso de poder ou dominação*. É necessário complementar a análise do poder que realizamos acima com a estipulação de que este se exerça principalmente no interesse do

---

<sup>56</sup> “Uno de los conceptos que organiza muchas de las relaciones entre el discurso y la sociedad” (Van Dijk, op. cit.: 40).

poderoso e contra os interesses dos menos poderosos. Novamente, esses interesses podem compreender desde recursos econômicos até outros mais simbólicos, incluindo a liberdade e a segurança.<sup>57</sup>

Enfim, Van Dijk é um pesquisador do discurso que também vai relacioná-lo a uma prática social, buscando a compreensão da hegemonia de poder, por meio da ideologia e das lutas de classe e suas resistências.

### 3.3. A ADC em Norman Fairclough

Norman Fairclough está aposentado mas continua suas pesquisas em Análise de Discurso e alguns de seus resultados ainda podem ser encontrados em *Linguistics and English Language*<sup>58</sup>. Marcou sua vida acadêmica na Universidade de Lancaster, na Inglaterra, e por ter sistematizado a Análise de Discurso Crítica, a qual vinha sofrendo muitas críticas por sua falta de teoria definida, assim como se pode ver nas palavras de Roger Fowler abaixo:

Precisamos ter uma visão mais inclusiva do que constitui ideologia em linguagem e, em particular, levar em consideração àqueles significados implícitos que não têm representação direta na estrutura de superfície.

Existem numerosas propostas metodológicas e teóricas; tudo que temos a fazer é trazê-las para o modelo da lingüística crítica e submetê-las a um desenvolvimento metodológico a serviço desse modelo. (Fowler, 2004: 217)

Já numa proposta de avanço ao seu trabalho, Fairclough escreveu, com Lilli Chouliaraki, uma publicação em que a sistematização da ADC e uma melhor categorização de seus itens de análise estava contida (Chouliaraki & Fairclough, 1999).

O professor e pesquisador dedica-se à verificação de categorias como identidades, ideologia e poder (teoria crítica e social do discurso). Dentro delas, procura trabalhar com os problemas, os obstáculos para sua superação, a prática e ainda utiliza a Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO) e a Lingüística Sistêmico-Funcional (ver: Magalhães, 2004).

---

<sup>57</sup> "El verdadero problema ético del que debemos ocuparnos en la investigación crítica del discurso no es el poder, sino el ejercicio *ilegítimo* del mismo, esto es, el *abuso de poder o dominación*. Es necesario complementar el análisis del poder que realizamos más arriba con la estipulación de que este se ejerza principalmente en el interés del poderoso y en contra de los intereses de los menos poderosos. Nuevamente, esos intereses pueden comprender desde recursos económicos hasta otros más simbólicos, incluyendo la libertad y la seguridad." (Van Dijk, op. cit.: 49)

<sup>58</sup> <http://www.ling.lancs.ac.uk/staff/norman/norman.htm>. Acesso em 12 de dezembro de 2007, 15h55.

Fairclough trabalha com categorias de análise, a saber, transitividade e tema, significado das palavras, criação de palavras, metáfora, buscando no texto, controle, tomada de turno, estruturas de troca, tópicos, formulação, modalidade, polidez. O autor também dedica atenção especial à intertextualidade, verificando representação de discurso, pressuposição, negação, metadiscurso e ironia. (Fairclough, trad. 2001)

Na análise dos elementos discursivos das profissionais do sexo, busca-se utilizar o método de Norman Fairclough. Isso porque as categorias elegidas por ele são consideradas uma forma mais clara de sistematizar a teoria e apresentar dados dentro dos discursos selecionados. Por isso, será apresentado um pouco dos estudos de Fairclough a respeito da ADC e demonstradas as categorias selecionadas para a análise dos discursos citados.

### **3.3.1. Teoria Social do Discurso**

Para falar sobre teoria social do discurso, Norman Fairclough utiliza o seguinte caminho: reunindo a análise de discurso orientada lingüisticamente e o pensamento social e político relevante para o discurso e a linguagem, especialmente adequados para a pesquisa científica social e para o estudo da mudança social, discute o termo “discurso”; analisa o discurso num quadro tridimensional (figura 3); e estabelece sua abordagem para a investigação da mudança discursiva em sua relação com a mudança social e cultural (Fairclough, trad. 2001).



**Figura 3: Concepção tridimensional do discurso (Fairclough, trad. 2001: 101)**

Ao tratar de discurso, ele aclara sua abordagem, mostrando que utiliza o termo como os lingüistas tradicionais o fazem ao escreverem sobre o “uso de linguagem”, ou seja, como *parole* (fala) ou “desempenho” (ver Saussure, 2001). Ele propõe considerar o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. Entre as implicações relativas a isso, ele coloca que o discurso é um modo de ação, uma maneira em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, além de uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social. Para ele, o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado: (a) o discurso contribui para a construção do que variavelmente é referido como “identidades sociais” e “posições de sujeito”; (b) o discurso contribui para construir as relações sociais entre as pessoas; (c) o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença.

Ele distingue três funções da linguagem, a saber, “identitária”; “relacional” e “ideacional”, significando elas, respectivamente, modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso; como as relações sociais entre os participantes do

discurso são representadas e negociadas; e a maneira como os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações.

Ele conclui que a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de idéias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas. Assim, a prática social tem várias orientações e o discurso pode estar implicado em todas elas, sem que se possa reduzir qualquer uma dessas orientações do discurso. Portanto, é demonstrado por ele que a prática social é uma dimensão do evento discursivo, da mesma forma que o texto.

Falando do discurso como texto, Fairclough argumenta que a divisão dos tópicos analíticos entre análise textual e análise da prática discursiva não é nítida e que ao analisar textos, sempre se examinam simultaneamente questões de forma e de significado.

Uma outra maneira de se abordar a análise textual é a organização em quatro itens: “vocabulário”, “gramática”, “coesão” e “estrutura textual”. É importante ressaltar que toda oração é uma combinação de significados ideacionais, interpessoais e textuais.

Outro foco é o sentido da palavra, particularmente como os sentidos das palavras entram em disputa dentro de lutas mais amplas. Focalizar a coesão é um passo para o que Foucault refere como “vários esquemas retóricos segundo os quais grupos de enunciados podem ser combinados” (cf. Foucault, 2004).

### **3.3.2. A prática discursiva**

Sobre prática discursiva, Fairclough diz que ela envolve processos de produção, distribuição e consumo textual, e a natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discurso de acordo com fatores sociais. Os textos são consumidos diferentemente em contextos sociais diversos. O consumo, tal como a produção, pode ser individual ou coletivo.

Os processos de produção e interpretação são socialmente restringidos num sentido duplo. Primeiro, pelos recursos disponíveis dos membros; segundo, pela natureza específica da prática social da qual fazem parte. A força de parte de um texto é seu componente acional, parte de seu significado interpessoal, a ação social que realiza, que “atos de fala” desempenha. Portanto, para interpretar a força de um enunciado, deve-se ter chegado a uma interpretação sobre qual é o contexto de situação.

O efeito do contexto de situação sobre a interpretação textual depende da leitura da situação. O efeito do contexto seqüencial depende do tipo de discurso. A coerência é tratada freqüentemente como propriedade dos textos, todavia é mais bem considerada uma propriedade das interpretações. É a natureza da prática social que determina os macroprocessos da prática discursiva e são os microprocessos que moldam o texto.

Para Fairclough, o discurso como prática social é relacionado à ideologia e à luta hegemônica. Ele aborda que a ideologia tem existência material nas práticas das instituições; ela também “interpela os sujeitos”; e os “aparelhos ideológicos de estado” (educação ou mídia) são locais e marcos delimitadores na luta de classe. Por isso, o conceito de hegemonia, relacionado ao poder, está na base das relações sociais, portanto intrinsecamente ligado ao seu discurso, como se pode perceber na afirmação a seguir:

Hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas. A luta hegemônica localiza-se em uma frente ampla, que inclui as instituições da sociedade civil (educação, sindicatos, família), com possível desigualdade entre diferentes níveis e domínios. (Fairclough, trad. 2001: 122)

O autor também entende que as ideologias são significações/construções da realidade que são percebidas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.

Já hegemonia tem relação com liderança. Dominação mesmo dos poderes econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Ela é o poder, sobre a sociedade como um todo, de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais. Ela trabalha com construção de alianças. É, também, um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas. Embora a hegemonia pareça ser a forma organizacional de poder predominante na sociedade contemporânea, não é a única.

### 3.3.3. A prática social

Fairclough afirma que o discurso está inserido em uma prática social. Significa dizer que por meio do discurso pode-se compreender como funciona a sociedade. Por outro lado, a prática social molda a forma como o indivíduo se manifesta discursivamente. Há, segundo ele, uma relação inseparável entre evento social, prática social e estrutura social (Fairclough, 2003: 23). Mesmo assim, a estrutura social é uma entidade abstrata e de formação complexa. Dessa forma, o que pode dar conexão a essa formação instável é a linguagem, visto que ela está inserida em todos os níveis, como Fairclough mostra em seu esquema reproduzido abaixo:

#### Quadro 2 – A linguagem nos níveis sociais (Fairclough, 2003: 24)

<b>Estruturas sociais</b> .....	<i>linguagens</i>
<b>Práticas sociais</b> .....	<i>ordens de discurso</i>
<b>Eventos sociais</b> .....	<i>textos</i>

As práticas sociais fazem parte de um nível em que a relação entre os participantes acontece. Nesse nível, portanto, acontece a articulação dos discursos com elementos não-discursivos, nos quais estão inseridos (a) a ação e a interação, (b) as relações sociais, (c) os indivíduos (crenças, atitudes, histórias etc.), (d) o mundo material, (e) o discurso em si mesmo (cf. Fairclough, 2003: 25). Assim, Fairclough afirma que:

Eventos sociais são formados por (redes de) práticas sociais – práticas sociais definem formas particulares de ação, e embora eventos atuais possam divergir mais ou menos dessas definições e expectativas (porque elas transitam por diferentes práticas sociais, e por causa dos poderes de agentes sociais), eles ainda são parcialmente formados por eles. (Fairclough, op. cit.: 25)

A formação das práticas sociais também leva em consideração as relações de poder em determinada sociedade. Da mesma forma, a relação entre as diferentes práticas será estabelecida de acordo com os níveis de poder mostrado na interação entre as classes. Isso pode se dar em relações capitalistas, patriarcais e de gênero, bem como podem ser utilizadas estratégias que dizem respeito à raça, etnia, imigração e outras particularidades relativas à prática que uma sociedade pode assumir a partir de sua estrutura (ver Chouliaraki & Fairclough, 1999: 24)

### 3.3.4. Mudança discursiva

Focalizando a mudança discursiva em relação à mudança social e cultural, Fairclough aborda as origens e as motivações imediatas da mudança no evento discursivo, dizendo que estas repousam na problematização das convenções para os produtores ou intérpretes, que pode ocorrer de várias formas (ver Fairclough, op. cit.: 126 – 130). A intertextualidade e, portanto, a historicidade inerente da produção e interpretação textual constituem a criatividade como opção.

A exploração de tendências de mudança nas ordens de discurso pode trazer uma contribuição significativa aos debates atuais sobre mudança social. Por isso, Fairclough propõe uma abordagem de discurso como uma chamada “ação comum” – maneira particular de uma atividade produtiva das práticas sociais – dialeticamente relacionada com estruturas lingüísticas e discursivas. O caráter dialético do discurso demanda teorias de linguagem e outros sistemas semióticos<sup>59</sup>.

A compreensão do processo de mudança discursiva no caso do trabalho das profissionais do sexo pela legalização do seu trabalho é muito significativa. Isso porque o processo de mudança do discurso é uma demonstração de que evidentemente há uma mudança social. Dessa forma, como vimos acima na Figura 3 (p. 67), o texto que se produz faz parte de uma prática social e de uma prática discursiva. Significa dizer que quando a prática se modifica, o texto também é alterado. A mudança discursiva, segundo Fairclough aponta (trad. 2001: 127), é resultado de “problematização das convenções”. Se há, portanto, determinado grupo social que age de uma forma preestabelecida, e essa convenção está em vias de mudança, por causa de contradições, caracteriza-se a problematização. Assim, posições de sujeito tradicionais são questionadas e surge a necessidade de se estabelecer novas relações.

Recobrando um conceito traçado por Billig *et alii* (1988), Fairclough diz que ao surgir a problematização, coloca-se diante da sociedade o que se chama “dilema”. Ao tentar resolver o dilema, utilizando a criatividade e a inovação, adaptam-se as convenções existentes de outras maneiras, gerando a mudança discursiva. Percebe-se, portanto, que ela acontece utilizando-se de “formas de transgressão, cruzamento de fronteiras, tais como a reunião de convenções existentes em novas combinações, ou a sua exploração em situações que geralmente as proíbem” (Fairclough, trad. 2001: 127).

---

<sup>59</sup> Ver em Chouliaraki & Fairclough, 1999, cap. 3: “Discourse”, p. 37 - 52.

O que Fairclough aponta é que a mudança social, bem como a discursiva, acontece como resultado de contradições e lutas estruturais que ocorrem na sociedade e que levam à busca de interesses, mobilizando setores organizados. Esse é o momento do que vem acontecendo com as profissionais do sexo. Já encontramos o dilema formado na sociedade, as organizações se aproximando do governo e exigindo que seu tema seja ao menos refletido. A resistência da sociedade ainda é muito grande. Enfim, há um momento que exige uma nova combinação, há uma problematização, ou seja, o dilema. Isso mostra que uma mudança discursiva está apontando para uma mudança social. Mais uma vez, pode-se perceber o evento discursivo corroborando o que acontece na sociedade, confirmando a já retomada Figura 3, baseada na teoria de Fairclough.

#### **3.4. Principais categorias analisadas: intertextualidade e seleção lexical**

As categorias de análise são importantes no sentido de que elas se apresentam como uma maneira pela qual o analista consegue perceber por sua própria sensibilidade os eventos no discurso que apontam para a prática social.

Assim, a Análise de Discurso Crítica trabalha com procedimentos interpretativos (Magalhães, 2000a: 140 e 141). Nesses procedimentos, hipóteses são construídas verificando a estrutura e os sentidos do texto. Essas hipóteses vão verificar os aspectos sociais, as relações entre textos, os enunciados, a coerência, a estrutura do texto e outros.

Fairclough sugere a verificação de alguns itens, a saber: a interdiscursividade, a intertextualidade, a coerência, a coesão, a polidez, a gramática, a transitividade, a modalidade, o significado das palavras, a criação de palavras, as metáforas utilizadas entre outros<sup>60</sup>.

Para a análise dos dados levantados, serão buscadas com mais ênfase duas modalidades, quais sejam, a intertextualidade e a seleção lexical conforme exposto por Izabel Magalhães (Magalhães, 2005b). Contudo, quaisquer outras categorias encontradas podem surgir na análise, não serão, portanto, descartadas. O mais importante, outrossim, é o resultado da análise, ou seja, os aspectos encontrados para evidenciar as práticas e os eventos sociais que envolvem o problema.

---

<sup>60</sup> Fairclough, 2001. Cap. 8: "A prática da análise de discurso".

### 3.4.1. Intertextualidade

É importante, de antemão, conhecer um conceito de intertextualidade:

A intertextualidade é a propriedade que apresentam os textos de serem constituídos de fragmentos de outros textos, que são referidos explicitamente ou incorporados de forma implícita. Esses outros textos podem ainda ser assimilados, ecoados e refutados. A intertextualidade ressalta a historicidade dos textos, na medida em que eles se acrescentam a “cadeias de comunicação” já existentes constituídas de textos prévios. Com relação à distribuição, a intertextualidade permite compreender as cadeias textuais a que os textos estão vinculados, passando por transformações relativamente previsíveis, por exemplo a transformação de enunciados de políticos em notícias transmitidas nos jornais impressos e na televisão. (Magalhães, 2000a: 90)

De acordo com o conceito, percebe-se que mesmo quando não encontramos o outro texto citado de forma aberta, pode-se compreender a intertextualidade quando uma forma sutil de utilizar o texto de outrem é notada.

Além disso, Fairclough também esclarece que os textos podem ou não ser “reacentuados”; eles são ou não afetados em seu tom prioritário (por exemplo, irônico ou sentimental) no texto adjacente (Fairclough, 2001). O que se apreende disso é que a intertextualidade não precisa ser utilizada necessariamente para uma crítica, mas também pode ocorrer para enfatizar uma abordagem. Sobretudo porque a utilização de um outro discurso pode ser feita diretamente, indiretamente, de forma livre ou utilizando-se de uma narrativa anteriormente produzida (Fairclough, 2003: 49)

Maria Lília Dias de Castro, ao estudar Bakhtin e a intertextualidade, afirma que “a segunda voz, uma vez instalada no discurso do outro, entra em hostilidade com o seu agente primitivo e o obriga a servir a fins diametralmente opostos. O discurso se converte em palco de luta entre duas vozes” (Castro, 1997: 130). Isso fica mais latente ainda quando a instalação no discurso se dá por meio da ironia. Um discurso denominado por Bakhtin de bivocal é eivado de palavras de duplo sentido, o que é uma característica do discurso irônico.

Em seu trabalho, Maria Lília de Castro define a ironia da seguinte maneira:

Pode-se entender o texto irônico como o resultado de uma operação dedutiva de contradição ou contrariedade em que se recupera o elemento pressuposto como a verdadeira expressão da significação. (Idem, ibidem)

É importante essa compreensão de ironia, porque em diversas partes de seu discurso, as prostitutas vão lançar mão desse recurso para levantarem sua voz em contestação e resistência ao que se fala da sua categoria.

Pela ironia, percebe-se que o enunciado está querendo reafirmar o que se disse, contudo com a sutileza de demonstrar que aquela não é uma verdade inquestionável ou irredutível, ou seja, o discurso irônico contribui para a quebra dos paradigmas e dos axiomas estabelecidos pela sociedade na qual se está inserido.

É importante dizer, também, que há divergências entre a clareza do conceito de intertextualidade. Há o conceito de interdiscursividade, que considera somente a relação entre tipos de discurso ou gêneros de discurso, que pode ser recobrado em Michel Pêcheux (1998), contudo, consideraremos a idéia de intertextualidade como “a relação histórica que é estabelecida entre um texto e outros textos que são parte de seu contexto social imediata ou distante”<sup>61</sup>, ou seja, uma intertextualidade vertical.

### **3.4.2. Seleção lexical**

Neste item, são analisadas as palavras escolhidas que podem favorecer ou desfavorecer e até que possam sugerir significados novos ou construídos objetivamente. Ainda nesse campo, Magalhães orienta que é importante considerar a exploração de itens lexicais de um campo semântico específico.

Para ela, quando novas palavras são criadas, novos significados são construídos e novos itens lexicais são codificados. (Magalhães, 2005b: 189). A exploração de determinadas palavras dentro de um campo semântico específico também é relevante para a análise. Há, como afirma Fairclough (trad. 2001: 236) recobrando Kristeva (1986), “formas significativas de significar domínios particulares de experiência, o que implica ‘interpretar’ de uma forma particular, de uma experiência teórica, cultural ou ideológica particular”.

Pode-se afirmar que há a dificuldade da quantidade de palavras reconhecidas no léxico de determinada pessoa. Todavia, a utilização das palavras que ela tem lexicalizadas é a demonstração da sua escolha. É, portanto, a retomada de um contexto em que essa palavra foi absorvida e aponta para uma decisão em sua seleção. Esse é o fator importante no reconhecimento da seleção lexical como uma modalidade imprescindível na análise de discurso crítica.

---

<sup>61</sup> “The historical relation which is established between a text and other texts which are part of its immediate or distant social context.” (Magalhães, 2005b: 190).

Essa será a maneira de utilização da ADC como base teórica na análise desta pesquisa, para compreensão da prática social e da prática discursiva, a partir dos contextos verificados. Como método, também, foi utilizada a etnografia e a pesquisa qualitativa com entrevista semi-estruturada, conforme será abordado adiante no detalhamento do trabalho para a geração do *corpus*.

### **3.5. Conclusão**

Neste capítulo foram apresentadas as bases teóricas para esta pesquisa. A Análise de Discurso Crítica, conforme apresentada por Norman Fairclough, é a base para a análise lingüística. Por isso, foi apresentado de forma panorâmica o caminho dos estudos da linguagem até a ADC, passando pelo reconhecimento do discurso como uma dimensão social.

A ADC mostra-se uma ferramenta eficiente na verificação de dados relativos à sociedade, visto que ela atenta para as vozes de elementos que fazem parte de eventos sociais que utilizam determinados discursos inseridos em uma prática social. Significa dizer que o discurso é um elemento que compõe a prática e, por meio dele, pode-se encontrar os mecanismos de poder, de ideologia e a busca por hegemonia que estigmatiza e marginaliza determinados grupos dentro da sociedade.

No próximo capítulo, será conhecido o método de pesquisa utilizado para a obtenção do *corpus* analisado e seus procedimentos. Para compreender melhor o discurso de um grupo, faz-se necessário uma convivência para um bom entendimento de sua utilização da linguagem. Dessa forma, o método de pesquisa de campo é etnográfico, que acompanha as participantes e busca conviver o melhor possível com o seu cotidiano. Assim, as entrevistas realizadas levam em conta uma interação entre pesquisador e aquelas que colaboram, buscando aproximação entre ambos.

## **CAPÍTULO IV: Metodologia de pesquisa**

O contexto difícil para discutir abertamente os temas do sexo e da prostituição, como vimos no Capítulo 1, bem como a dificuldade ainda encontrada pelas mulheres de se fazerem ouvir em suas demandas em nossa sociedade geram o silenciamento que se pôde ver no Capítulo 2. Sendo assim, encontrar mecanismos para que as vozes das mulheres sejam ouvidas faz-se necessário. Neste capítulo, serão abordadas as participantes da pesquisa, o caminho que se fez para chegar até elas e também o interesse pelo tema e o início da investigação.

Verifica-se, também, que a pesquisa etnográfica mostrou-se a melhor maneira de conseguir detectar no discurso das profissionais do sexo o que elas pensam de si mesmas, das mulheres em geral, da prostituição e da legalização. Assim, serão apresentados os processos utilizados na pesquisa etnográfica, as questões que foram elaboradas para que os objetivos da pesquisa possam ser atingidos, e o processo de entrevista e colaboração das participantes.

### **4.1. Pesquisa etnográfica**

Bakhtin considerava a língua como parte do sistema social. Não era possível separar uma do outro. Sem a compreensão do sistema social, seria muito difícil compreender o significado da linguagem (Ramalho & Resende, 2006: 15).

Pensando assim, seria impossível gerar dados significativos sem ser conhecido esse contexto do trabalho e da demanda das prostitutas. Todos já conhecemos o estigma. É por meio da linguagem que também se reforça a discriminação a essas profissionais. Por isso, recobrando o conceito de contexto de situação de Malinowski, descrito por Halliday e Hasan (1985: 5 a 9), entende-se que se faz necessário se aproximar da comunidade que fala. Isso quer dizer que a língua só pode ser realmente compreendida se a inserção no contexto em que é utilizada for satisfatória.

Como pesquisador etnográfico, o antropólogo Malinowski não somente estudava de longe a vida de determinada sociedade. A inserção que ele realizava dentro da cultura era imprescindível para sua pesquisa. Era necessário viver, conversar, compreender os significados das práticas sociais.

A etnografia caracteriza-se pela participação do pesquisador no ambiente observado. É necessário que ele entenda o mundo da coleta de dados e tenha contato

com o mundo da pesquisa, principalmente buscando responder às seguintes questões: “Como conseguir contatos? Como conquistar a confiança dos informantes e dos pesquisados? Como discernir entre a verdade e a ‘não’-verdade? Como distinguir entre a voz da instituição e a voz do sujeito? Até que ponto os informantes estão dizendo apenas o que eu ‘quero’ ouvir?” (Radhay, 2006: 60).

Um exemplo de pesquisa etnográfica pode ser encontrado no trabalho de Mary Hamilton e David Barton (Hamilton & Barton, 1999). Eles coletaram dados através de um estudo etnográfico das práticas de letramento em uma comunidade e focalizaram o trabalho de uma mulher, chamada Shirley, liderando uma vizinhança por meio, especialmente, de uma associação de moradores.

O material encontrado e analisado pelos pesquisadores conta com cartas dos moradores, notas de campo, editoriais de Shirley para o jornal distribuído aos moradores de Springside, cidade onde ela vivia. Além disso, também foi levada em consideração a convivência com a vizinhança. Não somente a de Shirley, mas a estabelecida entre os moradores e aquela que foi vivida no tempo em que Hamilton e Barton permaneceram ali, interagindo e entendendo a forma de ser daquela sociedade.

Nessa pesquisa de Hamilton e Barton, há uma ênfase na interação social, relações de poder e identidades conforme demonstradas pelas práticas de letramento. Há atenção às comunicações orais e escritas e suas estratégias para conexões. O resultado demonstra que a observação das práticas de letramento, bem como o estudo dos textos, aponta para a prática sócio-cultural em que as pessoas estão inseridas. Significa dizer que uma está para a outra, como resultado do contexto de situação e cultura descrito por Magalhães (1998).

Os textos observados fazem parte da vida diária, são resultados da vida pessoal, produtos vernaculares, gerados como prática das atividades cotidianas. Significa dizer que não são textos elaborados especialmente para o contexto específico da pesquisa, ou seja, não foi solicitado pelos pesquisadores. Não são demandas de trabalhos escolares, nem textos de mídia construídos por instituições dominantes ou seus discursos. São textos que são fluidos, híbridos e inventivos em suas características principais. Dessa forma, a compreensão da prática social, por meio da observação desses textos, só pode acontecer quando o pesquisador se insere na sociedade.

Por isso, a pesquisa etnográfica foi considerada a melhor abordagem para este trabalho. Magalhães (2000: 49 e 50), lembrando sugestão de James Clifford, mostra que o texto etnográfico é determinado de seis maneiras:

1) contextualmente (deriva de contextos sociais com sentidos particulares, como também contribui para criá-los); 2) retoricamente (usa convenções expressivas); 3) institucionalmente (é produzido dentro de tradições, disciplinas e audiências específicas, podendo também reagir contra elas); genericamente (a etnografia se distingue do gênero romance ou do relato de viagem); 5) politicamente (a 'autoridade' do texto); 6) historicamente (todas essas convenções e restrições estão em fase de mutação).

Também, por sua natureza, pode-se classificar os discursos das profissionais do sexo como um discurso crítico (ver Magalhães, 2000a: 52), por sua característica ser de (I) um grupo em desvantagem social – considerando que ainda trabalha para que sua profissão seja reconhecida por um lado, ou que algumas buscam não serem descobertas pela família ou pela sociedade realizando essa atividade, visto o estigma a ela imposto; (II) os aspectos políticos e econômicos – muitas somente aceitam realizar a atividade por suas vantagens financeiras, isso demonstra uma falência no sistema de preparo para o trabalho por parte do Estado e uma crise na busca por emprego; e (III) a tradição estrutural e interacional.

Com isso, na análise será retomado o conceito de Fairclough (trad. 2001) com relação à concepção tridimensional do discurso, a saber, relacionando o texto com as práticas discursivas e as práticas sociais.

Para uma geração de dados que satisfizesse a interação com o contexto e a participação efetiva da participante, preferiu-se a pesquisa qualitativa (ver Denzin & Lincoln, 2006). Por meio desse tipo de trabalho, pode-se ter mais interação com as participantes e também com o tema. A principal diferença entre essa forma de pesquisa e a quantitativa é que ela não leva em consideração o número de informantes, mas a qualidade das informações para que se possa refletir sobre o contexto.

O método de entrevista selecionado foi a semi-estruturada. Ela facilita essa integração entre pesquisador, participante e o desenvolvimento do tema. As questões foram elaboradas para que as respostas favorecessem os objetivos da pesquisa, os quais serão apresentados a seguir.

#### **4.1.1. O interesse pelo tema**

A aproximação com a socióloga Gabriela Silva Leite e com Davida deu-se na caminhada da faculdade de teologia, cursada no Rio de Janeiro, no então Instituto Metodista Bennett. A faculdade mantém contatos ecumênicos e com órgãos de apoio a

questões de demanda popular. Um desses órgãos chama-se Koinonia, também com sede no Rio de Janeiro, que abriga em suas instalações o escritório de Davida.

O trabalho de Gabriela Leite e das mulheres e outros atuantes da ONG despertaram o interesse e, algumas vezes, pôde-se realizar visitas à Vila Mimosa junto com amigos da faculdade e o pessoal de Davida. Algumas incursões pelas instalações do local foram realizadas, conhecendo, inclusive, a “cabine” onde o programa sexual era consumado. O ambiente de festa constante era marcante, com música, pessoas dançando, bares atendendo a quem chegava e as mulheres sempre solícitas e com vestimentas bem pequenas, ainda que não se possa dizer que haja um padrão quanto a isso. Algumas se vestem como se estivessem indo para uma festa comum.

Na busca de tentar compreender melhor esse universo, e mais ainda tendo conhecimento do trabalho pelo reconhecimento da atividade profissional, por ocasião da pesquisa para o mestrado, foi possível, na disciplina de Análise de Discurso I, ministrada pela prof<sup>a</sup> Izabel Magalhães, apresentar um trabalho de análise do jornal de Davida, o *Beijo da rua*. Esse foi o primeiro passo para a compreensão do trabalho institucional da organização, bem como de sua linguagem e seus objetivos.

A partir dessa demanda de compreensão, de superação de estigmas, de participar do ambiente observado (como se exige do etnógrafo), foi necessário comparecer a casas de prostituição, algumas vezes como conhecido de alguém, outras, como uma simples pessoa que ali comparece. Perceber o ambiente, aqueles que o freqüentam, a linguagem utilizada, a maneira de se comportar, roupas, objetos, enfim, tudo na observação do pesquisador etnográfico se torna importante. Especialmente em uma pesquisa que tem a ADC como método, a observação possibilita relacionar o discurso com seu significado, trazendo consistência à análise realizada.

#### **4.2. Objetivos e questões**

Como foi proposto na Introdução desta dissertação, as questões de pesquisa foram as seguintes: (a) Como se caracteriza a interdiscursividade sobre a legalização do trabalho de mulheres profissionais do sexo? (b) Como se constroem discursivamente as identidades pessoais e profissionais dessas mulheres? (c) Que elementos de formação de gênero social podem ser encontrados nos depoimentos dessas mulheres?

Para que fosse possível responder a tais questões, as perguntas da entrevista semi-estruturada foram elaboradas de maneira que dirigissem a conversa para a resposta efetiva desses temas. Contudo, o livre debate sobre o assunto foi levado em

consideração, sendo levantadas questões que pudessem ampliar a reflexão sobre o tema, tanto por parte do pesquisador, como por parte da participante.

Uma vantagem encontrada na pesquisa semi-estruturada é a sua forma que proporciona ao pesquisador uma posição de participante em uma conversa, não um entrevistador que se põe em situação de avaliador. Ele se mostra interessado e envolvido no assunto como a participante. Isso também ficou evidente nas entrevistas realizadas.

Dessa forma, as questões foram elaboradas – após debate e cotejo com o grupo de pesquisa formado na disciplina de Laboratório de Pesquisa, ministrada pela prof<sup>a</sup> Izabel Magalhães – em três blocos, da seguinte forma:

- a) De onde você é?
- b) Há quanto tempo mora aqui?
- c) Conte como foi sua infância.
- d) Quantos anos você tem?
- e) Você estudou até que série?
  
- f) Há quanto tempo você trabalha na profissão?
- g) Em que local você trabalha na profissão?
- h) Como você vê o seu trabalho?
- i) Que tipo de apoio você recebe de sua família?
  
- j) O que você acha da definição do trabalho de profissional do sexo feita pelo Ministério do Trabalho e Emprego?
- l) O que você acha do trabalho das organizações que apóiam profissionais do sexo?
- m) O que você acha de contribuir para a Previdência como profissional do sexo?
  
- n) Como é o trabalho dos homens na profissão?

O primeiro bloco busca situar um pouco da identidade pessoal da mulher, o que se pede na questão (b) das questões de pesquisa; o segundo, já se refere mais à sua identidade como profissional e as impressões sobre a atividade, o que se relaciona às questões (a) e (b). Já o terceiro bloco, busca atender à questão (a) no tocante especificamente à legalização da profissão. A última questão, isolada dos blocos, visa a compreensão da questão de gênero e reforçar o que se procura em seu discurso no tocante ao tema.

### 4.3. Caminho e contato

Já há algum tempo, os pesquisadores do Departamento de Línguas Clássicas e Português (LIP), da UnB, tomaram conhecimento da necessidade de avaliação do Conselho de Ética para pesquisas com pessoas. Por isso, esta pesquisa também foi submetida ao Conselho de Ética da Faculdade de Saúde da UnB.

Ao submeter o projeto, um questionamento ficou marcante e vale explicitar aqui. Foi orientado que o pesquisador disponibilizasse para as participantes a definição do Ministério do Trabalho e Emprego sobre sua profissão, a saber, Profissional do Sexo, sob o código 5198. Isso, dizia o parecer, para que as prostitutas pudessem responder à questão (j). Contudo, foi elucidado que a pergunta deveria oferecer a possibilidade de se responder “não conheço”, pois esse dado seria significativo para a pesquisa. Além disso, em seguida, poder-se-ia obter a opinião da participante sobre a definição, mesmo sem conhecê-la, ou seja, qual seria a sua expectativa diante de uma possibilidade que ela não tinha ciência – apesar de existir. Soma-se a isso o fato de que a divulgação de tal definição (e até a elaboração dela) entre as interessadas não estivesse sendo satisfatoriamente realizada. A contestação foi acatada pelo comitê e a pesquisa foi permitida na íntegra.<sup>62</sup>

O contato com as participantes foi feito buscando pessoas que tivessem um mínimo de convivência com elas. Ele não foi fácil em Brasília. Isso porque o conhecimento progressivo era na cidade do Rio de Janeiro, especialmente no contato com a Gabriela, de Davida (ver Cap. 1). Assim, seguiu-se uma procura por pessoas que conhecessem profissionais desse ramo e que pudessem fazer uma apresentação. Se assim não fosse, uma tentativa de “intimidade” poderia parecer trabalho de jornalismo ou até mesmo de investigação policial, o que naturalmente poderia causar um afastamento das participantes.

Um contato, então, foi conseguido, o que foi muito importante para o conhecimento de duas das participantes. Outras foram aceitando a participação no contato na rua, após conversas e conhecimento.

As dificuldades, pela natureza da atividade das profissionais, foram de diversas ordens. Uma delas estava no medo que as mulheres tinham da pesquisa. Divulgação de nomes, apresentação de matérias em jornal, falando do local e outras foram algumas explicações.

---

<sup>62</sup> A autorização do Comitê de Ética encontra-se no Anexo 3.

Em uma “casa de massagem”, já agendada a entrevista com cerca de três ou quatro profissionais, um fato ficou marcado. Já entrevistando a responsável pelo estabelecimento, e decididas as outras a fazê-lo na seqüência assim que essa terminasse, uma nova funcionária chegou ao local e conversou com as que esperavam, convencendo-as a desistir da pesquisa. Sem poder forçá-las a tal, a situação teve que ser aceita.

Em outros casos, contatos telefônicos foram oferecidos para a pesquisa. Quando se soube a necessidade de uma gravação das respostas, tudo se tornou mais difícil. Não se respondia a chamada telefônica, ou um contato posterior era prometido... o que não ocorria em muitas situações. Além disso, algumas vezes o horário agendado não poderia ser cumprido, visto que se estaria realizando atendimento nesse momento, não sendo possível nem mesmo falar ao telefone. Situação compreensível, evidentemente.

Algumas entrevistas foram descartadas (o que já fora previsto no planejamento da pesquisa) por se mostrarem, no seu decorrer, desinteresse, pressa ou visível medo de responder, maquiando as informações. Dessa forma, sendo a pesquisa qualitativa, as participantes selecionadas forneceram dados significativos.

#### **4.3.1. Locais de entrevista**

Os locais de trabalho para as prostitutas são, como se sabe, muito movimentados e elas não podem ficar à disposição por um tempo extenso, visto que se houver uma solicitação, devem estar prontas a atender. Uma entrevista, somente, foi feita em uma “casa de massagem”. Um local preparado para massagens e os atendimentos sexuais (se assim forem solicitados), com uma recepção simples e várias salas com pequenas camas (macas). Foi necessário realizar uma entrevista na própria residência do pesquisador, na falta de um local onde houvesse silêncio e tranquilidade para ambos no processo. Outras também foram realizadas na rua, contudo, para conseguir alguma privacidade e silêncio, o interior do carro foi o ambiente.

Isso demonstra a dificuldade de gerar os dados para esta pesquisa. Visto que em alguns locais de trabalho, a gerência não poderia saber o que estava sendo realizado, pois via com desconfiança a pesquisa, e as profissionais não se sentiam à vontade neles. A residência das participantes, na maioria das situações, constitui-se em local de segredo de sua atividade. Além disso, não há conhecimento de uma organização que agrupe as prostitutas em defesa de seus interesses no Distrito Federal. Mesmo assim, a opinião de

mulheres que não conhecem a definição do ministério e o trabalho das ONGs que ajudam as profissionais do sexo é a base da pesquisa.

#### **4.3.2. Informações complementares**

Algumas notas de campo foram feitas a partir do contato com as participantes. Elas foram construídas em seguida à entrevista para que não houvesse anotações no momento da entrevista. Como foi dito acima, a colaboração com o discurso foi conduzida dando um clima como uma conversa informal. Esse foi o maior esforço.

As anotações marcavam um pouco da conversa tida fora da gravação, sobre algumas impressões a respeito do assunto e também de sua atuação na atividade. O ambiente de trabalho delas e sua opinião sobre a própria pesquisa.

Também foram de bastante utilidade as incursões aos locais de trabalho para observação. Os momentos em que não se comparecia com intuito de agendar uma entrevista ou mesmo de realizá-la foram significativos. Nesses dias foi possível traçar conversas com clientes, com balconistas – no caso dos bares – com as mulheres mesmas, somente buscando informações das atividades, dos preços, dos tipos de programas, das dificuldades e demandas que circundam o meio.

As entrevistas foram gravadas com a utilização de um aparelho de mp4, o que proporciona mobilidade e facilidade no arquivamento com a utilização de programas de computador atualmente.

#### **4.4. As participantes**

As entrevistas serão transcritas completamente em anexo. Para que se conheça um pouco mais do perfil das participantes, será feita uma breve descrição de cada uma. Os nomes foram escolhidos levando-se em consideração a ordem da entrevista, buscando ordená-los a partir das letras do alfabeto. Contudo, são nomes fictícios que não identificam as participantes.

É bom ressaltar, também, que as entrevistas que compõem o *corpus* analisado foram selecionadas entre outras que foram consideradas sem significância para a pesquisa. Isso porque foi percebido no momento da entrevista que a participante mostrou-se reticente e limitou-se a dar respostas monossilábicas e estava visivelmente ansiosa, esperando o fim das questões. Assim, queremos destacar o perfil das quatro participantes selecionadas.

#### **4.4.1. Ágatha**

Tem 42 anos e coordena uma “casa de massagem”. Nasceu e mora em Brasília. Completou o ensino médio ainda na época do curso normal. Afirmo que mesmo trabalhando como garota de programa, as prostitutas devem buscar uma cultura. Diz ela que os clientes gostam de meninas que sabem o que conversar. Sempre se reporta ao seu trabalho como massagista, mas respeita as meninas que fazem programa. Diz que nunca fez programa, mas que sua casa atende com sexo porque os clientes procuram. Pode perder clientes, portanto, se não tiver quem faça tal atendimento.

Ágatha trabalha em uma casa de massagem que fica em ponto privilegiado de Brasília. O local é caracterizado por uma recepção bem organizada, com uma televisão e local para que o cliente se assente se for necessário aguardar. Circulam pelo local algumas mulheres e demonstram simpatia e receptividade. É importante notar que, após perceberem que minha presença não se tratava de um cliente, mas alguém que gostaria de coletar informações, o tratamento modificou significativamente de atencioso para ignorável. Ágatha ofereceu sua contribuição e em seguida as outras profissionais da casa desistiram de participar da pesquisa.

Ela mostrou-se solícita e interessada pela pesquisa. Procurou sempre dizer da validade e da necessidade da discussão sobre a legalização da profissão. Procurara falar de forma doce e delicada, vestia-se de forma simples e normal, de maneira que não caracterizava “ousadia”, diferentemente de outras mulheres que compunham o quadro de profissionais da casa.

#### **4.4.2. Beatriz**

Mora em Brasília desde que nasceu, tem 24 anos e atende em uma “casa de massagem”. Confessa não saber fazer massagem e diz isso para os clientes, se o caso é uma massagem verdadeira. Tem um trabalho além da atividade com o sexo, mas planeja deixá-lo e procurar outro. Afirmo que realiza a profissão pelo dinheiro que ganha exclusivamente. Está acumulando dinheiro para um objetivo e pretende deixar o trabalho com sexo. Contudo, admite que mesmo deixando, quando a situação financeira apertar, pode realizar algum trabalho para aliviar o orçamento.

Apesar de a entrevista com Beatriz ter sido feita na casa do pesquisador, houve uma visita em seu local de trabalho. Trata-se de uma casa de massagem diferente da que trabalha Ágatha, mas que resguarda as mesmas características. O local oferece massagem para clientes que necessitam desse tipo de serviço, contudo também atende a

homens que buscam satisfação sexual, o que Beatriz chama de “relax”. Para isso, a casa conta com profissionais da área de massagem, mas também outras mulheres que atendem especificamente com programas de sexo.

Beatriz mostrou-se muito simpática e interessada pela pesquisa. Ela continua dando retorno da validade do tema e inclusive sugerindo o que se pode fazer no futuro para o tema e outras pesquisas relacionadas.

#### **4.4.3. Cassandra**

Veio para Brasília exclusivamente para trabalhar com sexo. Nasceu em Belo Horizonte e tem 25 anos. Terminou o segundo grau e não tem planos de continuar a estudar. Acha importante, mas diz que não é seu perfil. Divulga seu trabalho por meio de anúncios em jornal de grande circulação. Atende em domicílio ou motel. Também freqüenta o ambiente externo de uma boate e fica à disposição de pessoas que a procuram naquele lugar. Mora com uma amiga que também trabalha com sexo e já esteve no Rio de Janeiro realizando esta mesma atividade, contudo, sem conhecimento da família.

Cassandra não atende em um local de trabalho específico. Sua maneira de exercer a atividade é por meio de anúncios em jornal de grande circulação da cidade. Assim, os clientes combinam com ela o local de atendimento, que pode ser em algum hotel ou motel, ou ainda na própria residência do cliente. Ela também procura, a noite, ficar em um local que se situa próximo a uma boate noturna de uma cidade satélite de Brasília. Ali, adiante, estão barracas que vendem lanches e bebidas. Ela também oferece seus serviços aos homens que se aproximam, realizando programas de diversas formas que podem ser dentro do próprio carro em lugar reservado, ou em algum dos hotéis que circundam a região.

Em princípio, Cassandra mostrou-se aberta à pesquisa e ofereceu sua participação prontamente. Contudo, ao tomar conhecimento da necessidade de gravar seu depoimento, ficou relativamente reticente. Após um pouco mais de confiança, aceitou participar com sua entrevista.

#### **4.4.4. Divina**

Trabalha muito perto de casa há algum tempo e a família ainda não descobriu. Ela tem medo por seu pai. Com 23 anos, busca outro lugar melhor para trabalhar. Reclama que no seu local de trabalho alguns homens bebem demais e muitas vezes arrumam

confusão. Também afirma que em outros lugares poderia lucrar mais. Nunca saiu de Brasília e acha que não volta mais a estudar.

A entrevista com Divina também não foi feita em seu local de trabalho, mas ele foi conhecido. Trata-se de um complexo de bares em que as mulheres trabalham oferecendo atendimento sexual. São bares comuns, onde o cliente pode chegar, tomar uma bebida e até comer alguma coisa. As mulheres se aproximam, iniciam uma conversa e oferecem o programa.

Devido ao agito no local de trabalho, foi necessário destacar Divina do local para que pudesse dar a entrevista, que aconteceu dentro do carro mesmo em local próximo, contudo longe de barulho que atrapalhasse a gravação. Divina, sim, por estar em seu local de trabalho, já se vestia de forma provocante, com roupas bastante reduzidas. Mas comportou-se sempre com bastante medo de parecer vulgar, em gestos, palavras e atitudes.

#### **4.5. Conclusão**

Neste capítulo, foi vista a etnografia como forma de aproximação do tema proposto e a pesquisa qualitativa para a seleção das participantes. Além disso, a entrevista semi-estruturada se mostrou a melhor maneira de obter discurso para análise sobre o problema investigado.

Pôde-se conhecer um pouco do início do interesse pelo tema da prostituição e como ele foi concebido, além das circunstâncias em que se deu o processo de elaboração das questões de pesquisa, das perguntas de entrevista, e os objetivos. Foi conhecido, também, um pouco de cada uma das participantes, seu perfil e algumas particularidades delas, um panorama de seus locais de trabalho e como se deu a entrevista com cada uma.

No capítulo seguinte, serão apresentadas as análises dos dados obtidos, buscando apreender mais da prática, a partir do problema apresentado no Capítulo 1, mostrando possíveis maneiras de superar esses problemas e refletindo sobre o resultado da análise.

## **CAPÍTULO V**

### **As vozes de mulheres profissionais do sexo: a construção de suas identidades e a relação com a prática social**

Para compreensão dos significados encontrados nos discursos das mulheres profissionais do sexo, esta pesquisa foi iniciada apresentando o contexto de sua realidade de trabalho, a saber, a prostituição. Foi visto que se trata de um problema relativo ao sexo e ao gênero feminino, já estigmatizado pela prática social. Isso leva à reação de setores que buscam uma superação desses problemas, trabalhando para que a sociedade reconheça e ofereça – em consonância com os direitos humanos e de trabalho – a cidadania. Essa ação consciente de sua realidade e por seu estabelecimento foi relacionada com a agenciamento.

Por intermédio da Análise de Discurso Crítica (ADC), pode-se verificar de que modo as profissionais do sexo consideram sua própria imagem de prostitutas, mulheres, e pessoas, bem como sua opinião a respeito da profissão e da sua legalização. Também é possível estabelecer sua visão de mundo e a relação que elas têm com o contexto social em que se situam. A análise levará em consideração as categorias mencionadas, a saber, seleção lexical e intertextualidade, ainda que não se exclua a observação de outras categorias. As ocorrências estarão destacadas nas citações para facilitar a sua visualização e conseqüente compreensão da análise relacionada.

Por fim, será possível afirmar por que se fala disso, como se fala disso e se há uma outra forma de abordar o assunto.

É importante retomar aqui o conceito das categorias a serem analisadas no *corpus*. Os itens selecionados em negrito remontam à seleção lexical e à intertextualidade (Cap. 3). Os comentários e a indicação de títulos para este capítulo se deram na relação com os resultados obtidos, o que facilita a compreensão do todo na resposta às questões de pesquisa.

#### **5.1. Quando a ausência da voz fala alto: o silenciamento**

Antes de ser abordado o discurso que foi propriamente “falado” pelas profissionais do sexo, será apontada uma primeira situação percebida, o que também será comentado. Ao longo das entrevistas (transcritas no Anexo 2<sup>63</sup>), pode-se perceber momentos em que a participante hesita em falar de determinados assuntos, especialmente sua infância. A

---

<sup>63</sup> As convenções das transcrições encontram-se no início desta dissertação.

questão em que se solicita um relato de sua vida em família e como criança foi elaborada para que a participante pudesse expor, de forma sucinta (questão c), sobre sua criação, a formação escolar, a vivência em família e assuntos afins. Percebeu-se que, na maioria delas, houve um relato significativamente reduzido. Em alguns casos, houve a afirmação de não haver lembrança, como se percebe no que disse **Ágatha**: “*Do pouco que eu lembro...*”, e, mais ainda, nas palavras de Beatriz:

**Beatriz:** Não, tudo bem, mas também (xxx) não é muita coisa... eu sou uma pessoa muito (xxx) pra isso. **Não lembro** de muita coisa.

É uma coisa assim, mas... que nem (...) da minha infância **eu não tenho**.

Desculpa eu te falar coisa, assim, da minha infância **não sei mesmo**. É sério mesmo, **não tem** (xxx).

Essa resistência a falar de sua infância pode ser relacionada a alguns fatores que se encontram em Talbot na construção de uma diferença de gênero social aprendido culturalmente, especialmente na convivência familiar.

O afastamento da sociedade do tema do sexo e, mais ainda, da prostituição, encontra âncora na religiosidade judaico-patriarcal (vista no Capítulo 1), e sua reprodução no seio familiar. Buscar a vivência em família, para essas mulheres, seria uma retomada de sua culpa ou da decepção à família. Isso pode, também, ser percebido quando muitas afirmam que a família e a vizinhança não sabem de sua atuação profissional, conforme nos relata, por exemplo, **Cassandra**, ao responder se sua família sabe de seu trabalho: “*Não... Deus me livre... já pensou? (risos) Acho que meus irmãos me mata...*”.

Essa relação de submissão à expectativa familiar, representada pelo poder masculino, pode-se encontrar no comentário de Cassandra com relação aos irmãos. Os “homens” da casa (seu pai já é morto) têm o controle da situação, têm o “direito” de cobrar e estabelecer o modo de vida da família.

Daí, infere-se, vem o silenciamento ou apagamento que é comentado por Deborah Cameron (ver Cap. 2). Em sua pesquisa, Cameron afirma que é natural encontrar em ambientes religiosos, políticos, científicos ou jurídicos uma baixa participação das mulheres. Ela aponta que esse fenômeno não se dá pela incapacidade das mulheres, mas por um tabu.

O silenciamento, portanto, verificado nos relatos das prostitutas com relação à sua infância, mostra uma sociedade que não permite à mulher uma reflexão sobre si mesma. Como herança da sociedade patriarcal, percebe-se, ainda, que a decisão de que tipo de vida seguir, ou mesmo o correto a dizer pertence ao chefe da família, no caso um homem

(pai ou irmãos). O relato feito pelas participantes pode ser silenciado e não proferido por elas, pois estaria imputando a culpa da escolha feita em sua vida – de uma profissão estigmatizada e, portanto, não aceita pela sua família – aos próprios líderes da casa (os homens).

A forma como verificamos que sua escolha profissional vai de encontro ao que pensam os líderes da família pode ser vista nas palavras de Divina, ao responder se tinha algum apoio por parte de sua família:

**Divina:** Meu Deus... **se meu pai souber... acho que mato ele.** Não... (risos)... não vou matar ele... matar, né? (risos)... **acho que ele tem um treco.**

Nossa... não consigo nem ver ele brigando comigo... por isso **acho que ele ia dar um negócio no coração...**

A decepção, conforme se viu acima, pode ser uma forma de fazê-las silenciar a ponto de esconder de si mesmas o início de tudo, ancorado na sua vivência na mais tenra idade no seio familiar.

Uma outra percepção para o fenômeno do silenciamento, no caso desta pesquisa, seria a resistência por estar falando a um homem. O relato pode se tornar mais travado e a natural falta de afinidade explicaria essa situação. O processo da entrevista semi-estruturada, nesse caso, foi importante para possibilitar que uma conversa trouxesse algumas impressões das participantes. Que elas pudessem se sentir mais à vontade em meio ao diálogo e expressar sua opinião, ainda que um relato espontâneo não tivesse sido possível, foi o objetivo ao estabelecer, durante as questões elaboradas, conversa que estimulasse a fala sobre determinadas nuances da situação.

Essa é a razão de, em determinados momentos da entrevista, se usam estratégias por intermédio da qual se oferecem informações sobre instituições, a lei, as impressões sobre a profissão, para que a participante pudesse, mais à vontade e familiarizada, oferecer dados referentes às questões da pesquisa.

## **5.2. As vozes das mulheres**

Nesta seção, serão apresentados trechos das entrevistas em que as mulheres profissionais do sexo traçam seu perfil pessoal e profissional. Será possível, também, verificar suas opiniões a respeito da legalização da atividade de profissional do sexo, conforme a definição que o Ministério do Trabalho e Emprego estabeleceu.

### 5.2.1. O contexto pessoal: família e formação

Entre as profissionais do sexo, há uma constante referência à família com muito respeito, afastamento de sua vida de trabalho como prostituta e um medo constante de que as pessoas próximas descubram sua atividade. Mesmo que haja alguém na família que saiba a natureza de seu trabalho, geralmente trata-se de outras mulheres da casa. Os outros membros são poupados e até evita-se que tenham conhecimento, principalmente no caso dos homens (irmãos, pais, namorados).

A dificuldade de falar da família e de sua vida de infância já foi abordada; contudo, isso é verificado também em alguns comentários, como este, de Beatriz:

**Beatriz:** Minha família é uma família unida, que **não é tão** unida, **mas é** unida (risos).

Nota-se uma dificuldade de lidar com a situação de encarar fatos que vão de encontro à sua formação familiar, ainda eivada de traços paternalistas.

#### 5.2.1.1. A centralidade da figura paterna

Ao responder sobre sua infância e sua família, Cassandra foi a que mais falou espontaneamente, ainda que também muito pouco. Contudo, para ela o fato mais marcante foi a morte do pai. Sobre todo o restante (colegas, escola), ela utiliza o adjetivo **normal**. Isso não estabelece especificação de nenhuma espécie, caracterizando, também uma forma de silenciamento, conforme o trecho a seguir:

**Cassandra:** Olha, eu acho que fui uma criança **normal**... fiz **tudo igual todo mundo**. Só meu pai ter morrido muito cedo que me marcou muito, né? Porque eu lembro dele brincando com a gente muito... sempre agradava a gente... então, quando eu tinha oito anos ele morreu... foi coração... mas era novo... minha mãe que ficou com a gente... mas **tudo foi normal**... escola, brincadeiras, coleguinhas... **normal**.

Ágatha, também no pouco que fala de sua convivência familiar, utiliza o adjetivo **normal**. Todavia, soma-se a ele, para atribuir a escola onde estudou, o adjetivo **simples**, o qual também pode ser interpretado da mesma forma. Segue o trecho:

**Ágatha:** Muitas dificuldades financeiras... éh... mas muito carinho em casa, muita (???) dos meus pais. Estudo **normal**. Escola **simples**. Uma vida **normal**.

Sobre a morte do pai, Cassandra deixa claro que ele era o esteio da família, o ponto de equilíbrio e o responsável por ela. Mesmo entendendo que antes da morte do

pai a família toda morava junta, ou seja, não era constituída por pais separados, ela afirma que após esse episódio a mãe **ficou** com os filhos. Isso significa dizer que a expectativa da família era ter um pai – a figura masculina – oferecendo cuidado e proteção.

Divina vai mais além, para ela é inconcebível que seu pai saiba de sua profissão, que sugere, mais uma vez, a importância da figura masculina na família, conforme vemos a seguir:

**Divina:** (...) Meu **pai gostava que a gente estudava**, sabe? **Ele ficava feliz** com nota boa... essas coisas.  
Estão lá... **moro com eles...** éh... eu **adoro meu pai...**  
Meu Deus... **se meu pai souber... acho que mato ele.**

Os relatos mostram a prática familiar que ainda leva em consideração a centralidade paterna. A opinião do pai, seu controle e determinações ainda regem a direção dos filhos, especialmente, das filhas.

Segundo Talbot, essa também é uma construção de gênero relativa ao ambiente familiar (conforme o Cap. 3). Há uma preparação para que as mulheres se dediquem ao lar e à prole, especialmente nas brincadeiras com bonecas. Os discursos que se apresentam paralelamente a essa atitude põem a mulher em situação de cuidadora do lar, mas como auxiliar do homem, este sim visto como a cabeça que pensa e que, portanto, tem o direito de exercer controle e poder nessa célula central da sociedade.

A reprodução desse sistema no discurso das prostitutas mostra a dificuldade de assumir um caminho diferente daquele estabelecido pelo discurso tradicional de gênero construído na realidade das famílias (cf. Magalhães, 2000b).

#### **5.2.1.2. A importância dos estudos**

Como é também discurso recorrente no seio familiar, o reconhecimento da necessidade de formação escolar é igualmente encontrado nas afirmações das profissionais do sexo. Significa dizer que a opção por essa atividade não se deu por falta de orientação no sentido de uma educação tradicional.

A realização de estudos para satisfação da necessidade profissional ou até mesmo para contemplar os anseios da família pode ser reproduzida nos discursos das prostitutas. Divina, por exemplo, diz o seguinte:

**Divina:** Ah... por isso que falei da **escola...** a gente sempre teve... éh... **meu pai gostava que a gente estudava,** sabe? Ele ficava **feliz com nota boa...** essas coisas...

Todas as participantes selecionadas informaram ter terminado o ensino médio. Algumas chamam isso de **terminar** os estudos, como se pode verificar no relato de Beatriz: “*Estudei em Taguatinga. Segundo Grau completo. Terminei...*”.

Essa idéia de “terminar” os estudos ao fim do Ensino Médio (antigo Segundo Grau) também repete um discurso familiar. Contudo, esse discurso ainda remonta algumas décadas do século passado, em que o estudo técnico, oferecido no antigo científico, proporcionava uma formação básica profissional que possibilitava ao cidadão exercer uma profissão de técnico em áreas como contabilidade, administração e outras. Dessa forma, os filhos e filhas eram estimulados a realizar esses estudos e seguir uma carreira profissional.

O discurso de Ágatha também se aproxima dessa idéia ao afirmar o seguinte:

**Ágatha:** Pedagogia. **Terminei** o curso de pedagogia. **(Em faculdade?)** Segundo... não... antes quando eu estudava era só curso... **(Aquele que chamava de normal?)** É, normal.

A aproximação do conceito de aquisição de cultura com uma formação escolar é recorrente na sociedade e que também é, conseqüentemente, repetida pela família. O discurso é feito da mesma forma por Ágatha ao criticar a profissional do sexo que não dá atenção a uma formação escolar, conforme este trecho:

**Ágatha:** Eu acho que a massagi... a... a... garota de programa, ela tem que ter (.) **raciocínio** ela tem que ter **cultura** também. Ela tem que ter **estudo**. Ela não tem que ser uma garota de programa... éh... como se dizem... sem... **sem nenhum tipo de cultura**. Porque as pessoas também têm isso, que uma garota de programa é uma... uma mulher qualquer. E hoje não é. Hoj... hoje... as pessoas estão mais éh... éh... **desenvolvidas** (.) **mentalmente**, né? Então eu acho que uma garota de programa, ela tem todos os direitos como uma qualquer outra garota.

Para Ágatha, portanto, exercer a profissão de prostituta não significa dizer que a mulher deva se afastar da formação escolar. Para ela, essa formação traz uma preparação cultural necessária até mesmo para a relação da profissional com seus clientes.

Nos discursos das profissionais do sexo, a importância de buscar ascensão por meio da escolaridade ainda reflete a afirmação que se encontra no seio familiar. Contudo, para algumas, a falta de uma relação clara entre essa preparação e os resultados

profissionais dá a impressão de que é desnecessário estudar. O simples cumprimento da base escolar se mostra suficiente e um fator que já satisfaz à família e à sociedade. Daí decorre o discurso de que após o ensino médio já se tenha “terminado” os estudos.

### **5.2.2. A identidade profissional: a necessidade de camuflar**

Ainda se mostra difícil para a mulher profissional do sexo assumir sua atividade. Como se pôde perceber, são muitos os fatores que as impedem de apresentar-se como prostituta ou quaisquer títulos que se queira atribuir.

Diante disso, percebeu-se estratégias de escamotear a atividade, seja para a própria família ou para a sociedade como um todo. Também houve uma série de explicações para essa atitude. Tal situação revelou várias nomenclaturas tanto para a atividade profissional, quanto para os lugares em que ela é exercida.

#### **5.2.2.1. As dificuldades de se apresentar como profissional do sexo**

Em todos os discursos das participantes encontram-se estratégias para modificar sua apresentação como profissional. Como pôde ser verificado, especialmente no capítulo 1, falar de sexo na sociedade ainda se mostra um tabu. O impulso que o moralismo religioso dá a esse pensamento é muito grande e exerce uma pressão imensa sobre a família, célula formadora do indivíduo.

Além disso, há a pressão do discurso com relação ao gênero, esclarecida no trabalho de Mary Talbot (ver Cap. 2). Significa dizer que os estereótipos estabelecidos para as mulheres não comportam liberdade sexual, nem mesmo exercer atividade profissional nesse ramo. Mesmo que haja uma relação de poder androcêntrico, e que as prostitutas estejam a serviço do homem, a pressão da sociedade exercida sobre a mulher profissional do sexo é muito forte e por isso há elementos em seu discurso que mostram os motivos para que ela não revele sua identidade profissional.

Nas palavras de Beatriz, ela já demonstra que é necessário viver sempre de forma escondida, escamoteando a verdade da sociedade:

**Beatriz:** Comparando com as outras profissões... bom... é um trabalho bom, **só que ninguém pode ficar sabendo**, entendeu? É que nem, você trabalha fichado, as pessoas sabem onde que você trabalha, então... aqui você vive muito (..) **na mentira**.

As profissionais vivem, portanto, essa pressão de exercer uma atividade e não poder revelá-la para que não se desagrade à família e também não sejam estigmatizadas

pela sociedade. Contudo, essa é uma atividade de contato, de atendimento a público, ainda que um público reservado. Sendo assim, é possível que a profissional do sexo encontre, em seu ambiente de trabalho, alguém que seja próximo ao seu convívio. Nesse caso, Divina relata que:

**Divina:** Uns fingem que não vê... é até melhor... mas depois eu **fico com medo de fazerem fofoca**, né? Outros (xxx) sempre tem... é... alguns falam mesmo... dizem "oi"... mas eu acho que fica assim, né? **Não fala pra ninguém que eu tava aqui... eu também finjo que nem vi você...** éh... acho que é meio assim... **mas eu fico com medo...**

Como foi visto em Talbot, com relação ao estigma de determinada categoria da sociedade – e isso é revelado por meio do discurso, por isso Talbot considera importante o estudo do gênero por esse meio –, as profissionais do sexo carregam a marca de serem mulheres, contudo, acima disso, a idéia pré-concebida de uma prostituta. Esse também é mais um motivo pelo qual se evita revelar essa atividade na sociedade, como pode-se verificar no relato de Cassandra:

**Cassandra:** Porque todo mundo ainda **trata de qualquer jeito...** olha só... até os homens que procura a gente... eles mesmo (.) tratam **com falta de respeito...** mas acho que se eles vêm... éh... procurar a gente mesmo... acho que eles são a mesma coisa... porque a maioria é casado... imagina se a mulher sabe?

E essa visão estigmatizada da sociedade com respeito à prostituta é conhecida por parte delas. Significa dizer que elas têm consciência de que sua atividade sofre uma pressão e não é bem aceita. Isso revela o pensamento da sociedade, mas além disso explica a atitude da profissional do sexo quando o assunto é ter orgulho de sua profissão e procurar, abertamente, respeito e cidadania para sua condição, como se vê no relato de Cassandra:

**Cassandra:** E daí que é estranho... porque... assim... você chega num lugar e fala que tua profissão é isso... como o pessoal vai olhar pra você? **Vai respeitar você? Eu acho que não...** Então eu não sei... **acho que não teria coragem...**

Já no relato de Ágatha encontra-se um elemento importante de reprodução do estigma da sociedade com relação à profissional do sexo. Ela se apresenta como a pessoa que controla uma chamada casa de massagem. Ela mesma afirma que só trabalha ali fazendo as massagens e contrata as outras meninas para realizarem o

trabalho que ela chama de “complemento”. Assim, quando foi questionada sobre o que achava de seu trabalho, Ágatha respondeu o seguinte:

**Ágatha:** Na minha opinião **é um trabalho bonito**. É um trabalho que **eu gosto...** tá? Gosto muito de trabalhar **com os massagens profissionais...** éh... é um trabalho, assim... no meu pensar **é um trabalho honesto... um trabalho bom**.

Porque hoje... hoje em dia... tem pessoas que já olham com outro tipo de... de idéia... que uma casa de massagem não é uma casa de massagem... porque realmente existem casas de massagens e casas de programas... **então ainda tem pessoas que confundem muito...** existem pessoas que procuram massagem, mas não só massagem... né? quer complementos...

São **pessoas que já vê por outro lado...** se você fala “eu sou massagista”... **você não é olhada como uma massagista.. é olhada como uma garota de programa**.

Ágatha estabelece uma diferença e uma cisão entre a garota de programa e a massagista. Inclusive, revela, em seu discurso, a insatisfação em ser aproximada a uma garota de programa. Essa é uma afirmação do estigma que a sociedade impõe à profissional do sexo, o qual é reproduzido até mesmo por uma profissional que trabalha no mesmo ambiente.

Ao perceber que o relato estava sendo direcionado somente para a profissional que se dedica exclusivamente à massagem, reformulou-se a questão para que fosse direta em relação às mulheres que trabalham realizando programas sexuais. Para ela, então, a resposta foi a seguinte:

**Ágatha:** Não tenho nada, assim, a criticar não. Eu acho que **a massagi... a... a... garota de programa**, ela tem que ter (.) raciocínio ela tem que ter cultura também. Ela tem que ter estudo. Ela não tem que ser uma garota de programa... éh... como se dizem... sem... sem nenhum tipo de cultura.

Ágatha foi questionada da seguinte forma: “*E essas que **trabalham com programa**, o quê que você acha desse trabalho?*”. Mesmo assim, em sua resposta, ela estava comparando, em mesmo nível, massagistas e garotas de programa. Todavia, no decorrer do discurso, corrigiu para “garota de programa”. Essa seleção revela uma divergência também em seu pensamento influenciado pelo meio em que vive, mas ainda híbrida com o pensamento da sociedade. É a mesma coisa ou não? Ela não faz programa ou não quis afirmar? A última questão não se pode responder.

Mas o paralelo traçado por Ágatha não pára por aí. No momento de afirmar se aderiria ao programa preparado para as profissionais do sexo a partir da legalização, beneficiando-se de tudo o que é oferecido, como aposentadoria, Ágatha afirma o seguinte:

**Ágatha:** Como uma cidadã, eu... eu acho muito, né? nos **meus direitos de procurar...** e querer **também pra mim**, se futuramente é necessário... é... é... **pra mim... é bom pra mim...** com certeza **eu quero participar**.

Ágatha se inclui no programa, quer para si o plano de legitimação da atividade de profissional do sexo. Sabendo da afirmação anterior dividindo a atividade de massagista do trabalho da garota de programa, houve uma seguinte questão a Ágatha, para especificar sua resposta: “*Contribuir como profissional do sexo?*” Ao que ela respondeu: “**Sim**”.

É importante anotar que a nomenclatura de “massagista” tem trazido confusão também no meio profissional dos que fazem massagem. Em depoimento de profissional desse ramo, detectou-se esse problema no sentido de que professores da área estavam orientando a utilizarem o termo “massoterapeuta”, além de evitarem colocar anúncios em jornal, visto que os homens que chamavam a partir desses veículos faziam-no em grande parte procurando por serviços sexuais.

No próprio discurso de Beatriz encontra-se essa dificuldade:

**Beatriz: Já sabem** (os clientes)... que nem quer fazer uma massagem relaxante mesmo... (xxx) indicar uma pessoa que faz a massagem relaxante mesmo... e **nós só fazemos o relax**.

E também em conversa informal, ela afirma que algumas vezes, quando parece que o cliente não entendeu a oferta de trabalho, esclarece que não sabe mesmo fazer massagem e que, em determinadas situações, até chega a fazer alguma coisa para satisfazer, mas não é uma massagem profissional. Todavia, sempre deixa claro para o cliente.

Esse discurso mostra o que a profissional massoterapeuta revela como uma prática social. Massagistas sendo confundidas com profissionais do sexo. E as prostitutas utilizando essa nomenclatura para atender clientes que, por um estigma da sociedade, não podem ser atendidos por profissionais do sexo, nem elas podem se apresentar de tal forma. É um resultado do estigma exposto por Talbot e mais um retrato da sociedade e da prática, tal como apresenta Fairclough em sua Teoria Social do Discurso.

### 5.2.2.2. As estratégias de nomenclatura para a profissão

No fim do capítulo 1, são relacionadas algumas nomenclaturas utilizadas Brasil afora para as mulheres que trabalham com o sexo. O elenco é muito extenso e pode ser retomado no local indicado. A comissão que compôs o grupo de trabalho para a elaboração da definição da profissão no Ministério do Trabalho e Emprego (também transcrita na íntegra no Capítulo 1) utilizou alguns termos para nomear aquelas e aqueles que trabalham nessa atividade.

O que queremos nesta seção é montar um quadro com a nomenclatura utilizada pela comissão e aquelas utilizadas pelas participantes em seus relatos. Ela servirá também como uma comparação do que as próprias profissionais que demonstram exercer a agência e aquelas que foram participantes da pesquisa e não têm relação com organizações que apóiam o trabalho das profissionais do sexo.

Esse resultado pode apontar para alguma diferença na percepção dessas mulheres que atuam de forma diferenciada. Será apresentado, a seguir, um quadro com as nomenclaturas citadas.

**Quadro 3 – Titulações utilizadas para a atividade de profissional do sexo**

NOMENCLATURAS DA DEFINIÇÃO DO MTE	NOMES UTILIZADOS PELAS PARTICIPANTES
Garota de programa	Garota de programa
Garoto de programa	Garoto de programa
Meretriz	-----
Messalina	-----
Michê	-----
Mulher da vida	-----
Prostituta	Prostituta (*)
Putá	Putá (*)
Quenga	-----
Rapariga	-----
Trabalhador do sexo	-----
Transexual profissional do sexo	-----
Travesti profissional do sexo	-----
-----	Garota do sexo
-----	Go go boy
-----	Profissional do sexo (*)
-----	Prostituto (*)

(\*) É bom apontar que as palavras “prostituta” e “puta” foram utilizadas de forma pejorativa pelas participantes. Já as expressões “profissional do sexo” e “prostituto” ocorreram com ironia.

As marcações com traços mostram que não houve coincidência entre a definição e as palavras utilizadas pelas participantes. Retirando essas que não foram correlatas e as que serviram como expressão pejorativa ou irônica, restaram somente “garota e garoto de programa” como coincidência entre os dois ambientes. Essas são expressões que elas utilizam para referirem-se a si próprias.

Nesse campo de escolha de palavras, além de definir sua profissão, ainda é interessante notar a seleção que fazem para definir o local de trabalho e a atividade. Serão elencadas, portanto, essas duas categorias.

#### **Quadro 4 – Nomenclaturas usadas pelas prostitutas para o local de trabalho**

<b>TÍTULOS PARA O LOCAL DE TRABALHO</b>
<p style="text-align: center;">Bar            Casa de massagem            Clube das mulheres            Termas            Boate            Na rua            Clínica            Clínica de massagem            Casa de massagem            Loja            Casa de programa            Quitinete fechada</p>

Deve-se ressaltar que há profissionais que utilizam jornais de grande circulação na cidade para oferecerem os serviços divulgando o telefone. Para o atendimento dessas profissionais, são utilizadas as próprias casas dos clientes ou motéis (ver entrevista com Beatriz e Cassandra, no Anexo 2).

#### **Quadro 5 – Nomeação da atividade por parte das profissionais do sexo**

<b>TÍTULOS PARA A ATIVIDADE SEXUAL</b>
<p style="text-align: center;">Complemento            Programa            Sexo            Massagem sensual            Relax</p>

Percebe-se que as profissionais do sexo lançam mão de uma estratégia para, sempre que possível, evitar a utilização de palavras que sejam diretamente ligadas a sexo. Muitas também utilizam o verbo “atender”. Fica, dessa forma, caracterizada uma atividade puramente profissional, comercial. Alguém que atende um “cliente”.

### 5.2.2.3. O benefício financeiro da profissional do sexo

No discurso das participantes percebe-se que a compensação financeira é o que faz continuar na atividade, a despeito das ameaças, dos estigmas e do medo. Entende-se que é um processo que ocorre em toda a sociedade, a saber, a crise econômica e de emprego. Muitas, mesmo sem se sentirem confortáveis nessa atividade – contrariamente às mulheres que se dedicam à profissão e têm contato com Davida (ver Capítulo 1), atuam na Daspu, por exemplo, e (conforme orientação da definição do Ministério do Trabalho e Emprego, no item F) trabalham pela organização da categoria –, realizam-na porque o ganho em dinheiro é satisfatório.

Em algumas afirmações, percebe-se a importância do ganho financeiro para as participantes, bem como a rejeição à atividade, conforme se vê a seguir:

**Cassandra:** Olha... eu acho que (xxx)  **muito legal não...** mas... assim... pra mim... **é o que deu dinheiro, né?** Ah... **é com isso que eu posso comprar minhas coisas...** então eu não reclamo não...

**Cassandra:** (...)mas eu **não acho ruim** não (risos)  
**Se não fosse isso, eu não ia ter meu dinheiro, né?**

Para Cassandra, sua dedicação ao trabalho não vem de um reconhecimento de seu “talento” para a atividade. Ela se dá pela necessidade de seu sustento. É por meio desse trabalho que ela consegue comprar aquilo de que precisa, mesmo considerando a atividade “não muito legal”. Afirmação que reforça a repetição do discurso da sociedade, em que o senso comum considera a prostituição uma atividade ilegal (campo das leis) e imoral (campo religioso).

Nas palavras de Divina, apesar da rejeição à profissão, vemos que ela também se apresenta como uma atividade de emprego. Ao afirmar sua procura por trabalho, uma amiga de Divina a ofereceu um trabalho com programas, como se percebe em seu discurso abaixo:

**Divina:** Eu **tava procurando emprego** e uma colega falou pra mim isso... falou **quanto ganhava...** aí... éh... eu resolvi **vim ver como é...**

Podemos destacar o paralelo em “procurar emprego” e “quanto ganhava” nesse período do discurso de Divina. Ainda que haja uma rejeição por parte da sociedade, a atividade é claramente vista como uma ocupação que oferece rendimentos financeiros para sustento da pessoa. É uma atividade marcada, como muitas outras, contudo, para a mulher e para o trabalho com o sexo os estigmas são ainda mais fortes.

Divina ainda traz elementos que mostram um desejo de ascensão dentro da própria profissão. Uma busca por um local de trabalho mais lucrativo, como veremos abaixo, e que é um caminho natural por parte de um indivíduo que escolhe uma atividade profissional. Todavia, mesmo com esse plano em mente, ainda mostra em seu discurso o estigma da atividade.

**Divina: Não é que a gente gosta, né? (risos)... éh... do dinheiro a gente gosta... porque... éh... dá um dinheirinho bom, né? Mas eu tô querendo mudar de lugar... em outro lugar acho que vou ganhar mais...**

Divina, portanto, não planeja, em princípio, modificar sua atuação profissional. Ela busca trabalhar em um outro estabelecimento que lhe renda um lucro maior. Mesmo não aprovando a atividade, sua perspectiva para um futuro em curto ou médio prazo é continuar realizando esse trabalho.

Sua visão, clara em seu discurso, mostra a necessidade de obter o sustento pessoal (realizado por meio de uma atividade profissional), bem como a marca que a atividade com o sexo como profissão tem na prática da sociedade. Divina se coloca entre um discurso – pois ela não pode se apartar da sociedade em que vive, não vai de encontro a esse pensamento – e outro – tentando manter a atividade que lhe permite obter seu lucro regular. Essas idéias são reforçadas no período abaixo, em que Divina responde como ela vê seu trabalho.

**Divina: Eu nunca pensei nisso não... (...) éh... assim... ah... sei lá... só vejo os outros falando mal, né? Então eu acho assim... só tô nisso mesmo porque preciso do dinheiro...**

Divina não fala a “sua” opinião. Ela mesma afirma não ter pensado nisso – e os momentos de retração no discurso parecem mostrar que ainda está refletindo, nesse curto período, sobre sua resposta – contudo sua resposta foi a respeito do que ela percebe no julgamento das “outras pessoas”, as quais “falam mal”. Essa a marca da prática de estigma da profissão que ela escolheu, ainda que por necessidade (*só tô nisso mesmo porque preciso do dinheiro*).

Divina pareceu repetir o discurso como resistência a si própria. Ela não aceita ser uma profissional do sexo simplesmente porque é isso que ela ouve na sociedade. Esse discurso é mais forte e aparece nas suas palavras como um interdiscurso. Fica claro que ele não é seu, é apreendido e reproduzido. Dessa forma, percebe-se que a agenciamento em Divina ainda é travada por uma repetição da prática social de estigma à profissional do sexo.

A necessidade de ter um emprego e o discurso profissional para a busca de um trabalho com carteira assinada também são percebidos nos relatos das participantes. Beatriz continua a trabalhar em um emprego com carteira assinada, contudo sua atividade como profissional do sexo lhe rende um lucro extra e é isso que ela busca. Além disso, afirma que mesmo ao atingir seu objetivo de acumular dinheiro para uma necessidade específica, admite que se deixar de realizar a atividade sexual pode voltar para buscar um equilíbrio em suas contas num momento futuro.

**Beatriz:** Em si eu acho um **trabalho (.) normal**. Dá...  **você ganha seu dinheiro**, você tem... você trabalha... você tem a sua hora de trabalho... você trabalha... final de semana, tipo assim, num domingo você não trabalha... **o ruim é que não é fichado** porque o resto é tudo bom... você ganha... **O DINHEIRO É BOM**... você ganha um dinheiro, em si, bom... é...

Nas palavras de Beatriz, reproduz-se a estrutura de um trabalho como outro qualquer: o pagamento, os dias e horários de trabalho, as folgas semanais. A única falha, para ela, é a falta da carteira assinada (*fichado*). Ela também utiliza a palavra “normal”. Mas seu detalhamento para uma atividade “normal” faz dessa escolha uma ocorrência diferente da que fizeram Ágatha e Cassandra acima (5.2.1.1) ao tentarem definir sua família, quando se considera a palavra vazia de significado. Aqui, Beatriz define o que significa para ela a palavra normal, a saber, como qualquer outra. No caso da profissão, há somente a ressalva da ausência do registro profissional, o que também mostra a prática social da pressão por um emprego “fichado”.

As profissionais do sexo sabem do estigma, elas repetem essa marca da sociedade, assumem os reveses, como diz Beatriz, até mesmo na relação com um companheiro.

**Beatriz:** Mas tem aquela... sabe que é um dinheiro... que **ela vai ter dinheiro muito fácil**, vai ter sempre... sempre vai ter dinheiro... pra que homem vai querer largar uma mulher dessa? Não tem como. Mesmo (xxx)... **qual o homem que vai ficar com uma mulher ficando com outros homens? Não tem...**

Beatriz sabe que o senso comum não admite que um homem esteja com uma mulher que se entrega a outros. É vergonha para ele e indignidade para ela. No caso da atividade profissional com o sexo, alguns homens admitem estar com essas mulheres pelo dinheiro, contudo, segundo o relato de Beatriz, por amor é impossível. Esse discurso demonstra que na prática social o interesse pelo dinheiro está acima de qualquer coisa. Admitem-se muitas situações em favor do lucro.

O lucro é importante para Beatriz e o objetivo aqui é reforçar seu discurso para tal e ressaltar que ele representa uma reprodução da prática social, a saber, a busca do sucesso financeiro.

**Beatriz:** Eu falei e daí, eu saio com os meninos (.) de graça, **é melhor ganhar dinheiro com isso.**

(...) Homem mais velho **paga mais.**

(...) Homem mais novo paga pouco, homem mais velho não... **é rapidinho e paga mais...**

Mas Beatriz, que compara a profissão a qualquer outra somente fazendo a ressalva da carteira assinada, ainda reluta a aceitar esse benefício se ele for legalmente oferecido pelo Estado. Essa é mais uma marca da força do estigma reproduzido na sociedade, conforme se vê a seguir.

**Beatriz: Eu não assinaria (...)** Imagine você indo num local “não... vou fazer um cartão de alguma coisa”... fazer alguma coisa. (...) Exatamente... “me dá tua carteira... trabalha de quê?” Não... **sou garota de programa.**

A solução para o problema apontado por Beatriz, ou seja, a falta de registro profissional, não é suficiente para que ela assuma sua profissão. O discurso reproduz a prática de discriminação da sociedade e é muito forte ainda a ponto de afastar uma profissional que, para si, não tem reserva à sua atividade. Todavia ainda não está pronta pra enfrentar o estigma da sociedade.

Enfim, a pressão por emprego, por lucro, a necessidade de subsistência levam, na maioria dos casos, ao ingresso nessa profissão. Contudo encontram-se elementos no discurso das prostitutas que mostram uma incompreensão da falta de reconhecimento de sua atividade. Mas a marca negativa da sociedade e sua resistência a essa profissão fazem com que a profissional exerça seu trabalho às escondidas. Se a crítica do senso comum busca acabar com essa atividade, é importante dizer que não está surtindo efeito.

Pelo contrário, tudo acontece – e sempre vai acontecer – contudo sem controle do Estado, sem dignidade para as pessoas que a esse trabalho se dedicam.

### 5.2.3. O que é uma mulher?

O movimento feminista fez a sociedade olhar para a mulher de forma diferente. Trabalhos como o de Simone de Beauvoir mudaram a visão que a sociedade dirigia à mulher. É necessário superar o conceito de que a mulher está a serviço do homem, que lhe é somente uma auxiliar ou serviçal (doméstica e sexual).

Mesmo assim, ainda há camadas da sociedade onde o discurso patriarcal, reforçado pela religiosidade judaico-cristã e entranhado no seio da família ocidental, reforça à mulher que sua dignidade reside no cumprimento desses conceitos de cuidado do marido e da família, da natureza maternal tradicionalmente afirmada como natural. Contudo, conforme foi visto em Talbot (Cap. 2), essa natureza é construída, inclusive discursivamente.

#### 5.2.3.1. Da liberdade sexual

Nas palavras das profissionais do sexo, mesmo mulheres que exercem liberdade sexual, ainda que escamoteada, por razões que já se pode verificar, reproduz-se o discurso de que a mulher livre das amarras da sociedade com relação ao uso do seu corpo não se encontra plenamente digna. Ágatha chega a utilizar a palavra “prostituta” de forma a trazer um conceito pejorativo para a ação de uma mulher que escolhe o seu parceiro sexual, conforme se pode perceber no relato abaixo:

**Ágatha:** Tem casos que (..) se uma menina não trabalha com prostituição, mas **lá fora** ela, como uma... uma dondoquinha, uma gatinha, ela vai numa festa, ela **fica com um**, ela vai numa festa, ela **fica com outro**. Entendeu? Ela **fica com o marido da... da amiga**, ela **fica com o vizinho**, ela **fica com fulano**, ela **fica com o motorista**, ela **fica com os PM...** Ela **também é uma prostituta**.

As palavras de Ágatha têm a intenção de “defender” as prostitutas, as garotas de programa, contudo, elas reproduzem o discurso moralista da sociedade. É perceptível que à mulher não lhe dá o direito de exercer sua vida sexual de acordo com sua vontade. Além disso, Ágatha ainda aproxima essa atitude ao conceito de “prostituta”. A palavra, portanto, é utilizada, até mesmo por ela, para classificar uma mulher que toma uma atitude de exercer sua sexualidade conforme lhe aprouver. Ágatha reproduz o estigma à mulher,

bem como o estigma à prostituta, o que se pode verificar quando segue seu discurso na mesma direção.

**Ágatha:** Ela também é uma prostituta... Ela também tá se prostituindo, entendeu? Então, as pessoas não vêem isso. Uma **garota que está trabalhando pra sobreviver, ganhando dinheiro ela É prostituta...** E uma **garota que dá pra todo mundo de graça, ela não é prostituta. Qual é a diferença?** Não tem. Então as pessoas tão vendo isso como... má... com más... né? Então eu acho assim, as pessoas têm que ter consciência do que vê, do que pensa e do que fala.

Encontra-se, nesse relato, um problema de nomenclatura. Prostituta, conforme a própria definição do Ministério do Trabalho e Emprego utiliza, seria uma profissional, que realiza atividades sexuais para lucro como trabalho. A mesma palavra, todavia, é utilizada também para desqualificar uma mulher quando se quer atribuir a ela uma prática sexual inadequada conforme os padrões da prática social. Ágatha reproduz esse problema, para o qual ainda se vê solução distante.

#### **5.2.3.2. Da submissão à família: o discurso de controle**<sup>64</sup>

Além do estigma da mulher com relação à sua possibilidade de exercer livremente sua vida sexual, o que está para o próprio controle de seu corpo, encontra-se na prática da sociedade a centralidade da família, especialmente a liderança patriarcal. Essa realidade também pode ser vista no relato das participantes, seja na relação com seus familiares – preservando de saber o que fazem – ou até mesmo criticando os homens que se apresentam buscando seus serviços.

A importância e a centralidade do pai na casa são encontradas no relato de Divina, ao responder sobre o apoio que tem de sua família.

**Divina:** O pessoal lá de casa? eu Deus... **se meu pai souber...** acho que mato ele.

Não... (risos)... não vou matar ele... matar, né? (risos)... acho que ele tem um treco.

Nossa... **não consigo nem ver ele brigando comigo...** por isso acho que ele ia dar um negócio no coração.

Divina mostra uma relação de respeito e admiração por seu pai. O medo de decepcioná-lo é retrato de um núcleo em que alguém tem o controle da vida de outras pessoas. O pai é o centro emocional do grupo familiar. Ir de encontro ao seu pensamento

---

<sup>64</sup> Cf. Magalhães, 2000b.

é transgredir uma regra social enraizada ao longo do tempo e aceita pelo senso comum. A família é o centro da sociedade e o pai é o centro da família. O homem é quem dá equilíbrio e esse pensamento também é reproduzido quando ela se refere a mulheres que buscam sexo com garotos de programa ao realizar a afirmação abaixo.

**Divina:** Ah... eu sei que tem... éh... tem uns que atendem... éh... em casa, né? Tipo essas **coroas que não têm homem**... sei lá... mas não conheço nenhum não...

A família de Cassandra também sofreu com a ausência da figura masculina quando o pai morreu, o que marcou muito sua vida, conforme seu relato a seguir.

**Cassandra:** Só meu pai ter morrido muito cedo que me marcou muito, né? Porque eu lembro dele brincando com a gente muito... sempre **agradava a gente**... então, quando eu tinha oito anos **ele morreu**... foi coração... mas era novo... **minha mãe que ficou com a gente**... mas foi normal... escola, brincadeiras, coleguinhas... normal.

Segundo Cassandra, a ausência do pai fez com que os filhos “ficassem” com a mãe (fato analisado mais acima, em 5.2.1.1), mas mostra uma desestrutura grave para a família, uma reprodução da prática social centralizando essa célula da sociedade.

Fato importante no relato de Cassandra também é a transferência da responsabilidade sobre ela para os irmãos masculinos. Quando diz que a família não sabe em que trabalha e que também não pode saber, o controle do indivíduo masculino ainda é retratado.

**Cassandra:** Não... Deus me livre... já pensou? (risos) Acho que **meus irmãos me mata**...

Tenho dois... e **é tudo brabo** (risos)... **eles não ia aceitar mesmo**... ih... **ia ser uma briga danada comigo**...

Cassandra não contesta a atitude dos irmãos. O discurso dessa profissional do sexo dá a eles o direito de sentir-se decepcionados com sua opção de trabalho e reagirem com protestos violentos (*tudo brabo* e *briga danada*). O controle está nas mãos deles e não é confrontado.

#### 5.2.4. O discurso sobre a legalização da profissão

Conforme foi abordado no primeiro ponto deste capítulo, sobre a legalização do trabalho também houve um silenciamento. Contudo, ele ocorreu não por falta de opinião do assunto, mas demonstrou um desconhecimento do plano traçado pelo Ministério do

Trabalho e Emprego, bem como da atividade realizada por organizações que apóiam as profissionais do sexo.

Esse desconhecimento pode ser retrato de uma divulgação insatisfatória, tanto por parte do ministério, como também das organizações de apoio. Contudo, as prostitutas também não demonstram ação própria nesse sentido. Isso pode refletir uma falta de enfrentamento à situação vivida por elas na sociedade com relação ao estigma. Elas mesmas são instrumentos de reprodução do discurso contra a mulher ter direito a utilizar seu corpo como bem lhe aprouver, legitimando essa relação de poder. Isso pode ser percebido nas palavras de Ágatha, conforme se vê a seguir.

**Ágatha:** Olha, é uma coisa assim, pra mim, uma **coisa nova** que, como eu te disse, **não tinha contato**... não... eu **nunca me interessei** a... a me aprofundar nesse assunto... entendeu?

Para Divina, era necessário saber mais para dar sua opinião. Ela queria saber qual era a proposta, como se daria a legalização e a inserção das profissionais do sexo nesse programa. Por isso, admitiu sua incapacidade de explicar sua visão sobre o assunto.

**Divina:** Ah... **tinha que ver mais**, né? **Nem sei** se ia ser bom isso... **tem que ver** como vai ser, né?

No momento em que eram esclarecidas da idéia do Ministério e do objetivo buscado pelas prostitutas que trabalham nas organizações citadas, elas proferiam, sim, suas impressões. Pode-se destacar a dificuldade de se apresentar como profissional do sexo na sociedade. O estigma ainda é muito forte e o reconhecimento de que a legalização é necessária – até para satisfazer a demanda por direitos sociais – esbarra no medo de encarar a discriminação da sociedade. Fica claro que nem todas têm a coragem que as mulheres protagonistas da profissão – representadas pelas agentes das organizações que trabalham em prol das prostitutas – demonstram nas ações por cidadania que realizam (ver Cap. 1).

#### **5.2.4.1. Os avanços sociais são bons para as mulheres profissionais do sexo...**

Os discursos apontam para um reconhecimento de que a legalização seria um avanço que vai ao encontro dos desejos e das necessidades da profissional do sexo. O que se fala muito é de carteira assinada e de contribuição para a Previdência que proporcionasse segurança para a aposentadoria e seguro em caso de doença. Esses são

anseios que a prática social transforma em status para o cidadão e que se encontram reproduzidos nos discursos das participantes.

**Ágatha:** Como **uma cidadã**, eu... eu acho muito, né? Nos **meus direitos** de procurar... e querer também pra mim, se futuramente é necessário... é... é... pra mim... é bom pra mim... com certeza eu **quero participar**.

Ágatha reconhece que a legalização e a sua participação no programa de previdência lhe trariam cidadania e a oferta de direitos que lhe são devidos. São deveres do Estado para com o cidadão. É também uma prática social, o que é reproduzido em discursos do governo e que a família assume, divulgando para seus filhos e filhas o desejo de que possam trabalhar e ser cidadãos que cumprem seus deveres e buscam seus direitos. Ágatha vê na legalização uma forma de atender a essas prerrogativas, mesmo exercendo um papel ainda não aceito pela sociedade. Resta, então, o trabalho para que o meio em que vive veja com outro olhar sua situação.

Beatriz trabalha como garota de programa, contudo tem um trabalho em que há seu registro em carteira profissional. Ela considera isso importante, não somente a vantagem do ganho financeiro, visto que trabalhando em uma “clínica de massagem” consegue receber muito mais. O valor, portanto, que dá ao registro é notório e reflete o peso que isso tem na sociedade.

**Beatriz:** Comparando com outras profissões... bom... é um trabalho bom, só que ninguém pode ficar sabendo, entendeu: É que nem, **você trabalha fichado, as pessoas sabem onde que você trabalha**, então... aqui você vive muito (..) na mentira.

Trabalhar “fichado” é uma referência para o mundo financeiro. O profissional tem um endereço que possa ser apresentado. É uma exigência e um reconhecimento do mercado para quem quer comprar a prazo, por exemplo. Isso é considerado status na sociedade em que vivemos. Beatriz também diz que “**o ruim é que não é fichado porque o resto é tudo bom...**”.

#### **5.2.4.2. ...mas o estigma traz vergonha e resistência**

Mesmo com o reconhecimento da necessidade de um controle da Previdência, para que a dignidade e a cidadania tragam às mulheres profissionais do sexo os direitos a elas até hoje negados, torna-se difícil para elas aceitarem ainda fazerem parte de tal programa.

Seus discursos apontam para um estigma forte, uma discriminação que não vem somente da sociedade em geral, mas também de dentro da família. O moralismo advindo do pensamento patriarcal da religiosidade judaico-cristã – inerente ao Ocidente – e o conseqüente poder exercido pelo androcentrismo que tolhe os direitos da mulher ainda são muito fortes para que essas profissionais sejam acusadas de fraqueza. A agenciamento das ativistas de Davida, exemplificando dentre outras ONGs que trabalham em favor da profissional do sexo, ainda é uma exceção em nossa sociedade.

O medo e a vergonha permanecem pautando o discurso dessas mulheres, conforme se percebe no relato de Divina, falando sobre contribuir para a Previdência, em seguida.

**Divina:** Aí tem que **assinar carteira**, né? Ah... se for assim, **eu quero...**

Logo depois, ao perceber que haverá um código com o título de “profissional do sexo” para sua catalogação, Divina continua mais reticente.

**Divina:** ((mmmmm))... aí eu **não sei...** (risos)

Eu hein... já pensou? “Profissional do sexo”... **tá doido?**

Ah... eu vou chegar num lugar e dizer que sou **puta?** Vou falar lá em casa agora que sou **puta...** que é meu trabalho...

Divina nega chegando a usar a expressão “tá doido?”. Aproxima essa atitude à loucura. Ir de encontro aos anseios da família e da sociedade, apesar de realizar às escondidas, é-lhe muito forçoso. Em seguida, faz uso da palavra “puta” de forma pejorativa, como não utiliza para definir sua atividade. Sabe, portanto, que essa é sua maneira de ganhar a vida, contudo não encontra caminho para trabalhar pela dignidade de seu trabalho. O medo e a vergonha estão estampados no discurso dessas mulheres. O resultado disso é a resposta direta e seca dada por Beatriz quando questionada se assinaria a carteira como profissional do sexo: “*Eu não assinaria*”.

### 5.3. Expondo o mundo ao seu redor

Em seu discurso, as mulheres também expõem sua visão das realidades em que vivem. Não somente surgem essas visões que elas têm do meio, mas também as práticas da sociedade. Nessa seção, serão abordados os resultados com relação aos homens como clientes e como profissionais do sexo, o que se pode atribuir ou definir com relação à agenciamento a partir do discurso das mulheres que não trabalham e também não

conhecem as organizações que apóiam as prostitutas, algumas nuances das relações de poder e desigualdade de gênero a partir dessa exposição do mundo em que vivem.

### 5.3.1. Como são vistos os clientes

Há um misto de poderoso e coitado naquele que utiliza os serviços da profissional do sexo. Essa relação depende do poder aquisitivo, da quantidade de dinheiro que o homem pode pagar pelo programa.

Os homens têm, na maioria dos casos dentro da sociedade machista, a liberdade de agir a partir de seus desejos sexuais. A liberdade sexual para homens e uma dependência dele para as mulheres é uma construção androcêntrica que vai na mesma linha da visão de maternidade inata nas mulheres conforme afirma Talbot (ver Cap. 2).

O primeiro ponto que se pode enfatizar no retrato que as profissionais do sexo pintam do homem como cliente é a capacidade de deixar dinheiro. Para elas, esse é um fator importante a ser avaliado. Afinal, trata-se de uma atividade profissional antes de tudo. Beatriz afirma que prefere atender homens mais velhos porque esses pagam mais.

**Beatriz:** Mas **o bom** é que **sempre aparece homem mais velho**. Menino mais novo, tem muito raro aparecer. Aparece assim uns de vez em quando... (...) **Homem mais velho paga mais**.

Os homens mais velhos já mostram uma segurança financeira. Pela idade, supostamente já estão estabelecidos em termos de trabalho e não lhes é penoso custear uma aventura sexual. Não é necessário ficar barganhando um preço mais barato com a garota de programa ou buscando uma atividade mais alternativa que seu dinheiro possa custear.

Além disso, Beatriz também afirma que o trabalho com homens mais velhos é mais fácil. Eles ficam pouco tempo e se satisfazem rapidamente, como se vê em sua fala a seguir.

**Beatriz:** Que nem... **homem mais velho** chega lá... te dá um (xxx) **rapidinho**... homem mais novo não, mais novo (xxx)... nossa, é difícil demais... Então é mais... e **homem mais novo paga pouco, homem mais velho não... é rapidinho e paga mais**...

A comparação entre clientes homens mais novos e mais velhos se dá na relação dedicação ao trabalho – pagamento oferecido. Para mais novos, mais trabalho e menos lucro. Para mais velhos, menos trabalho e mais lucro. A importância do dinheiro é claramente percebida, estabelecendo uma relação direta de comércio.

Por outro lado, a necessidade selvagem de sexo por parte dos homens, sabe-se, construída também pela sociedade e desde a mais tenra idade do menino, transforma o homem em um ser “dependente” dessa satisfação. Nos relatos das participantes, encontram-se afirmações de homens carentes e que precisam pagar por uma companhia que seja. Veja-se o que afirma Cassandra:

**Cassandra:** Então... é assim... eu tenho cliente fixo que vou na casa dele toda semana... (xxx) **nem tira a roupa...** gosta de ficar **abraçado, conversando...**

Coisa de **carência...** é.

O que também pode ser confirmado no relato de Beatriz abaixo:

**Beatriz:** Tem muitos que chegam lá **querendo só carinho...** querem **ser só alisados... mais nada...** (xxx) paga 150 reais...

Não chega a ter... quer **conversar** e quer que você *pa/ pa/...* **alise ele** só... só isso **mais nada.**

A carência dos homens é reconhecida pelas profissionais do sexo. Seu discurso mostra que somente o sexo também não é motivo de satisfação. Elas também vendem atenção, carinho e ouvidos que os ouçam.

Contudo, uma atitude é questionada e reflete o discurso da sociedade. Os homens casados, a despeito de suas necessidades em casa, são vistos como um olhar duplo: coitados ou errados. Estes vão trair a boa mulher que têm em casa, aqueles estão buscando o que não lhes é oferecido por suas companheiras. Cassandra mostra como os casados são vistos quando as procuram, no seu relato a seguir.

**Cassandra:** Mas acho que se eles vêm... éh... procurar a gente mesmo... acho que eles **são a mesma coisa...** porque **a maioria é casado...** imagina se a mulher sabe?

E **a gente não faz sozinho... a gente não obriga** ninguém... e falam que **fazem porque precisa...** porque **em casa não tá tendo...**

(...) É **safadeza** mesmo... (risos)

Cassandra admite uma culpa e não quer levá-la sozinha. O discurso da sociedade põe em conta de erro a profissional do sexo e aqueles que utilizam seus serviços. Mas no relato dela, fica claro que sempre a culpa maior nessa relação é da profissional. A tradição é que se atribua menos culpa ao homem. Para Cassandra, eles “*são a mesma coisa*” porque elas não realizam sozinhas esse ato. Mesmo assim, para os casados a culpa de buscar uma prostituta pode ser atribuída à sua cônjuge. Pode ser culpa dela por não estar

atendendo satisfatoriamente seu marido no campo sexual. Isso é percebido nas palavras de Beatriz.

**Beatriz:** Porque a maioria dos homens em si que aparece na clínica é tudo **homem casado**. Eles **reclamam muito das mulheres que têm dentro de casa**. Reclamam que a mulher depois que casou **engordou**, que a mulher **não dá prazer**... que a mulher **só quer cuidar da casa, de filho, não quer saber mais de nada**... então eles **chegam lá reclamando**... eles querem o quê? Tem muitos que chegam lá querendo só carinho... querem ser só alisados... mais nada...

A mulher age assim, respondendo a um estímulo familiar de uma demanda da sociedade patriarcal, fazendo o que se exige dela desde criança: cuidar do lar, da família, da prole, do marido. A família não cria sua filha para ser uma amante (no sentido de ser uma mulher que ama, não no tocante ao termo utilizado para um terceiro elemento numa relação). Não lhe permite exercer sua sexualidade de forma satisfatória para si e para o marido. Sua vida sexual deve ser descoberta para além dos “muros” da família, dos olhares do pai e irmãos e, portanto, de forma escondida e culpada. Parece dizer que as duas realidades são antagônicas: mulher que cuida do lar, mulher que se satisfaz sexualmente e a seu parceiro. As palavras de Beatriz mostram o retrato de uma sociedade que ainda não sabe lidar com a mulher que busca seu prazer, pois ainda é tratada como culpada e a tarefa que faz buscando satisfazer a necessidade dessa sociedade patriarcal diminui sua identidade de mulher e ainda contribui para isso que foi visto no discurso anterior, a mulher é culpada por o homem não ter prazer em casa.

### 5.3.2. O homem como profissional do sexo

Os lugares de atuação são distintos. Não se misturam. Pouco, portanto, se fala com relação aos homens que exercem a profissão. Mas nas palavras das participantes, eles têm mais dificuldade pelo processo mecânico do sexo e pela dificuldade que as mulheres ainda encontram de comprar prazer como os homens fazem.

Beatriz afirma que as mulheres realizam programas mais rápidos, que os homens se satisfazem rapidamente e proporcionam que as profissionais do sexo busquem outro lucro imediatamente. Os homens precisam, muitas vezes, passar o dia com as clientes.

**Beatriz:** Mas **pra homem é uma coisa muito complicado**... eu acho... que nem tem assim... você vai olha no Correio Braziliense essas coisas... essas coisas assim... eles (.) éh... cobram da mulher 80 reais, 100 reais... mas **se der eles passam o dia todinho com a mulher**... tem homens que passam o dia todinho com a mulher... a mulher paga o motel **ele só tira os 100 reais dele** e pronto acabou... imagine só **um**

**homem transando com a mulher três ou quatro vezes por dia por 100 reais...** mulher não... mulher é mais certo... mulher só vai uma vez com o homem... e pronto e acabou...

Para Beatriz há duas dificuldades na atuação dos homens: a primeira é que o ganho é reduzido por sua impossibilidade de atender mais clientes em um espaço de tempo reduzido, a segunda porque têm que dedicar mais tempo a determinada cliente, sendo que o ganho é o mesmo que uma mulher lucra em um tempo bem menor.

**Beatriz:** Imagine um homem fica dando três, quatro horas com uma mulher... ele **tá atendendo um cliente...** pelo fato de... por **causa de um, ele acaba perdendo outro...** entendeu?

Além disso, o ganho deles é mais difícil que o das mulheres porque ainda não são tão procurados como elas. Para Cassandra “*os homens são **mais doido... mais solto***”. Significa dizer que as mulheres ainda não se sentem à vontade, tal qual os homens – ainda que às escondidas –, para comprar satisfação sexual.

**Cassandra:** Ah, deve ser estranho... porque **mulher chama menos...** deve dar pouco dinheiro... assim... comparado, né?... **comparado com mulher...** porque os homens são mais doido (risos)... mais solto...

Divina também aponta que seria difícil para as mulheres freqüentarem ambientes parecidos com o que ela trabalha em busca de satisfação sexual.

**Divina:** Acho que deve ser a mesma coisa... não sei direito... mas **deve ser menos, né?** Eu **nunca vi** um bar... éh... que tenha homem... prostituto (risos)...

Sei lá... **igual aqui acho que não...** porque os **homens vêm mesmo... já pensou?** Um bar assim... aberto... as **mulher vindo aqui** e um monte de homem só de cuequinha fazendo coisa por dinheiro? (risos)... **acho que não ia vir não...**

Mesmo as mulheres que resolveram fazer de sua atividade sexual um lucro, reconhecem, por meio de seu discurso, a dificuldade encontrada no enfrentamento à imposição que se tem no pensamento machista da sociedade. Elas sabem que não é fácil superar a força desse discurso e, por esse motivo, Talbot afirma ser importante analisar gênero pelo discurso da sociedade.

### 5.3.3. Agenciação no discurso

Como essas profissionais ainda exercem sua profissão escondidas da família, buscam não serem vistas por vizinhos e conhecidos, mostram ainda uma reprodução da prática da sociedade que proíbe a prostituição, contudo se utiliza dela na surdina.

Pouco se percebe no discurso das participantes com respeito à agenciação, mas algo de admiração àquelas mulheres que assumem sua profissão é percebido, um reconhecimento de que a atitude de buscar direitos é necessária e, algumas vezes, a incapacidade de realizar o que se apresenta necessário.

Cassandra diz que reconhece, mas ainda tem medo.

**Cassandra:** Acho que... assim... como a gente tava falando... esses grupo que ajuda as meninas... eu acho que eles têm que **fazer mais coisa pra o pessoal entender**, né? Entender **que é uma profissão normal...** mas **a gente mesmo ainda tem medo...**

O medo é decorrente de uma atitude discriminatória por parte da sociedade. O reflexo disso está no discurso de Cassandra. Ela reconhece a necessidade dessa ação para que os estigmas sejam superados. Contudo, não resulta fácil para as mulheres profissionais do sexo escolherem uma atuação concreta em busca de seus direitos. Demanda tempo, cuidado e ação de órgãos paralelos para que a sociedade possa ouvir a voz dessas profissionais.

Elas usam o silêncio para se defender, essa é a estratégia que se apresenta paralela ao silenciamento trabalhado por Deborah Cameron (ver Cap. 2). Essa não pode ser vista de forma reduzida como uma covardia, mas uma autodefesa exercida pela força da discriminação e do estigma que a sociedade externa.

Por isso, as afirmações são eivadas de sentimentos duplos, como nas palavras de Divina sobre a contribuição à Previdência: *“Eu acho que ia ficar **com medo...** mas acho que é **importante**”*.

### 5.3.4. Relações de poder e desigualdade de gênero

Como se percebe ao longo desta pesquisa, a sociedade androcêntrica estabelece estratégias para que haja uma hegemonia do gênero masculino. Verifica-se que o pai é o centro da família e esta reproduz o discurso da mulher como auxiliadora do homem ou um simples objeto de seu prazer. Os discursos das participantes também mostram essa realidade, como se pode perceber.

**Cassandra:** Olha, eu acho que fui uma criança normal... fiz tudo igual todo mundo. Só **meu pai ter morrido muito cedo que me marcou muito**, né?

A centralidade do homem e seu controle na família são reproduzidos no discurso. A morte do pai de Cassandra marcou a família e em seguida pode-se perceber que o domínio passa a ser exercido pelos irmãos (ver 5.2.3.2), os quais podem reagir violentamente se souberem de sua situação profissional.

O medo de decepcionar a família e ter que encarar o estigma da sociedade, reflexo da hegemonia de poder masculino, faz com que a profissional do sexo exerça seu trabalho escondido. Dessa forma, ela fica nas mãos daquele que detém a informação de conhecer sua atividade, conforme se vê no discurso de Divina.

**Divina:** Ah... uns fingem que não vê... é até melhor... mas depois **eu fico com medo de fazerem fofoca**, né? Outros (xxx) sempre tem... é... alguns falam mesmo... dizem "oi"... mas acho que fica assim, né? **Não fala pra ninguém que eu tava aqui...** eu também **finjo que nem vi você...** éh... acho que é meio assim... mas eu **fico com medo**.

Além dessa evidente relação de poder que ainda permeia a sociedade, refletida nos discurso das participantes, nota-se que o tratamento da compra de fantasia sexual não é o mesmo para ambos os gêneros.

Para as mulheres, é necessário que seja mais escondido. Por isso, muitas, apesar da vontade, não procuram garotos de programa, que, segundo o relato das participantes, encontram menos serviço. Ao ser questionada sobre o motivo pelo qual mulheres procuram menos programas que os homens, Divina responde:

**Divina:** Acho que é **vergonha mesmo**, né? Se fosse **mais escondido...**  
Acho que **ia ser melhor...** não tem aqueles clube das mulheres?  
De repente **vinha mais...**

Nas palavras de Divina acima, pode-se encontrar elementos que apontam para uma mesma vontade sexual que os homens. Contudo, a repressão aos desejos da mulher ainda faz com que a necessidade de se esconder seja ainda maior que a dos homens casados que buscam esses préstimos. Esse pode ser o motivo pelo qual mais homens procuram mulheres que o contrário, como atestado nas palavras de Beatriz: "*É mais fácil um homem procurar uma mulher do que uma mulher procurar um homem, né?*". Todavia, é importante buscar informações em outras situações. Ainda que seja uma situação que imponha mais reservar às mulheres que aos homens, há sim parte delas que já busca

esse tipo de satisfação. Sobre esse assunto, pode-se ler em artigo de Carmen Rosa Caldas-Coulthard que fala sobre mulheres que pagam por sexo e gostam disso (Caldas-Coulthard, 1996).

A reprodução da centralidade masculina na sociedade é encontrada, como se percebe, mesmo no discurso de mulheres e daquelas que entendem sua situação e teoricamente buscariam uma superação dessas realidades.

Percebe-se que a reprodução de uma prática social por meio do discurso também se aplica no relato das mulheres profissionais do sexo, especialmente demonstrando o discurso patriarcalista e que põe a mulher em situação de serviço ao homem, mostrada por Talbot como um discurso construído na sociedade e aprendido no seio de sua célula mais nuclear, a saber, a família.

#### 5.4. Quadro resumo da análise

Para que se possa visualizar a análise dos pontos abordados, a fim de facilitar o objetivo da pesquisa, será apresentado a seguir um quadro apontando para o discurso das participantes, a prática social do problema em questão e a prática discursiva com relação a ele.

**Quadro 6 – Resumo da análise**

QUESTÃO VERIFICADA	PRÁTICA SOCIAL	TEXTO DAS PARTICIPANTES
- O lugar da mulher na família	- O pai é o centro da família. Sua palavra é lei nesse núcleo da sociedade. - O acúmulo de anos de estudo e a aquisição de diplomas oferecem status social.	- “Adoro meu pai” - “Ele gostava que a gente estudava”
- A mulher como profissional do sexo	- Prostitutas realizam um trabalho indigno, por isso não revelam sua condição. - As garotas de programa ganham muito dinheiro.	- “Ninguém pode ficar sabendo” - “Ela vai ter dinheiro muito fácil, vai ter sempre”
- A mulher na sociedade	- Às mulheres não fica bem entregar-se aos prazeres do sexo. - A mulher precisa de um homem para cuidar dela.	- “Se ela vai numa festa... fica com fulano... também é uma prostituta” - “Meu pai ter morrido muito cedo que me marcou muito”
- A legalização do trabalho de profissional do sexo	- O registro de trabalho traz dignidade para qualquer categoria profissional. - A discriminação faz qualquer grupo sentir medo e vergonha.	- “Você trabalha fichado, as pessoas sabe onde que você trabalha” - “Profissional do sexo... Tá doido?”
- O discurso sobre os clientes homens	- É preciso ter dinheiro para se agradar a uma prostituta. - Homem casado que procura um programa comete um erro.	- “Sempre aparece homem mais velho... homem mais velho paga mais” - “A maioria é casado... e a gente não faz sozinho”
- O discurso sobre os homens como profissionais do sexo	- Homens ganham menos que as mulheres nessa atividade.	- “Se der eles passam o dia todinho com a mulher... ele só tira os 100 reais dele”
- O envolvimento protagonista com a causa das profissionais do sexo	- É difícil para uma profissional do sexo apresentar-se na sociedade como tal.	- “eu acho que eles têm que fazer mais coisa pra o pessoal entender... mas a gente mesmo ainda tem medo”
- A hegemonia do poder masculino e a desigualdade de gênero	- Homem pode... mas mulher, não.	- “É vergonha mesmo (a mulher procurar serviços sexuais)... se fosse mais escondido, acho que ia ser melhor”

### **5.5. Estabelece-se uma diferença**

Percebe-se que o discurso das mulheres que realizam trabalho em organizações não-governamentais para apoio das prostitutas é evitado de agenciamento. Elas reconhecem sua condição e enfrentam o pensamento androcêntrico e a discriminação que impõe à liberdade sexual, o direito ao uso do corpo e o comércio de fantasias. Com isso, buscam perante as autoridades a legalização de seu trabalho para exercerem a cidadania e oferecerem, também, um controle da atividade para que a sociedade e a categoria cheguem a um bom termo.

Quanto às participantes, mesmo reconhecendo a necessidade de organização e de superação do estigma, ainda reproduzem o discurso da sociedade que coloca a mulher em uma situação passiva, com relação ao homem e assumindo a culpa por exercer uma atividade em que a liberdade sexual é primordial. Essa situação mostra que é natural a reação de medo e vergonha que sentem de revelar sua identidade profissional.

Essa diferença aponta para um desafio ainda maior para as protagonistas da profissão. Mais do que atores sociais que querem ajudar a um grupo discriminado, as prostitutas protagonistas fazem parte desse grupo e podem falar com autoridade sobre o assunto. Devem exigir espaços públicos para que exponham sua posição sobre uma atividade profissional que elas conhecem na prática e não somente por falar de uma posição discriminatória, silenciada ou escamoteada.

### **5.6. Respondendo às questões de pesquisa**

Com base nos discursos das participantes, pode-se apreender a opinião sobre a legalização do trabalho das profissionais do sexo. Retomando as questões de pesquisa, a seguir, será possível encontrar uma resposta satisfatória.

a) Como se caracteriza a interdiscursividade sobre a legalização do trabalho de mulheres profissionais do sexo? Pode-se dizer que as profissionais do sexo ainda reproduzem o discurso que as condena e invoca uma mudança de vida para elas. Esse discurso é encontrado, como vimos no Cap. 1, basicamente na religiosidade judaico-cristã, que impera no Ocidente e é a base da educação familiar nesta parte do Globo. Dessa forma, a família tende a colocar a figura paterna como centro do desejo e do controle a outros membros da célula nuclear da sociedade. Outrossim, na falta da figura paterna, a tendência é que irmãos homens assumam a liderança e o controle. Pela força desse discurso, ele ainda é reproduzido pelas profissionais do sexo. Assim, mesmo que elas se sintam confortáveis com sua profissão, repetem a fala de que o medo de

decepcionar sua família é grande, especialmente no caso de irmãos homens, que podem reagir com uso de violência.

Isso impede que elas falem a favor da legalização da sua própria profissão e gera afirmações de que esperam trocar de atividade, ganhar seu sustento de outra maneira e uma falta de capacidade de enfrentar os estigmas da sociedade para com o seu trabalho. O medo de ser descoberta, a necessidade de esconder das pessoas da própria casa – em alguns casos dos parceiros (namorados, maridos) – traz desconforto na vida cotidiana. Sobre isso, algumas lembram a necessidade de abrir um crediário, por exemplo, e ter que comprovar seu vínculo empregatício por meio da carteira profissional.

Nesse sentido, as organizações de apoio às profissionais do sexo apregoam o orgulho da profissão. Convocam as prostitutas a não sentirem vergonha e exigirem seus direitos. Seu discurso já traz uma fala aproximada ao empreendedorismo para que se tenha legitimidade na sociedade que exige *status* dentro de seus critérios. Davida, por exemplo, que utiliza meios de mídia e da cultura empresarial – pode-se lembrar do trabalho feito pela organização da Daspu, uma grife que já vende itens pela internet –, faz a diferença na avaliação da sociedade civil. Essas estratégias visam não somente ao lucro da própria instituição, ou à visibilidade, mas, sobretudo, à possibilidade de trazer mais orgulho para as profissionais do sexo que ainda não se sentem aptas a enfrentar o estigma imposto pela sociedade.

b) Como se constroem discursivamente as identidades pessoais e profissionais dessas mulheres? Na resposta a essa questão, verifica-se, ainda, que, apesar de algumas décadas de trabalho marcante de mulheres em favor da busca de seus direitos e da libertação das amarras do conceito de simples auxiliar das vontades, da carreira e do estabelecimento dos homens, as prostitutas ainda reproduzem o discurso de que devem se submeter à vontade representada pelo poder masculino. É notado que ainda se mostra difícil superar esse *status quo*. Enfim, as vozes das profissionais do sexo ainda reproduzem a idéia da mulher submissa e que espera a direção de sua vida surgir da vontade de seus líderes masculinos da família.

Com relação ao seu trabalho, verifica-se que a família – uma reprodução da sociedade – espera que a mulher responda a seus anseios. Nesse sentido, a luta entre a afirmação profissional e o encaixe nos apelos da sociedade para que seja mãe exemplar, boa dona-de-casa e esposa dedicada é evidente e torna-se um campo de dificuldades e indecisões para as mulheres.

A agenciamento, por sua vez, busca o reconhecimento da situação das mulheres. É necessário que elas saibam o que ocorre com relação ao seu gênero historicamente e atualmente. Há pressões históricas, por outro lado, há trabalhos atuais avançados para que as mulheres se imponham e busquem seus direitos.

c) Que elementos de formação de gênero social podem ser encontrados nos depoimentos dessas mulheres? As contradições podem apontar para um bom começo. Elas demonstram que já há discursos paralelos que estão em confronto e que surgem nas vozes das mulheres. Isso significa dizer que ainda que elas reproduzam o discurso histórico, patriarcalista e androcêntrico, sabem que há necessidade de se afirmarem e buscarem seu espaço. Suas vozes mostram que um novo tempo está por vir. Não se sabe em quanto tempo ele chegará, mas isso é certo.

O próprio trabalho das organizações em favor das profissionais do sexo, bem como outras feministas de apoio às demandas das mulheres, e as afirmações das participantes de que já se encontram no seio da família indivíduos que apoiam seu trabalho – especialmente mães, irmãs, ou seja, outras mulheres – são a certeza de que os apelos das ativistas, de alguma forma, estão sendo ouvidos e o futuro proporcionará uma nova sorte às mulheres profissionais do sexo.

## **5.7. Conclusão**

Sabe-se que não é fácil para a sociedade abrir o debate a respeito da prostituição. Muito já se discutiu e se afirmou sobre as profissionais do sexo em mesas de debates com especialistas de várias áreas, contudo sem a presença de uma mulher sequer que exerça atividade profissional nessa área.

É necessário vencer o medo. Escondendo-se ou não, as profissionais do sexo existem, sempre existiram e existirão. Cabe à sociedade ouvi-las ou escondê-las. Algumas aceitam viver escondidas, submetem-se ao medo e à vergonha impostos pelo estigma da sociedade. Contudo, outras há que já não aceitam mais isso. Falam, e com orgulho, de sua atividade profissional. Falam o que querem e que não são o que muitas vezes se afirma delas.

Neste capítulo pôde-se ouvir a voz das mulheres que ainda não têm noção do trabalho de organizações como Davida. Não conhecem a definição e o planejamento do Ministério do Trabalho e do Emprego para a legalização da atividade profissional. Não há conhecimento do que está acontecendo no Congresso Nacional para a votação do projeto. Contudo, elas existem. Algumas considerando seu trabalho “normal”, “muito bom”. Outras

procurando um caminho para não exercer mais, com medo de serem descobertas por suas famílias.

As mulheres falam, escondidas ou não. Mais uma vez, cabe à sociedade ouvir sua voz e estar pronta para encontrar uma solução para as necessidades da categoria e as expectativas do povo com respeito a isso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Análise de Discurso Crítica utiliza processos que possibilitam aproximar as vozes de determinados grupos à prática da sociedade em que estão situados. No caso das profissionais do sexo, pode-se perceber, na própria voz delas o que a sociedade afirma com relação a elas. O discurso apreendido dessas profissionais não retrata somente a sua posição quanto à legalização da profissão, à sua condição de mulheres na sociedade ou à própria atuação como prostitutas. Ele também vai indicar o que a própria sociedade fala, exige, impõe mesmo. É um discurso tão forte que dele não se pode fugir, a não ser aceitando oferecer-se, com agenciamento, ao trabalho pela superação do estigma e em busca de cidadania, como vimos nas organizações de apoio às prostitutas.

Após a análise, pode-se responder às questões básicas que Talbot formula ao encontrar problemas de gênero em discursos (Cap. 2), a saber, (i) por que se escreve sobre este tema?, (ii) como se escreve sobre este tema, e (iii) existem outras maneiras de se escrever sobre este tema?

Escrever sobre este tema mostra que ele faz parte de uma demanda da sociedade. Um grupo em desvantagem tem sua voz silenciada, como se verificou em Cameron, no Capítulo 2. Esse silêncio gera uma insatisfação e também uma marginalização. Os textos que surgem diante do problema são por parte da sociedade condenando a prática e seus praticantes. São estratégias de condenação que reforçam ainda mais a marginalização e o estigma. Já os textos que são escritos por parte do grupo visivelmente minoritário buscam defender a classe e mostrar que ele não é nocivo ao desenvolvimento e funcionamento da sociedade. Assim se apresentam as prostitutas que buscam cidadania e direitos básicos para exercerem sua profissão.

A maneira como se escreve sobre esse tema é polarizada e mostra que a sociedade ainda não está devidamente esclarecida a respeito do assunto. O tabu promovido pela sociedade ocidental, baseada no pensamento religioso judaico-cristão, portanto patriarcalista, resiste a falar abertamente de sexo e da libertação da mulher. Isso deixa desfavorável o grupo que tenta apresentar sua opinião sobre o tema, sobre sua vida e atividade.

Outras maneiras há que se buscar para falar deste assunto. A opção da sociedade, em um primeiro momento, quando reproduz o discurso de ataque às profissionais do sexo, à liberdade sexual das mulheres e à própria mulher, é combater o crescimento desse pensamento que visa aos direitos básicos humanos. Se esse objetivo

não é atingido, o que acontece é a ignorância do assunto. Significa dizer que em muitos setores já se finge não ver. Foi objeto de conversa que é muito grande, atualmente, a incidência de mulheres fazendo programas por dinheiro para pagar estudos ou sustentar desejos pessoais, e até mesmo a própria casa, sem que família, namorados tenham conhecimento disso. Urge, portanto, que a sociedade abra um debate sério e amplo sobre o assunto, buscando um entendimento para que pessoas não sejam discriminadas, estigmatizadas e marginalizadas na sociedade.

Na esperança de que a sociedade, em um futuro breve, seja mais igualitária, menos opressora para qualquer grupo que seja, deseja-se que por meio da ADC as vozes de grupos estigmatizados sejam ouvidas para que não criemos outras inquisições que não queimam corpos, mas arrasam corações e famílias, aniquilam desejos e silenciam ou apagam existências que poderiam fazer crescer a todos e todas ao olharmos com mais compaixão para o grito que busca dignidade na boca de mulheres e homens que são escondidos pela sociedade hipócrita.

A solução para a situação da prostituição ainda é um desafio. Não somente para as próprias profissionais do sexo, ou para as instituições de apoio, mas para a própria sociedade. Não se deve simplesmente reafirmar que sexo é pecado e prostituição é crime, mas é importante ouvir o que as pessoas que lidam com isso têm a dizer para a sociedade. É importante saber o que sentem, do que precisam e o que podem ensinar.

Ficam desafios para as áreas sociológica, antropológica, teológica, psicológica e, como se pode perceber, lingüística. Muito se pode aprender e ensinar sobre o assunto e a ajuda das vozes das prostitutas é imprescindível. O apagamento de sua presença e o silenciamento de suas vozes somente contribuem para a incompreensão do tema e a conseqüente estigmatização e discriminação. Dessa forma, a ADC proporciona que essas vozes venham à tona e nos falem o que nós mesmos temos reproduzido ao longo dos tempos e apontem o que se deve modificar na convivência de nossa sociedade para que estejamos cada vez mais próximos de uma justiça social que satisfaça a cada parcela da sociedade, por oprimida que ela seja.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *The dialogical imagination*. Austin: University of Texas Press, 1981.
- BÁRBARA, A. M. (2007) *As meninas da Daspu*. Rio de Janeiro, Novas Idéias.
- BEAUVOIR, S. (1960) *O segundo sexo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- \_\_\_\_\_. (2005) *Por uma moral da ambigüidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BENEVIDES, N. (2006) *A louvação das prostitutas de Riachão do Jacuípe ao glorioso São Roque*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Funeb.
- BERGER, Christa. (2001) Mulher: suas lutas e conquistas. in: BAESKE, Sybila. *Mulheres desafiam as igrejas cristãs*. Petrópolis, RJ: Vozes. p. 86 a 89.
- BILLIG, M., CONDOR, S., EDWARDS, D., GANE, M., MIDDLETON, D. & RIDLEY, A. (1988) *Ideological dilemmas: a social psychology of everyday thinking*. Londres: Sage Publications.
- BOURDIEU, P. (2003) *A dominação masculina*. Trad. M. H. Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BRASIL, J. *História da prostituição*. s.l. s.d. Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/pauloapgagua/trab/prosti>> Acesso em: 20 de junho de 2007, 16h.
- CALDAS-COUTHARD, C. R. (1996) "Women who pay for sex. And enjoy it": transgression versus morality in women's magazines. in: CALDAS-COUTHARD & COULTHARD, M. (Eds.) *Texts and Practices: Readings in Critical Discourse Analysis*. Londres: Routledge, 1996. p. 250 – 270.
- CAMERON, D (1995) Rethinking language and gender studies: some issues for the 90s. in MILLS, S. 1995.
- \_\_\_\_\_. (Ed.) (1998) *The feminist critique of language* (2ª ed.). Londres / Nova York: Routledge.
- \_\_\_\_\_. (2006) *The language and sexuality reader*. Nova York: Routledge.
- CAMPBELL, B. (2000) Properties of identity :gender, agency and livelihood in Central Nepal. in: GODDARD, V. (Ed.) 2000. p. 102 - 121.
- CASTRO, M. L. D. (1997) *A dialogia e os efeitos de sentido irônicos*. in: BRAIT, Beth (Org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Editora da Unicamp. p. 129 – 137 (Coleção Repertórios)
- CHOULIARAKI, L & FAIRCHLOUGH, N. (1999) *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edimburgo: University Press.

- DENZIN, N. & LINCOLN, Y. (Orgs.). (2006) *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed.
- DIAS, T. R. N. (2007) *Práticas identitárias em relatos de mulheres vítimas de violência doméstica*. Dissertação (mestrado em Lingüística). Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília.
- DWORKING, A. (1979) *Pornography: men prossessing women*. Nova York: Dutton.
- EICHLER, M. (1991) *Nonsexist research methods*. Londres / Nova York: Routledge.
- ELLMAN, M. (1979) *Think about woman*. Londres: Virago.
- FAIRCLOUGH, N. (1989) *Language and power*. Londres: Longman.
- \_\_\_\_\_. (1995) *Critical discourse analysis: the critical study of language*. Londres, R.U.; Nova York, EUA: Longman, 1995.
- \_\_\_\_\_. (2001) *Discurso e mudança social*. Org., revisão da trad. e prefácio à ed. bras. I. Magalhães. Brasília: Editora UnB.
- \_\_\_\_\_. (2003) *Analysing discourse: textual analysis for social research*. Londres: Routledge.
- \_\_\_\_\_ & WODAK (1997) Análisis crítico del discurso. in: VAN DIJK. T. *El discurso como interacción social*. Barcelona: Editora Gedisa, 2001.
- FOUCAULT, M. (1988) *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal.
- \_\_\_\_\_. (1988) *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal.
- \_\_\_\_\_. (2004) *A ordem do discurso*. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 11ª ed. São Paulo: Loyola.
- \_\_\_\_\_. (2007a) *Arqueologia do saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- \_\_\_\_\_. (2007b) *Microfísica do poder*. 23ª ed. São Paulo: Graal.
- FOWLER, R. *et alii*. (1979) *Language and control*. Londres / Boston: Routledge & Kegan Paul.
- \_\_\_\_\_. (2004) Sobre a lingüística crítica. *Linguagem em (Dis)curso*, 4, Especial, Tubarão, SC: Unisul.
- FROMM, E. (1976) *Ter ou ser?* Rio de Janeiro: Guanabara.

- GEISLER, G. (2000) Women are women or how to please your husband: initiation ceremonies and the politics of 'tradition' in Southern Africa. in: GODDARD, V. (Ed.) 2000. p. 56 – 85.
- GODDARD, V. (Ed.) (2000) *Gender, agency and change: anthropological perspectives*. Londres: Routledge.
- HALL, K. & BUCHOLTZ, M (Eds.) (1995) *Gender articulated: language and the socially-constructed self*. Londres: Routledge.
- HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. (1985) *An introduction to functional grammar*. Nova York: Arnold.
- HAMILTON, M. & BARTON, D. (1999) The texts of everyday life: public and private identities in vernacular literacy practices. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 3 (2): 45 – 71, Brasília: Thesaurus.
- HOLLAND, D. *et alii*. (1998) *Identity and agency in cultural worlds*. Cambridge / Londres: Harvard University Press.
- KRAMARAE, C. (1981) *Women and men speaking*. Newbury House.
- KRISTEVA, J. (1986) The system and the speaking subject. in: MOI, T. (ed.) *The Kristeva reader*. Oxford: Basil Blackwell. p. 34 – 61.
- LEITE, G. S. (1992) *Eu, mulher da vida*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos.
- LIBARDONI, A. (Coord.) (2002) *Direitos humanos das mulheres... em outras palavras: subsídios para capacitação legal de mulheres e organizações*. Brasília: Agende.
- LISTER, R. (1997) *Citizenship: A feminist perspective*. Londres: Macmillan.
- MAGALHÃES, Izabel. (1998) Práticas discursivas de letramento: a construção da identidade em relatos de mulheres. in: KLEIMAN, A. B. (Org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras. p. 201 – 235.
- \_\_\_\_\_. (2000a) *Eu e tu: a constituição do sujeito no discurso médico*. Brasília: Thesaurus.
- \_\_\_\_\_. (2000b) O discurso do outro e a identidade da mulher: da colonização à década de 1990. in: BARROS, D. (Org.) *Os discursos do descobrimento: 500 e mais anos de discursos*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo; Fapesp. p. 207 – 222.
- \_\_\_\_\_. (2004) Teoria crítica do discurso e texto. *Linguagem em (Dis)curso*, 4, Especial.
- \_\_\_\_\_. (2005a) Introdução: A Análise de Discurso Crítica. *DELTA – Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 21: 1-9, Especial. São Paulo: Educ.

- \_\_\_\_\_. (2005b) Critical Discourse Analysis and the semiotic construction of gender identities. *DELTA – Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 21: 179-205, Especial. São Paulo: Educ.
- MELLO, A. S. D. (2007) *Burocratização e institucionalização das organizações de movimentos sociais: o caso da organização de prostitutas Davida*. Dissertação (mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Minas Gerais.
- MILLS, S. (org.) (1995) *Language and gender: interdisciplinary perspectives*. Londres: Longman.
- MINH-HA, T. (1998) Difference: a special third world woman's issue. in: Cameron, D (Ed) 1998.
- OAKLEY, A. (1972) *Sex, gender and society*. Londres: Temple South.
- PÊCHEUX, M. (1988) *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- PUGLIA, J. (2006) *O progresso das mulheres no Brasil*. Brasília: Unifem.
- RABÊLLO, M. E. D. L. (2008) *O que é protagonismo juvenil*. in: <http://www.miac.org.br>. Aceso em 20 de março de 2008, 14h10.
- RADHAY, R. A. (2006) *Discurso e poder na política de imigração brasileira* (Doutorado em Lingüística). Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília.
- RAMALHO, V. & RESENDE, V. (2006) *Análise de Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.
- SAFFIOTI, H. (2003) Violência contra mulheres. in: CONIC – Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil. *Relatório sobre a dignidade humana e a paz no Brasil*. São Paulo: Paulinas. p. 137 a 158.
- SAUSSURE, F. (2001) *Curso de Lingüística Geral*. 30ª ed. São Paulo, Cultrix.
- SCOTT, G. R. (1954) *A history of prostitution: from antiquity to the present day*. Londres: Torchstream Books, 1954.
- SCHIFFRIN, D. (1994) *Approaches to discourse*. Oxford: Blacwell.
- SUNDERLAND, J. (2004) *Gendered discourses*. Nova York: Palgrave Macmillan.
- TALBOT, M. (1998) *Language and gender: an introduction*. Cambridge/Oxford, UK; Malden, EUA: Polity Press.
- \_\_\_\_\_. *et alii* (2003) *Language and power in the modern world*. Edimburgo: Edinburgh University Press.

- \_\_\_\_\_ (2007) *Media discourse*. Nova York: Columbia University.
- TANNEN, D. (2001) *You just don't understand: woman and man in conversation*. Nova York: Harper USA.
- VAN DIJK, T. A. (Org.). (2000) *El discurso como interacción social*. Barcelona: Editorial Gedisa.
- VVAA. (1974) *Sprachliche Kommunikation und Gesellschaft*. Berlin: Akademie.
- WALSH, C. (2001) *Gender and discourse: language and power in politics, the church and organisations*. Grã Bretanha: Pearson Education.
- \_\_\_\_\_. (2006) Gender and the genre of the broadcast political interview. in: BAXTER, J. (Ed.) *Speaking out: the female voice in public contexts*. Nova York: Palgrave Macmillan. p. 121 – 138.
- WODAK, R. *et alii* (1999) *The discursive construction of national identity*. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- \_\_\_\_\_ & MEYER, M. (Orgs.) (2001) *Methods of critical discourse analysis*. Londres: Sage.

## **ANEXO 1 - Perdemos a batalha, mas não a guerra**

### **Repercussão de votação na Câmara mostra que temos chances de vitória**

Gabriela Leite  
9/11/2007

Fui a Brasília acompanhar a votação da relatoria do projeto de lei do deputado Fernando Gabeira. A princípio não estava com vontade nenhuma de ir. Às vezes me sinto cansada de tantos e tantos anos lutando pela causa que me dá um certo desânimo ter de começar tudo de novo, até porque sabia que o relator, ACM Neto, tinha no seu parecer posição contrária ao projeto.

Lá chegando comecei a perceber a importância da minha presença. Não podia falar e sequer sair da área reservada a convidados na sala da Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania da Câmara dos Deputados, mas estar ali significava mostrar a todos que estamos atentas e trabalhando para a melhoria do nosso trabalho. Ouvi muitas tonterias (como dizem os espanhóis), tipo Paulo Maluf usar da palavra para defender a moralidade da sociedade brasileira, mas também ouvi grandes defesas da prostituta como do próprio Gabeira, dos deputados Sarney Filho, Sérgio Barradas, Marcelo Itagiba.

Num determinado momento fiquei emocionada com as palavras do Sérgio Barradas e comecei a chorar. Imediatamente, a assessora da liderança do PV (linda, em um vestido Daspu!) chegou perto de mim e pediu que eu parasse de chorar senão os deputados iriam dizer que eu estava fazendo jogo de cena. Vejam a dificuldade: sequer se pode chorar na casa legislativa do povo!

O deputado Maurício Lessa, quando chegou sua vez de falar, começou dizendo que achava o parecer do ACM Neto bastante careta. Todos riram muito e ACM Neto contrapôs dizendo que de forma nenhuma era conservador e careta, e que seu parecer não tinha caráter ideológico, mas estava calcado na verdade. Fiquei pensando sobre o que é verdade no singular, e quantas palavras ao vento e sem significado são usadas não só no Congresso Nacional mas em toda a sociedade. Muitos chegaram a dizer que o projeto de lei ia contra todos os preceitos religiosos cristãos, e mais uma vez pensei que ainda falta muito para chegarmos de fato ao Estado laico de verdade.

Enfim, sabia e sei o quanto será difícil nosso percurso até a aprovação do projeto de lei. Era jovenzinha quando a lei do divórcio de autoria de Nelson Carneiro foi aprovada, e me lembro o quanto foi difícil e o quanto se dizia que a lei iria incentivar a separação de casais, assim como hoje, muitos dizem que o projeto do Gabeira sendo aprovado irá incentivar a prostituição. Assim como acontece com o aborto e a união civil entre homossexuais. Tudo o que diz respeito aos costumes acorda os paladinos da moral da família brasileira, e assim a verdade do ACM Neto passa a ser a verdade de todos nós. A sociedade em sua constante mutação não significa nada para essa verdade que, por cheirar a mofo, passa a ser uma grande hipocrisia.

Filosofias à parte, agora é hora de continuarmos nossa militância com mais força ainda. Temos que começar imediatamente um trabalho de convencimento com os deputados federais em nossos estados, e por enquanto deputados a favor do projeto de lei são os sete que se pronunciaram na CCJC: o próprio Gabeira, Sérgio Carneiro Barradas da Bahia, Marcelo Itagiba do Rio, Maurício Quintela de Alagoas, José Genoíno de São Paulo,

Sarney Filho do Maranhão e Maurício Rands de Pernambuco. O projeto irá a plenário e não podemos ficar inativas.

Foi muito importante ter ido, apesar de desgastante, e chego até a sentir um gostinho de vitória, já que suscitou tanta atenção da imprensa e dos cidadãos e cidadãs brasileiras, nos mostrando que vale a pena continuar e que há chances de vitória. O Blog do Noblat do Globo fez uma enquete e os internautas votaram a favor, com 73% dos votos. O Globo Online está no momento realizando também uma enquete e os votos a favor já chegaram a 66%. Portanto, meninas e parceiros, a luta continua: perdemos uma batalha, mas não a guerra.

Reprodução permitida, desde que citada fonte: Do Beijo da rua ([www.beijodarua.com.br](http://www.beijodarua.com.br))

## ANEXO 2 – Transcrição das entrevistas com participantes profissionais do sexo

### Entrevista com Ágatha

**De onde você é?**

De Brasília.

**De Brasília mesmo. E há quanto tempo você mora em Brasília?**

Há 42 anos.

**Desde que nasceu?**

Humhum.

**Desde que nasceu. Conta um pouco pra nós, então, como que foi a sua infância.**

Do pouco que eu lembro, difícil.

**Pode ficar à vontade.**

Muitas dificuldades financeiras... éh... mas muito carinho em casa, muita (???) dos meus pais. Estudo normal. Escola simples. Uma vida normal.

**Até que série você estudou?**

Pedagogia. Terminei o curso de pedagogia.

**Em faculdade?**

Segundo... não... antes quando eu estudava era só curso...

**Aquele que chamava de normal?**

É, normal.

**Ah, tá. (???) Chegou a exercer a profissão? Dando aula, assim.**

Cinco anos.

**Cinco anos dando aula. Gostou?**

Muito.

**Que bom. Tem saudade, então?**

Não.

**Não?**

Não.

**Tá bom assim, né?**

Gostei, mas não sinto saudade.

**Legal. éh... Você trabalha há quanto tempo nessa profissão?**

Tem 14 anos... 13 anos... que eu tenho uma... uma loja.

**13 anos. E aí que tipo de local é que você trabalha.**

Com uma casa de massagem.

**Casa de massagem. Como que você vê o seu trabalho, assim, como que você... éh...**

**éh... julga o seu trabalho, éh... o que que você acha... né?... do seu trabalho?**

Na minha opinião ou na opinião dos... dos outros?

**Não, na sua... éh... pra você.**

Na minha opinião é um trabalho bonito. É um trabalho que eu gosto... tá? Gosto muito de trabalhar com os massagens profissionais... éh... é um trabalho, assim... no meu pensar é um trabalho honesto... um trabalho bom.

**Humhum... éh... é porque (???) da... da... da... do que que os outros achavam?**

Porque hoje... hoje em dia... tem pessoas que já olham com outro tipo de... de idéia... que uma casa de massagem não é uma casa de massagem... porque realmente existem casas de massagem e casas de programa... então ainda tem pessoas que confundem muito... existem pessoas que procuram massagem, mas não só massagem... né?... quer complementos...

**Humhum... Esse pessoal já pensa...**

Então já... são pessoas que já vê por outro lado... se você fala “eu sou uma massagista”... você não é olhada como uma massagista... é olhada como uma garota de programa.

**Mas quando você falou que o trabalho você vê que é um trabalho bonito, um trabalho honesto, você tá falando também...**

Do meu trabalho.

**do programa também, né?**

Não... só da massagem.

**Mas e do programa?**

O programa depende da profissional. Mas é... não... tem pessoas que... que já entra na profissão de massagista com interesse de fazer programa. Então eu acho q tem diferente uma massagista para uma garota de programa.

**Claro. E essas que trabalham com programa, o que que você acha desse trabalho?**

Não tenho nada, assim, a criticar não. Eu acho que a massagi... a... a... garota de programa, ela tem que ter (.) raciocínio ela tem que ter cultura também. Ela tem que ter estudo. Ela não tem que ser uma garota de programa... éh... como se dizem... sem... sem nenhum tipo de cultura. Porque as pessoas também têm isso, que uma garota de programa é uma... uma mulher qualquer. E hoje não é. Hoj... hoje... as pessoas estão mais... éh... éh... desenvolvidas (.) mentalmente, né? Então eu acho que uma garota de programa, ela tem todos os direitos como uma qualquer outra garota.

**No trabalho dela, né?**

No trabalho, por quê? Tem casos que (..) se a menina não trabalha com prostituição, mas lá fora ela, como uma... uma dondoquinha, uma gatinha, ela vai numa festa, ela fica com um, ela vai numa festa, ela fica com outro. Entendeu? Ela fica com o marido da... da amiga, ela fica com o vizinho, ela fica com fulano, ela fica com o motorista, ela fica com os PM... Ela também é uma prostituta...

**E às vezes quando dá viagem, né? e tudo...**

Ela também é uma prostituta... Ela também tá se prostituindo, entendeu? Então, as pessoas não vêem isso. Uma garota que está trabalhando pra sobreviver, ganhando dinheiro ela É prostituta... E uma garota que dá pra todo mundo de graça, ela não é prostituta. Qual é a diferença? Não tem. Então as pessoas tão vendo isso como... má... com más... né? Então eu acho assim, as pessoas têm que ter consciência do que vê, do que pensa e do que fala.

**Muito bem. Que tipo de apoio você recebe da tua... da sua família, com relação a esse trabalho, mais... éh... com os programas, né?**

Geralmente, a família não sabe o que se passa numa casa de programa, uma casa de massagem ou numa... numa quitinete fechada. A família sempre é a última a saber.

**A família (...) então pra família, então, é uma casa de massagem, massagem mesmo, né?**

Uma casa de massagem normal, isso.

**E assim, o pessoal da sua família vem te visitar, ou sabe onde é?**

Vem, porque é uma casa de massagem mesmo. De porta aberta. De (máscara), entendeu? É uma casa de massagem.

**Agora vamos lá, o que que você acha da definição do trabalho de profissional do sexo que foi feita pelo Ministério do Trabalho e do Emprego?**

Eu não... éh... A primeira vez que eu tô OUVINDO isso... Não tinha contato nenhum com nenhum tipo de pessoas que poderiam ter me... me falado esse assunto. Então eu não tenho, assim, muito o que... o que falar. Porque agora é que eu estou...

**Então agora é que você está sabendo que tem isso.**

Agora que eu tô sabendo do assunto, é.

**E o que você acha de... de... de... de... legalizar?**

Ótimo. Muito bom. Porque (.) é um trabalho como qualquer outro... as pessoas não sabem disso... mas é um trabalho como qualquer outro. Eu acho que toda garota do sexo, ela tem que ter respeito pelas pessoas. Porque é um ser humano do mesmo jeito.

**Claro. Então...**

Tem que ter futuro, né?

**É, pois é...**

Heheheheh

**Se ela quiser continuar nessa profissão, né?**

Se ela quiser continuar...

**Porque tem muita gente também que acho que pensa assim 'ah, tô aqui aqui até me ajeitar' e depois sai...**

Também tem... tem...

**Éh... o que você acha do trabalho de algumas organizações que apóiam, né? a... as profissionais do sexo, nas tarefas que elas fazem?**

Olha, é uma coisa assim, pra mim, uma coisa nova que, como eu te disse, não tinha contato... não.... eu nunca me interessei a... a me aprofundar nesse assunto... entendeu?

**Você acha que é importante, agora que você tá sabendo?**

Muito importante, com certeza...

**Você que vale a pena ter contato com a... com a (...)**

Agora, com certeza... vou procurar...

**Até porque esse pessoal que trabalha com você... acho que poderia ter uma série de... de coisas que tão lançando e o pessoal... nem sabe, né?**

Eu acho que tudo que seja bom pra gente... eu acho que a gente tem que correr atrás.

**E o que você acha, então, da possibilidade, a partir desse... desse... dessa legalização, né? de contribuir pra Previdência, ter todos os direitos que a Previdência... que a Previdência dá?**

Como uma cidadã, eu... eu acho muito, né? nos meus direitos de procurar... e querer também pra mim, se futuramente é necessário... é... é... pra mim... é bom pra mim... com certeza eu quero participar.

**Contribuir como profissional do sexo?**

Sim.

**Porque você sabe, depois você vai poder ver melhor, né? aí eu vou deixar, éh... a definição com você, qualquer profissional do sexo mesmo, até gente que trabalha fazendo prevenção de doença com as prostitutas... é também possível de... de... de contribuir como profissional do sexo... porque não é só quem faz programa... mas ele... o trabalho dele também está relacionado com sexo, né?**

É... eu penso assim, eu acho que as pessoas não têm que se preocupar no que os outros falam, entendeu?

**Ou o que pensam, né?**

Tem que se preocupar com si próprio. Se é bom pra mim, é bom pra mim. Eu não vou... não vou me esconder porque fulano disse que é feio... que é errado, não. Eu estou buscando pra mim... (xxx)

**Claro... e se o governo reconhece, né?**

Se o governo reconhece...

**Pra que ficar se preocupando...**

Com certeza...

**Éh... Bom, éh... como é o trabalho dos homens nessa profissão... como profissional do sexo... garoto de programa, não sei qual é o nome que dá... mas... como é a... a... o trabalho deles?**

Antigamente, há quatro, cinco anos atrás... os homens se escondiam muito nessa área... eram pouquíssimos... que encaravam esse tipo de trabalho... Hoje já tem oitenta, setenta

porcento de homens trabalhando na área de massagista e garoto de programa também... então, eu não vejo isso com (.) maldade... eu acho que cada um busca a forma de sobrevivência do jeito que o mundo está oferecendo... se você é um garoto de programa, se você é um massagista, se você é um cozinheiro... já existe homens na cozinha, trabalhando de doméstico.

**Claro.**

Então eu acho normal.

**Mas... éh... assim... aí a outra coisa q eu ia te perguntar. É... existe diferença de tratamento... você percebe... entre OS profissionais do sexo e AS profissionais do sexo... assim... na visão da sociedade... ou até na maneira deles se comportarem? Por uma questão de ter diferença de mulher e de homem.**

Mas você pergunta no meio da área de profissional pra profissional? Profissional feminino e profissional masculino?

**Isso... é.**

Não tem... não tem discriminação não... entre um ao outro não. Normal.

**Das pessoas de fora, você vê isso?**

Agora as pessoas de fora sim... tipo, eles criticam mais um homem que trabalha na área de programa do que uma mulher.

**É?**

Por quê? Porque os homens, não são todos, mas alguns saem com homens também. Então sexo masculino com sexo masculino... Isso já tá... uma...

**Seja passivo ou ativo, né?**

Isso... aí já tem esse tipo de crítica... de rejeição... entendeu?

**Porque você acha que por ser homossexual é mais... mais marcado, né?**

Sim... mas tem homem... mas tem homem que não é homossexual e trabalha nessa área de programa.

**E atende homem também?**

Atende homem também.

**Bem... mais alguma coisa que você queria falar, sobre... sobre... até sobre a pesquisa, o que que você acha da legalização?**

Olha... se... porque aqui no Brasil tudo é difícil, né? Mas se as pessoas tiver consciência de continuar o trabalho... e fazer esse... essa... éh... tipo uma ONG, né? Que vocês estão (xxx)... eu acho que é uma coisa muito boa... porque...

**Existem várias... em Brasília que não tem...**

Pois é...

**Eu acho.**

Porque aqui, em Brasília, tá aumentando o quadro de garotas de programa... de casas de massagem... então... eu acho que as pessoas têm que ter mais... alguma (xxx) mais aberta... entendeu?... a chance de as pessoas se introduzir nesse assunto são muito pouca...

**Você falou assim de jogar aberto, né?... das pessoas jogarem mais aberto... você acha que, assim... a quantidade de pessoas que tem trabalhando, né? Lembra que a gente falou assim... algumas querem, algumas estão e assumiram essa profissão mesmo... e pensam assim: eu vou trabalhar com isso, porque eu gosto... porque é isso que eu sei... né? Sendo uma profissão, a gente tem que entender que... éh... como profissão a pessoa nasceu e quer se dedicar àquilo... aprender, né?... e tudo... e sendo uma profissão também pode (xxx) a não ser, assim, né? ou... ou... o rapaz também, se for o caso. Mas tem outras não... que eu quero ficar só porque estou passando por dificuldade e depois quero sair. Né? éh... éh... e você acha que essa diferença pode dar algum problema?**

Olha, dá problema porque... a menina que trabalha nessa área, como você citou, que gosta... é diferente de uma menina que tá por necessidade...

**Que tem até vergonha, né?**

A garota que gosta, ela fica até de graça. Entendeu? Uma menina que tá trabalhando pra pagar uma faculdade... pra pagar um curso... pra dar o que comer em casa pra família... é diferente... ela vai trabalhar com mais... éh... com mais atenção... com mais dificuldade.. ela vai ter mais medo de ser vista... ela vai ter mais medo de ser reconhecida... entendeu?

**Da família saber...**

É uma (xxx) fechada... e a garota que... que gosta... que tá ali pra... pra (xxx)... ela não tá nem aí não... ela se libera mesmo... então é diferente...

**Humhum...**

Entendeu?

**Tá bem... Ágatha, então quero agradecer você... depois os dados vão ficar disponíveis pra você, no momento que você quiser... no final da pesquisa a gente pode dispor pra você olhar... tá bom?**

Humhum... tá bom...

**Obrigado...**

De nada...

## Entrevista com Beatriz

**De onde você é, Beatriz?**

Daqui de Brasília.

**De Brasília mesmo.**

De Brasília mesmo.

**Há quanto tempo você mora em Brasília? Desde que você nasceu? Isso dá a sua idade.**

Dá.

**E é quanto?**

Vinte e quatro (risos). Vinte e quatro.

**Tá, 24 anos. Você pode contar um pouco como que foi a sua infância? Resumir, assim, as passagens mais importantes, que que foi marcante. Isso vai dar um tempo pra você falar à vontade.**

Não, tudo bem, mas também (xxx) não é muita coisa... eu sou uma pessoa muito (xxx) pra isso. Não lembro de muita coisa.

**Não tem uma coisa que foi marcante pra você? Em termo de educação, na escola.**

**Como é sua família... essas coisas...**

Minha família é uma família unida, que não é tão unida, mas é unida (risos).

**Como é que é isso?**

É uma coisa assim, mas... que nem (...) da minha infância eu não tenho.

**Não se lembra nada?**

Desculpa eu te falar coisa, assim, da minha infância não sei mesmo. É sério mesmo, não tem (xxx).

**Escola, assim...**

Escola foi (xxx) normal, estudei em Taguatinga.

**Taguatinga?**

Estudei em Taguatinga.

**Muito bem... e aí você estudou até que série? Ou tá estudando ainda?**

Segundo grau completo.

**Segundo grau...**

Terminei...

**Aí você (..) parou...**

Parou aí...

**Parou aí... então agora conta pra gente quanto tempo você trabalha na profissão.**

Um ano e meio.

**Um ano e meio.**

Um ano e meio.

**É, não é pouco tempo não, né?**

Tem pouco tempo, porque eu parei, comecei a trabalhar em outra coisa. E voltei pra cá novamente. Tem seis meses que eu (xxx) que eu voltei.

**Mas você saiu de Brasília? Não...**

Não, continuei trabalhando aqui.

**Continuou trabalhando aqui. Mas em outra, em outra coisa...**

Isso... em vendas.

**Mas antes você já trabalhava também?**

Eu trabalhei, passei quatro meses trabalhando... nessa área. Aí saí, comecei a trabalhar em vendas, e agora retornei de novo.

**E aí juntando tudo dá um ano e meio ou faz um ano e meio que você voltou?**

Não, tem um ano e meio, tudo dá um ano e meio.

**Dá um ano e meio.**

Dá um ano e meio.

E aí, éh... em que tipo de local que você trabalha? Em que tipo de local que você exerce essa profissão... esse trabalho?

Numa clínica.

**Numa clínica.**

De massagem.

**Só na clínica.**

Só na clínica.

**Ou você atende em outro lugar também?**

Ah, eu não atendo fora...

**Só lá, né?**

Só na clínica.

**Tá... e aí... éh... éh... é o que chama... como que chama lá a clínica?**

Como que chama o quê?

**As pessoas conhecem a clínica como o quê? É casa de massagem também?**

É casa de massagem... clínica de massagem.

**Tá... é... porque esse termo da massagem já...**

Mas lá, em si, fazem massagem, faz (.) outro tipo de massagem. Não faz só massagem sensual... é um tipo de massagem, entendeu? Faz drenagem... faz hidro de pele, faz tudo. Tem mulher... a mulher lá, a dona de lá, em si, ela faz massagem... a outras coisas, os (.) relax, essas coisas, é por nossa conta.

Aí já tem um pessoal que...

EXATAMENTE.

**E aí os clientes já sabem...**

Já sabem... que nem quer fazer uma massagem relaxante mesmo... (xxx) indicar uma pessoa que faz a massagem relaxante mesmo... e nós só fazemos o relax.

**Entendi... então... aí fica tudo no mesmo...**

Tem mulher que frequenta lá... que vai fazer massagem, drenar, essas coisas... é um lugar, assim, bem discreto.

**Legal, eu tive lá um dia com a...**

Ah, tá... (risos)

**A gente tava até procurando você.**

(risos)

**É... agora fala um pouco, assim, da sua visão sobre esse trabalho. Como que você vê. O que que você acha.**

Em si eu acho um trabalho (.) normal. Dá... você ganha seu dinheiro, você tem... você trabalha... você tem a sua hora de trabalho... você trabalha... final de semana, tipo assim, num domingo você não trabalha... o ruim é que não é fichado porque o resto é tudo bom... você ganha... O DINHEIRO É BOM... você ganha um dinheiro, em si, bom... é...

**E comparando com as outras profissões?**

Comparando com as outras profissões... bom... é um trabalho bom, só que ninguém pode ficar sabendo, entendeu? É que nem, você trabalha fichado, as pessoas sabem onde que você trabalha, então... aqui você vive muito (..) na mentira.

É, né.

(xxx) muito na mentira.

**Por que você acha que... que... que tem que ter essa mentira?**

Porque ninguém aceita. (xxx) garota de programa? Ninguém vai aceitar. Quem é a pessoa que vai querer namorar com uma garota de programa? Sair com uma garota de programa? Não tem...

Mas você tem namorado, você falou...

Mas meu namorado não sabe.

**É?**

É. Pra ele eu trabalho fora, no meu trabalho e pronto. Ele não sabe o que que eu faço depois do meu expediente.

Nossa.

(risos)

**E aí, se acontecer dele descobrir? O que que você acha?**

Aí ele vai terminar comigo (risos).

**Vai ser um barraco danado, né?**

(risos) Mas não é só eu. Todas as meninas que trabalham lá, nós somos em três, as três têm namorado.

**E nenhum dos três sabe?**

Tem um que descobriu e terminou com a menina, mas o outro não sabe.

**Tem menina que tem namorado...**

Tem... tem uma lá, que trabalha lá, que o namorado dela sabe... mas é assim...

**Mas ele lida bem com ela? Ou ele...**

Mas tem aquela... sabe que é um dinheiro... que ela vai ter dinheiro muito fácil, vai ter sempre... sempre vai ter dinheiro... pra que homem vai querer largar uma mulher dessa? Não tem como. Mesmo (xxx)... qual o homem que vai ficar com uma mulher ficando com outros homens? Não tem...

**Você acha?**

Tem... ele pode ficar querendo usufruir disso... e... é, isso mesmo.

**Pelo... pelo... pelo interesse, né?**

Exatamente. Mas querer ficar com uma mulher... garota de programa, não fica. Pode ficar por causa do dinheiro, mas por causa de outra coisa não fica não. ((ts ts ts ts ts))

**Você tem apoio da sua família pra o que você faz? Recebe algum tipo de apoio?**

Minha mãe sabe o que que eu faço...

**Sabe?**

Minha mãe sabe o que que eu faço, e minha irmã. SÓ. Minha mãe não apóia, mas ela também não discorda o que que eu faço.

**Quando ela descobriu?**

Ela... eu e minha mãe nós somos amigas... então ela...

**Você que falou pra ela?**

Eu cheguei nela e falei.

**É?**

Eu comecei mentindo... eu falei que trabalhava num... em um lugar, só que eu não trabalhava. Ela "Beatriz, me conta a verdade". Tá bom, mãe. Trabalho como garota de programa etc. etc. Ela "não, você toma cuidado, porque pode vir doença, pode vir não sei o que, não sei o que", entendeu? Mas ela, assim, ela tá louca pra mim sair dessa vida. Só que (xxx) proibir, ela proibindo eu faço escondido... então...

**É, porque... mas aí você... ela quer que você saia... e você?**

Eu não quero sair... então... eu quero... eu quero conseguir um dinheiro bom, que eu tô guardando, entendeu? Conseguir um dinheiro bom, depois disso... mas... sei que cê volta, mas eu não quero (xxx) por muito tempo.

**É isso que eu ia te perguntar até, porque assim, você... depois saiu, arrumou uma outra profissão, a hora que a coisa apertar, será que cê...?**

Pode acontecer... eu saí fui trabalhar numa coisa de calçados... aí saí de lá porque não tava... o dinheiro não tava tão bom. Que aconteceu? Vou tentar a mesma coisa... Vou tentar a clínica de novo.

**E quando você tava lá na loja de calçados? Porque às vezes a menina, assim, é bonita, e tal, trabalha num lugar, chega um cara que... chega e oferece mesmo... tem esses caras que fazem isso... às vezes ele (..) sabe que nem é menina de programa, fala assim "ah, você quer sair comigo? Te dou tanto..."**

Não, mesmo assim... lá na casa de calçados, ou no que eu tô atualmente, é desse jeito.

**É, né?**

É. Desse jeito.

**Todo canto tem isso?**

Todo canto tem isso.

**Com toda profissão.**

Todo.

**Foi mulher bonita, o cara oferece...**

Homem com a aliança do tamanho da grossura do dedo... vai querendo...

**E fala na cara de pau "te dou tanto pra você, só pra sair comigo"?**

Fala...

**Mas as meninas que você conhece, mesmo que não trabalha nessa profissão, elas rejeitam ou muitas aceitam e aí "não sou... não sou prostituta", entendeu? "Só aceitei pra sair com aquele cara, naquela vez e pronto"... ou você não conhece?**

Tem muitas que saem com caras, mas não é fato... tanto o fato de dinheiro... é pelo fato de gostar mesmo.

**É, gostou mesmo... sentiu atração...**

Exatamente. Não sabe nem (xxx)... em três... (xxx) não sabe utilizar isso, entendeu, a seu favor. Só... "não, não sei o que"... não aceita o que ele quer te oferecer, entendeu? Então vai continuar na mesma...

**Caramba... bom... então da sua mãe e da sua irmã, relativo apoio você tem?**

Tenho.

**E o resto do pessoal que não sabe?**

Não sabe.

**Não sabe, não sabe, né?**

Não sabe. Nem sonha... Nem... (risos) Eu comento... comentei uma vez com minha prima que ia trabalhar na clínica de massagem, ela "você vai se prostituir?". Falei não, eu não vou me prostituir. Vou fazer uma... vou trabalhar em massagem. Ela "Sabe, Beatriz, muito bem... que esse negócio de massagem não é só isso... que esse negócio de massagem

não é só massagem". Eu falei e daí, eu saio com os meninos (.) de graça, é melhor ganhar dinheiro com isso.

**Se for pelo seu gosto, né? Porque, muito que se discute é isso, né? A Gabriela falava da mulher que tinha que às vezes usar até droga pra poder agüentar sair com uma pá de cara nojento que aparecia lá.**

Mas tem uns que... nossa... é horrível...

**É... aí... aí é que deve ser terrível.**

Mas o bom é que sempre aparece homem mais velho. Menino mais novo, tem muito raro aparecer. Aparece assim uns de vez em quando...

**Mas não seria melhor... você não acharia melhor?**

Com menino mais novo? ((ts ts ts ts))

**Por quê?**

Homem mais velho paga mais.

**Ah, então é por causa do dinheiro, não por causa...**

(risos)

Desculpa, mas...

**Fica bonito, então, né? Até o Ronaldinho é bonito, né?**

Ronaldinho é horrível... mas tudo bem. Que nem... homem mais velho chega lá... te dá um (xxx) rapidinho... homem mais novo não, mais novo (xxx)... nossa, é difícil demais... Então é mais... e homem mais novo paga pouco, homem mais velho não é rapidinho e paga mais...

Bom...

(risos)

Então vamos lá... o que que você acha da definição do Ministério do Trabalho e Emprego sobre essa profissão que eles catalogaram agora?

**(xxx)**

Você não conhece?

**Não conheço.**

Não conhece.

**Não conheço.**

Você conhece o trabalho de algumas organizações que trabalham apoiando as profissionais do sexo?

**Eu já ouvi falar.**

É?

**Já ouvi falar.**

Que tipo assim de coisa?

**Foi em rádio que eu ouvi falar, mas, assim... eu nunca ouvi não.**

O que você ouviu falar?

**Eu ouvi na rádio uma vez que tá querendo legalização. Só legalização disso que eu ouvi falar.**

**Era só no... no noticiário, assim?**

Exatamente... ahã...

**Mas você não conhece nenhuma organização que... que... que as prostitutas se unam... as profissionais do sexo?**

Não.

**Existe a Rede Brasileira de Prostitutas, sabia?**

Isso eu não sabia. (risos)

No campo internacional... Rede Latino-americana de Mulheres Profissionais do Sexo.

Não... essa eu não conhecia não.

**Pois é... Então isso é um sintoma de que a divulgação tá (xxx), né?**

Mas eu não... nem... eu acho que nem as meninas lá da clínica nunca ouviu falar... que nós nunca escutamos falar disso não.

**Já é... uma informação que eu tenho não é da primeira vez, né? Éh... o você acha, de sendo legalizada a profissão, se... bom... primeiro é bom saber se... se for legalizado se você... se... por exemplo, vai assinar carteira, vai contribuir pra... pra o INSS, vai poder se aposentar, que que você acha disso... você assim... você... éh... aderiria a isso, né?**

(risos)

**la assinar carteira... contribuir... sei lá...**

Eu acho que legalizar é um pouco complicado pelo fato de que já tem muitas garotas de programa... então, cada uma cobra seu valor e tem muitas escondido (xxx). Imagine quando legalizar... vai ter uma em cada esquina.

**É?**

Não? Vai ter. Vai sim...

**Mas aí será que aquela que vai tá lá na esquina vai tá legalizada?**

Mesmo não tando vai estar ali. Então todo mundo vai tá sabendo que (..) que é uma coisa...

**Mas aí se ela não tiver e... tiver a legalização e tiver a obrigação de ter determinadas coisas... ela vai ter que ter (..) aquela legalização ali, por exemplo, se ela tiver ela não pode...**

Será?

**É... sua pergunta é interessante, mas... é igual, por exemplo, um cara que trabalha de alguma coisa que precisa de um registro... né?**

Tem muitos que não têm...

**Tem muitos que não têm... mas os que têm... os que têm vão tá segurado...**

Vai tá segurado pela lei, tipo assim... tá bom, você tá assinado a carteira, tudo bem... mas homem não quer saber se tem carteira assinada...

**Não... isso aí... absolutamente... não...**

Então vai ser uma coisa mesmo pra gente, mulher...

**Isso é... exatamente...**

Eu... num...

**No seu caso...**

Eu não assinaria...

**Tá... isso é importante saber... por quê?**

Imagine você indo num local “não... vou fazer um cartão de alguma coisa”... fazer alguma coisa.

**Vai comprar uma geladeira...**

Exatamente... “me dá tua carteira... trabalha de quê?” Não... sou garota de programa.

**Sou profissional do sexo...**

Prof/... (risos)

**Que nome você acha que ia ficar legal?**

Garota de programa acho melhor do que garota do sexo.

**Profissional do sexo...**

Não, profissional do sexo...

**Olha os nomes que tem aqui na... olha os nomes que tem aqui na... no código do... do ministério, ó... garota de programa, garoto de programa... porque pode ser homem também... meretriz, messalina, michê, mulher da vida, prostituta, puta, quenga, rapariga, trabalhador do sexo, transexual profissional do sexo e travesti profissional do sexo.**

(risos)

**Esses são alguns nomes... olha... a... a rede brasileira passou muito tempo discutindo que nome a gente aceitaria... e nunca...**

Mas garota de programa é melhor... (risos)

**É... nunca (xxx)**

(risos)

**Mas garota de programa a Angélica também é, né? Porque ela trabalha num programa na televisão, né?**

Então... imagina só puta... (xxx) não, soa muito forte, dá não... nossa, muito forte... dá não... entre quatro parede pode até ser, mas assim dá não...

**Éh... o que você acha do trabalho das organizações, você já falou que não conhece, né? Éh... o que você acha de contribuir pra previdência como profissional do sexo, você falou que...**

ã... não

**Como é o trabalho dos homens que trabalham nessa profissão?**

Dos homens... éh... estilo go go boy, né? esse negócio...

**Não sei o nome não.**

Mas é... que nem...

**O profissional do sexo... go go boy... michê... garoto de programa...**

Mas pra homem é uma coisa muito complicado... eu acho... que nem tem assim... você vai olhar no Correio Braziliense essas coisas... essas coisa assim... eles (.) éh... cobram da mulher 80 reais, 100 reais... mas se der eles passam o dia todinho com a mulher... tem homens que passam o dia todinho com a mulher... a mulher paga o motel ele só tira os 100 reais dele e pronto e acabou... imagine só um homem transando com a mulher três ou quatro vezes por dia por 100 reais... mulher não... mulher é mais certo... mulher só vai uma vez com o homem... e pronto e acabou...

**Ele precisa que tomar um remedião, não precisa?**

(risos)

**Um smurfinho?**

(risos) Que nem tem aqueles que também que dança em boate... go go boy... eles... a noite deles... 200 reais... só pra dançar... quando vai sair com uma mulher, eles cobram 200, 300 reais pra sair com uma mulher...

**E aí é a mesma coisa assim... uma hora também...**

Exatamente...

**Mas por que você falou que é complicado?**

Não... pra mulher assim, o homem vai rapidinho e pronto... imagine um homem fica dando três, quatro horas com uma mulher... ele tá atendendo um cliente... pelo fato de... por causa de um, ele acaba perdendo outro... entendeu?

**Ah... entendi... quer dizer... ele vai ter que passar mais tempo...**

Com a mulher... e vai perder outros clientes...

**É verdade... perde tempo, né? (..) É verdade...**

(risos)

**Bom, mas aí... os homens tão também trabalhando nisso... tem muito, né?**

Tem... tem lá no Correio Braziliense eu conheci... assim... eu não conheço... que nem eu conheci foi um go go boy dentro do ônibus... aí ele falou isso... que nem uma vez minha prima ligou pra um, querendo saber como é que era negócio de garoto de programa... aí ele disse "ah é 80 reais" assim... até o... até... como é que ele falou?... não me lembro como é que ele falou no telefone... mas é 80 reais que ele cobrou... se pudesse só fazia (xxx)...

**Ué...**

Por (xxx) reais...

**Deve ser porque aparece (.) pouco... menos do que as meninas...**

É mais fácil um homem procurar uma mulher do que uma mulher procurar um homem, né?

**É... mas por que isso?**

Não sei te responder...

**É porque os homens têm mais vontade ou porque as mulheres têm mais vergonha?**

Porque a maioria dos homens em si que aparece na clínica é tudo homem casado. Eles reclamam muito das mulheres que têm dentro de casa. Reclamam que a mulher depois que casou engordou, que a mulher não dá prazer... que a mulher só quer cuidar da casa, de filho, não quer saber mais de nada... então eles chegam lá reclamando... eles querem o quê? Tem muitos que chegam lá querendo só carinho... querem ser só alisados... mais nada... (xxx) paga 150 reais...

**Não chega nem a ter...**

Não chega a ter... quer conversar e quer que você pa/ pa/... alise ele só... só isso mais nada...

**Caramba... mas apesar disso... eu vou ter que perguntar isso... apesar disso o cara fica ali só (..) dependendo do carinho... ou ele... ou ele chega a ter ereção... ou nem isso não chega...**

Tem uns que não têm... só chega que conversa... que... só quer carinho, conversar e pronto... te paga 100, 150 por isso. Tem homens também... tem um velhinho lá que tem seus setenta e poucos anos... aí ele tinha uma ereção maior... ele ficava com as cinco meninas que tinha na clínica... ele chegava lá... ele pagava 150 pra cada...

**Mas tomava remédio?**

Ah... eu nunca perguntei... (risos)

**Não, né? Pô... setenta e poucos anos...**

Setenta e poucos... Nem que ele começasse em uma e terminasse em outra... e vai só um pouquinho em cada uma... e não chegasse a gozar, entendeu? Mas que ele ia, fazia o rodízio... agora ele não agüenta mais... ele só vai e fica só com uma... (..) falei demais...

**Tá ótimo... É... não pra dizer a verdade, nós terminamos aqui, mas cada coisa dessa que você tá falando aqui é um dado importantíssimo pra gente colocar... então pra gente terminar eu queria até que você dissesse... o que você quiser falar... com relação à pesquisa... com relação a trabalho... qualquer coisa que você acha que seria interessante pra gente colocar na pesquisa também...**

Bom... como assim? (risos)

**O que você quiser falar mais... talvez (xxx) que você ache importante que eu não te perguntei...**

Não... não sei...

**O que você acha da pesquisa?**

Eu gostei... interessante.

**Você achou legal?**

Eu achei isso legal.

**A qualquer hora você pode pedir informação sobre ela... depois do resultado... você pode me... me pedir pra ver, né? e... então isso vai ficar à disposição também pra você... você não tá sendo uma pesquisada, você é uma colaboradora. Está fazendo junto comigo, tá? Então queria agradecer à Beatriz.**

**Obrigado!**

## Entrevista com Cassandra

**Cassandra, de onde você é?**

Sou de Belo Horizonte.

**Ah... de BH?**

É... por quê?

**Não... porque tenho percebido que muita menina é daqui de Brasília mesmo...**

Ah, é... mas eu sou de lá...

**E mora aqui há quanto tempo?**

Ah... já tem uns... quatro anos, por aí... é quatro... porque eu cheguei aqui em 2004...

**Por que você veio morar aqui?**

Ah... lá não tava dando certo não... e eu já morei fora duas vezes... uma... uma eu morei em São Paulo... mas eu era mais nova... fiquei lá dois anos na casa da minha tia pra estudar... depois voltei pra casa... não deu certo lá não... mas antes de vir pra cá eu passei um ano no Rio... lá é bom de ganhar dinheiro.

**Você conhece o Rio, então?**

Conheço, adorei lá... lá eu fui pra trabalhar mesmo.

**Entendi. Conta um pouco como foi tua infância, tua família, escola... essas coisas.**

Olha, eu acho que fui uma criança normal... fiz tudo igual todo mundo. Só meu pai ter morrido muito cedo que me marcou muito, né? Porque eu lembro dele brincando com a gente muito... sempre agradava a gente... então, quando eu tinha oito anos ele morreu... foi coração... mas era novo... minha mãe que ficou com a gente... mas tudo foi normal... escola, brincadeiras, coleguinhas... normal

**E você tem quantos anos?**

Fiz 25 no começo desse ano...

**Você falou que seus estudos foram normais... você parou de estudar já?**

Já...eu terminei o segundo grau.

**Segundo grau?**

É... depois parei. Nem pensei em faculdade... não era isso que eu queria.

**Por quê?**

Ah... não sei. Eu queria ter meu trabalho, ganhar meu dinheiro... acho que não ia esperar estudar tanto tempo.

**Mas você...**

Não é que eu não ache importante estudar... é que não tinha essa vontade, sabe? (risos)... é isso.

**Então você começou a trabalhar?**

Eu queria, né? Achei que ia ser fácil assim... pensava que ia trabalhar num escritório... ser secretária, sei lá. Mas vi que não era bem assim...

**Sei... E há quanto tempo você trabalha nessa profissão?**

Trabalho mesmo há 5 anos... mas contando assim quando eu trabalhei a primeira vez, assim, lá na minha terra, né? Lá eu fiquei pouco tempo, depois que eu fui tentar no Rio pra... pra ganhar mais dinheiro, né? Lá era bom... mas onde a gente morava tava ruim demais...

**Onde vocês moravam?**

Era uma colega que tinha um apê alugado em Santa Tereza...

**Ah... Santa Tereza... lá é legal...**

É sim... mas também tem lugar que não é, né?

**É... lá é muito grande...**

Mas não tava dando certo não... a gente... éh... preferiu vir embora, sabe?

**Quando você diz "a gente" quem é?**

Ah... minha amiga que foi comigo... a Karine... a gente veio junta pra cá também.

**E moram juntas também aqui?**

Moramos... ela é como se fosse minha irmã.

**E ela também trabalha com isso?**

Trabalha sim... mas ela não gosta de vir pra cá não...

**Por quê?**

Ah... uma vez ela veio e tava muita confusão de som de carro aqui... as... as... como é que chama? Essas músicas alta... ela detestou... aí ficou irritada e não gosta...

Sei... Em que local você trabalha nessa profissão? Que tipo de local, assim...

Olha... eu não gosto de fazer local fixo, sabe? Assim, termas ou boate... eu me sinto presa... eu coloco anúncio no jornal...

**Ah é? No jornal?**

É... coloco...

**E funciona legal? É seguro?**

Ah... a gente fica esperta, né? Começa a conhecer quando a ligação é séria ou não.

**Porque deve receber muito trote, né?**

Recebe... recebe gente que só quer falar com vc... ih... cada uma, você tem que ver... tem gente que liga dizendo "tô falando com você, tô pelado, com o pau na mão" (risos)

**(risos)... e você?**

Ah... eu desligo.. já sei que é só perda de tempo, né?

**Claro... então você só trabalha quando o cliente chama?**

É... mas tem lugar que eu vou também... igual lá no pistão... tem uma casa que o pessoal vai. Eu não entro... apesar que conheço lá... mas ali do lado de fora, o pessoal que chega... assim... de carro, né?... até pra ir lá... eles procuram a gente... o pessoal sabe, né?

**Sabe o quê?**

Ah... (risos)... sabe que a gente tá ali trabalhando...

**Ah... entendi... (risos)**

Mas, agora... atendendo assim... em casa... ou motel... éh... quando chama, sabe? É mais tranquilo... porque muita gente chama... muita gente liga...

Mas não é perigoso não?

Eu e a Ka temos um esquema... mas geralmente a gente atende muito cliente que... assim... que já é conhecido, sabe? Pra pegar gente nova tem que ter mais cuidado mesmo... mas eu nunca tive... assim... problema não...

**Sei... e como você vê esse trabalho que você faz?**

Olha... eu acho que (xxx) muito legal não... mas... assim... pra mim... é o que me deu dinheiro, né? Ah... é com isso que eu posso comprar minhas coisas... então eu não reclamo não... Todo dia... éh... assim... aparece gente que fala pra gente que se não fosse nós ficava mal mesmo... então eu penso "poxa... algum bem pras pessoas tamo fazendo, né?" Às vezes eu tenho vergonha... às vezes eu acho legal.

**Sei como é que é... e tem muita gente assim que vc... éh... atende, né? De chamar vocês só porque tá sozinho... essas coisas?**

Tem... muito... às vezes a gente só conversa, acredita? (risos)

**Acredito... o pessoal fala muito isso...**

Então... é assim... eu tenho cliente fixo que vou na casa dele toda semana... (xxx) nem tira a roupa... gosta de ficar abraçado, conversando...

**Coisa de carência mesmo, né?**

Coisa de carência... é.

**E você recebe algum tipo de apoio da sua família, pra esse trabalho?**

Olha... o pessoal lá em casa não sabe não...

**Mas você saiu de casa pra morar em outro lugar... outro estado, né? Pra tua família você faz o quê?**

Ah... no começo eu falei que tinha passado... éh... pra estudar aqui... pra uma faculdade. Mas depois... éh... por causa da (xxx)... eu disse que saí da faculdade e tinha começado a trabalhar numa loja... agora, pra eles... assim... é o que eu falo, né?... eu trabalho em uma loja... de vendedora... é assim.

Ah... sei como é que é... então ninguém sabe que você trabalha com isso?  
 Não... Deus me livre... já pensou? (risos) Acho que meus irmãos me mata...

**Você tem irmãos homens então?**

Tenho dois... e é tudo brabo (risos)... eles não ia aceitar mesmo... ih... ia ser uma briga danada comigo...

Mas e tua mãe?

Eu nem sei o que pensar... às vezes... assim... eu penso, né? Que ela até ia aceitar... mas não porque ela gosta... mas porque é filho, né? Isso que eu penso... porque é mãe... acho que ela ia... assim... entender, né? Mas só isso...

**E você pensa em falar?**

Eu não... mas também... como se diz?... fico pensando que se ela descobrir vai ser pior... mas também, como eu não trabalho... éh... por lá, né?... perto de casa... então eu acho que é mais difícil até pra vizinho ficar fazendo fofoca...

Sei... mas e a família da tua colega?

Mesma coisa... ninguém sabe não.

**Porque podia correr o risco da família dela falar com a tua, né?**

Ah... mas o pessoal da família da gente não tem conhecimento assim não... eles não se conhecem... não é perto...

**Ah... melhor, né? Menos arriscado...**

É sim...

**E sobre a definição do Ministério do Trabalho e Emprego sobre a profissão? O que você achou?**

Ah... eu não vi isso ainda não... só escutei falar nisso conversando com você... já... assim... já ouvi falar que tinha coisa pra legalizar lá... mas só isso mesmo

**Não sabe como é?**

Eu não... depois vou até procurar ver... assim... pra saber como é que é, né?

**Claro... eu tenho e posso te dar uma depois...**

Tá legal...

**E o trabalho de organizações que apóiam as profissionais do sexo? Você conhece?**

Ih... nem sei se tem isso aqui em Brasília... eu não conheço não... será que tem?

**Eu não sei... ainda não achei... em Goiânia me disseram que tem...**

Ah... lá parece que tem mais... assim... as meninas são mais unidas, né? Aqui...

**Aqui como é?**

Aqui se for tua amiga ela é... mas se não for... até vê perto e pensa... éh... pensa que vai roubar o lugar de você ficar, sabe? Os teus clientes... é desse jeito... então tem muita desconfiança com as outras...

**Sei... mas acha que se tivesse alguma... éh... assim... alguma organização... ia dar certo?**

Ah... (..) talvez dava certo... mas acho que ia demorar... éh... pra (xxx) perder um pouco a desconfiança... chamar elas pra participar... sei lá... mas acho que precisa.

**Acha que precisa?**

Ah... essas coisas ajuda, né? Assim... pra proteger... pra saber o que você tem direito... porque às vezes, né?... tem gente que quer aproveitar...

**Aproveitar como?**

Aqui na rua, por exemplo, às vezes a polícia chega com conversa de dizer que não pode e fica com conversa de que tem que fazer as coisas obrigado pra eles... éh... senão eles levam... essas coisas.

**Tem isso é?**

Ih... tem isso... tem muito... tratam a gente de qualquer jeito... não é todos não... mas tem uns que é assim...

**Mas você já passou por isso com PM?**

Comigo assim não... mas já passaram e falaram gracinha... mas onde eu vou, quando tô na rua... os polícia que passa já me... já me conhece, né?

**Sei... mas você já ouviu falar de outras?**

Já sim... mas tem umas que mexe com outras coisas, né? Tipo assim, pra roubar ou vender drogas... daí eu acho que eles também já conhece, né?

**Ah, tá... essa mistura que dá problema também, né?**

É... isso que estraga... porque acaba... assim... que muita gente pensa que... éh... que a gente é tudo igual... que vai roubar... ou que mexe com droga... essas coisas...

**Então...**

Então você que tem que fazer a diferença... não é porque você trabalha com sexo... com programa... que tem que... éh... ter falta de respeito, né?

**Claro... isso é importante... então você acha que uma organização assim ia ajudar?**

Eu acho que ia... éh... pra ajudar a diferenciar uma das outra, né? Pra dar orientação assim...

**Ah... legal...**

Eu acho, né?

**E se for legalizada, você ia contribuir pra previdência? Assim... querer aposentar e tal, como profissional do sexo?**

Ah... isso eu acho complicado... sabe por quê?

**Por quê?**

Porque todo mundo ainda trata de qualquer jeito... olha só... até os homens que procura a gente... eles mesmo (.) tratam com falta de respeito... mas acho que se eles vêm... éh... procurar a gente mesmo... acho que eles são a mesma coisa... porque a maioria é casado... imagina se a mulher sabe?

**É... muitas falam isso mesmo...**

E a gente não faz sozinho... a gente não obriga ninguém... e falam que fazem porque precisa... porque em casa não tá tendo...

**E você acha que é por isso?**

Ih... né nada... é safadeza mesmo... (risos)

**É?**

É... claro que é... mas eu não acho ruim não (risos)

**Sei... se não fosse isso...**

Se não fosse isso, eu não ia ter meu dinheiro, né?

**Claro...**

E daí que é estranho... porque... assim... você chega num lugar e fala que tua profissão é isso... como o pessoal vai olhar pra você? Vai respeitar você? Eu acho que não... Então eu não sei... acho que não teria coragem...

**Ah, é?**

Ainda mais eu... que a família não sabe.

**E você acha que tem como mudar isso?**

Acho que... assim... como a gente tava falando... esses grupo que ajuda as meninas... eu acho que eles têm que fazer mais coisa pra o pessoal entender, né? Entender que é uma profissão normal... mas a gente mesmo ainda tem medo...

**Mas eles fazem, sabia? Se você for no site do Davida você vai ver que eles fazem um montão de coisa... no site do Beijo também você vê...**

É... você falou... eu quero ver depois mesmo... depois você me fala como que eu acho...

**Falo sim... e os homens que trabalham na profissão... como é que é?**

Ah... tem muito homem trabalhando com isso já... mas eu não sei como é que é não...

**Não conhece ninguém?**

Conhecer não... eu sei que tem... mas não... éh... não conheço... assim... nenhum não...

**Sei...**

Apesar que deve ser esquisito, né?

**Por quê?**

Ah, deve ser estranho... porque mulher chama menos... deve dar pouco dinheiro... assim... comparado, né?... comparado com mulher... porque os homens são mais doido (risos)... mais solto...

**E mulher?**

Ah... tem muita mulher doida hoje em dia, né?... mas é pouco... sei lá... eles devem trabalhar menos... deve ter que cobrar menos... atender homem também...

**Ah... sei... e você atende mulher também?**

Às vezes aparece... às vezes liga homem dizendo que é pra atender ele e a namorada... éh... esposa também... (risos)

**E você?**

Ah... eu falo que não trabalho com isso... mas eu tenho uma colega que faz... éh... faz (xxx) tudo, né? Quando eu sei... até pergunto se posso indicar outra colega... aí passo pra ela...

**Mas você nunca fez?**

Já fiz sim... mas não gostei... agora, nem por dinheiro nenhum... prefiro não fazer... nada contra mas... éh... pra mim, assim... eu não quero...

**Entendi. Legal... Bem Cassandra... era isso... tem mais alguma coisa que você queria falar?**

De quê?

**Ah... sobre o que a gente conversou... algo que você acha que é importante...**

Éh... Ah... acho que o mais importante a gente falou, né? (risos)... acho que posso lembrar de alguma coisa só depois... foi bom falar...

**Que bom... gostou da pesquisa...**

Acho que é importante... acho que é importante...

**Legal... então depois, se você quiser, pode saber como ficou o resultado, tá?**

Tá bom...

**Obrigado mesmo!**

## Entrevista com Divina

**Diz de onde você é Divina?**

Sou daqui mesmo... moro no mesmo lugar desde que nasci...

**Ah... legal... e há quanto tempo? Quer dizer... quantos anos você tem, né?**

É... (risos)... eu tenho 23...

**Vinte e três...**

É...

**Você pode falar um pouco da sua infância? Como que foi...**

Falar o quê?

**Ah... o que você achar importante... por exemplo... como era... assim... na tua família... as coisas que você fazia... escola...**

Ah... escola foi legal... eu gostava.

**Gostava?**

Gostava... eu sempre gostei de estudar...

**Você estuda ainda?**

Depois... pra trabalhar... pra ganhar... éh... meu dinheiro, né? Acabei parando... mas eu fiz o segundo grau todo...

**Segundo grau?**

É... terminei... pelo menos isso, né? (risos)

**E não tem vontade de voltar a estudar? Fazer uma faculdade...**

Eu tenho... mas nem... éh... faço plano pra isso não... acho que nunca vou fazer...

**Olha... nunca diga nunca, hein...**

É... nunca é muito forte, né? Mas... éh... eu acho que não vou mais voltar a estudar não...

**E tua família?**

Quem? Meus irmãos?

**Não... no geral... como foi? Quando você era pequena...**

Ah... por isso que falei da escola... a gente sempre teve... éh... meu pai gostava que a gente estudava, sabe? Ele ficava feliz com nota boa... essas coisas...

**Mas você tem seus pais ainda?**

Sim... Deus me livre! Estão lá... moro com eles... éh... eu adoro meu pai...

**Tô vendo... você falou dele muito bem agora...**

Ele é muito legal...

**Quantos irmãos são?**

São três... duas meninas e um menino...

**E todo mundo gostava de estudar?**

Sim... meu irmão já casou... ele fez faculdade de administração... ele tá bem, sabe?

**E tua irmã?**

Ela é mais nova... tá terminando o segundo grau agora... éh... acho que agora é outro nome, né?

**É sim... é ensino médio agora...**

É... isso mesmo... Ela tá (xxx) última série... é o último ano dela...

**E ela quer fazer faculdade? Você sabe?**

Quer sim... Tá doida pra entrar na UnB...

Ah... legal... que bom... Então vocês são bem unidos...

Ih... somos sim... ainda bem, né?

Bem... vamos lá então... você trabalha nessa profissão há quanto tempo...

Ah.. não tem muito tempo não... éh... acho que tem dois ano e pouco...

**Dois anos por aí?**

É... uns dois anos...

**Você começou como?**

Eu acho que sempre é amizade, né? Colega... eu tava procurando emprego e uma colega falou pra mim isso... falou quanto ganhava... aí... éh... eu resolvi vim ver como é...

**E gostou...**

Não é que a gente gosta, né? (risos)... éh... do dinheiro a gente gosta... porque... éh... dá um dinheirinho bom, né? Mas eu tô querendo mudar de lugar... em outro lugar acho que vou ganhar mais...

**Pois é... isso que eu ia perguntar, só pra você explicar outras coisas... Você trabalha em que lugar...**

É pra falar onde fica?

**Não... não... só pra falar que tipo de lugar é... não é pra fazer propaganda não (risos).**

(risos) Ah, bom... já pensou?

**Pois é... só interessa o tipo de lugar que você trabalha...**

Ah, tá... é um bar, né? Um lugar que o pessoal já vem pra tomar uma cerveja e já sabe que... éh... tem menina pra atender... sabe?

**Sei sim...**

(risos)... Atender sabe como é que é, né?

Claro... claro...

Mas eu não gosto não...

**Ah... eu ia perguntar se você trabalha nesse lugar desde que começou...**

Não... lá eu tô só faz uns 8 meses...

**E antes?**

Antes eu fazia com minha colega?

**Como?**

Calma... não é isso que você tá pensando... (risos).

**Não... não pensei nada... (risos)... tô querendo saber como é...**

Éh... ela já tinha um monte de cliente, né? E os cliente chama os outro... então, ela não pode atender todo mundo... daí, quando chamava e não dava pra ela, eu ia... depois começou aparecer gente pra mim também... éh... (..) foi assim, né?

**Sei... mas aqui...**

Aqui não tá legal não... porque aparece muita gente doida... às vezes já chegam aqui bêbado... éh... às vezes dá confusão...

**Ah... é?**

Onde tem bebida é assim, né? Por isso que eu não gosto...

Entendi... e você quer ir pra onde então?

Não sei... ah... eu penso que se eu trabalhasse numa casa de massagem... no Plano, né?

Acho que eu ia até ganhar mais... e deve ser mais tranquilo...

**Como você vê esse trabalho que você faz?**

(..)... eu nunca pensei nisso não... (..) éh... assim... ah... sei lá... só vejo os outros falando mal, né? Então eu acho assim... só tô nisso mesmo porque preciso do dinheiro...

E você tem algum apoio da família?

O pessoal lá de casa?

**É... tua família...**

Meu Deus... se meu pai souber... acho que mato ele.

Mata como?

Não... (risos)... não vou matar ele... matar, né? (risos)... acho que ele tem um treco.

**Acha que ele ia ficar decepcionado...**

Nossa... não consigo nem ver ele brigando comigo... por isso acho que ele ia dar um negócio no coração...

**Nossa...**

Ainda mais que trabalho meio perto de casa, né?

**Tua casa é perto?**

Não é do ladinho, né? Mas... éh... é meio perto sim...

**E nunca alguém te viu que te conhece?**

Já teve gente que veio aqui sim que me conhece...

**Caramba... e como que é?**

Ah... uns fingem que não vê... é até melhor... mas depois eu fico com medo de fazerem fofoca, né? Outros (xxx) sempre tem... é... alguns falam mesmo... dizem "oi"... mas acho que fica assim, né? Não fala pra ninguém que eu tava aqui... eu também finjo que nem vi você... éh... acho que é meio assim... mas eu fico com medo...

**Sei... então o apoio...**

Nem posso falar nada... ninguém sabe...

**Você fala que trabalha com o que, então...**

Ah... pra eles, até hoje eu trabalho numa gráfica... por isso eu falo que muitas vezes trabalho virando a noite pra... éh... fazer trabalho que tem que entregar urgente... essas coisas...

**Mas nem perguntam onde é?**

Essas coisa ninguém pergunta... (risos)

**Que foi?**

Ah... tô pensando... se algum dia quiserem ir no meu trabalho, né? (risos)... nunca nem o telefone da tal da gráfica eles pediram...

**Mas agora com celular, né?**

É mesmo... nem precisa... por isso que quero sair daqui... tenho medo de saberem lá em casa...

**Mas já faz muito tempo, né?**

É... mas quando a gente... éh... quando menos espera, né? Aí já tá todo mundo sabendo...

**Sei como é... E essa definição do Ministério sobre o trabalho de profissional do sexo... o que você acha?**

Nem tô sabendo não... eu não conheço...

**Nunca ouviu falar nada?**

Não... nada...

**Mas eu te dizendo assim... que o Ministério criou uma definição pra profissão... que tem um trabalho pra legalizar... o que você pensa?**

Ah... tinha que ver mais, né? Nem sei se ia ser bom isso... tem que ver como vai ser, né?

**Sei... tem que ter mais informação, né?**

É... mais informação... claro...

**E as organizações que trabalham apoiando as profissionais do sexo...**

Tipo assim, um partido?

**Não... é só uma organização pra ajudar as mulheres que trabalham com sexo... as prostitutas, garotas de programa...**

Ah... tem isso?

**Tem sim... nunca ouviu falar?**

Também não... (risos)

**Tem... tem no Brasil e fora também...**

Caramba...

**Olha... A Gabriela... Silva Leite... é coordenadora de uma ONG chamada Davida... ela já foi até convidada pra fazer parte de um... éh... um grupo da ONU que cuida de doenças sexualmente transmissíveis... que chama de DST, né?... e de Aids...**

Poxa... nunca ouvi falar não... mas ela é o quê?

**Ela também trabalhou em zona... ela foi da Boca do Lixo e da Vila Mimosa... já ouviu falar?**

Da Vila Mimosa já... fica... éh... fica no Rio, né?

**É sim... você conhece lá?**

Ih, meu filho... nunca saí de Brasília não... quem me dera... quase nem... éh... quase nem saio de Samambaia... (risos)

**Mas a Boca do Lixo fica em São Paulo... (..) A Gabriela também é socióloga... e já viajou muito só pra falar das necessidades das prostitutas pelo mundo todo... tem organização até internacional de profissional do sexo...**

Nossa... não sabia não...

**Pois é... o que você acha?**

Também não conheço, né? Tinha... éh... tinha que saber mais pra dizer... mas pelo que você tá falando, deve ser legal... mas tem que ter muita coragem, né?

**Ah... isso tem sim... isso que eu acho legal... ela faz o trabalho com um puta orgulho...**

Putá mesmo, né? (risos)

**Nesse caso é sim... No site da Daspu... ah... você conhece a Daspu?**

Já ouvi falar sim... vi no repórter falando isso... elas fazem roupa, desfile, né?

**É sim... também é a Gabriela que coordena lá.**

Pô... essa mulher é massa, hein...

**Ela é... ela trabalha muito... tem muita coragem... acho legal o jeito como ela defende sua classe, sabe?**

Legal mesmo...

**Mas o que eu ia te falar... da Daspu... quando você... éh... entra no site da Daspu, sabe? Toca uma música dizendo assim “Daspu é uma puta parada... Daspu é uma parada de puta”... pode querer dizer coisas diferentes, né?**

É mesmo...

**Pode ser uma parada maneira... porque muita gente fala assim, né? Um puta time, um puta jogo, uma puta loja, né?**

É mesmo...

**Mas pode ser simplesmente uma puta parada mesmo... parada esperando trabalho... esperando alguém, né?**

Ih... é sim... legal...

**E também pode ser um negócio de puta... um empreendimento de puta... de profissionais do sexo... mas também um lugar onde elas param... achei muito legal...**

Ih... depois eu quero ver...

**Vou deixar depois o endereço com você...**

Quero mesmo... gostei dessa Gabriela (risos)

**Quem sabe você conhece ela um dia...**

Vou querer mesmo... (risos)

**Tem um livro dela, legal... chama *Eu, mulher da vida*.**

Caramba... ela ainda é escritora?

**É sim... e é muito bom... conta a vida dela, sabe? Nesse meio assim... família... muito legal...**

Pô... mas (xxx) importante... pra saber, né? Como foi... como foi parar nisso... a necessidade, né?

**Pois é... mas se você conhecer a Gabi, você vai ver que ela não escolheu essa profissão por necessidade... ela gosta mesmo...**

É?

É sim...

Nossa... agora que quero escutar ela falar mesmo... (risos)

**Pois é... tô falando que ela é corajosa...**

Tô vendo...

**E sobre contribuir pra previdência... o que você acha?**

Aí tem que assinar carteira, né?

**Ué... não é obrigatório não... você pode contribuir como autônomo...**

Ah... se for assim eu quero...

**Mas aí tem um código da tua atividade, sabe? Éh... lá... você vai botar a área que você atua... aí você bota profissional do sexo...**

((mmmmm))... aí eu não sei... (risos)

**Ué... por que não?**

Eu hein... já pensou? “Profissional do sexo”... tá doido...

**(risos)... por quê?**

Ah... eu vou chegar num lugar e dizer que sou puta? Vou falar lá em casa agora que sou puta... que é meu trabalho...

**Não sei... aí vocês que têm que ver... agora você trabalha nisso... diz que trabalha em outra coisa e tua família nem procura saber...**

Mas eu falo que lá não tem carteira assinada...

**Ah... mas você acha que se fosse eles iam ficar querendo... éh... assim... fiscalizando tua carteira?**

Sei lá... mas eu acho que ia ficar com medo...

**Entendi... então você não ia fazer...**

Eu acho que ia ficar com medo... mas acho que é importante...

**Sei... e o trabalho dos homens nessa profissão... o que que você acha?**

Aqui não tem homem não...

**Não... eu sei... tô perguntando se você conhece algum... se sabe como é o trabalho deles... o que você acha...**

Ah... eu sei que tem... éh... tem uns que atendem... éh... em casa, né? Tipo essas coroas que não têm homem... sei lá... mas não conheço nenhum não...

**E o que você acha?**

Acho que deve ser a mesma coisa... não sei direito... mas deve ser menos, né? Eu nunca vi um bar... éh... que tenha homem... prostituto (risos)...

**Entendi... acha que ia dar certo?**

Sei lá... igual aqui acho que não... porque os homens vêm mesmo... já pensou? Um bar assim... aberto... as mulher vindo aqui e um monte de homem só de cuequinha fazendo coisa por dinheiro? (risos)... acho que não ia vir não...

**Sei... mas é por vergonha ou o quê?**

Acho que é vergonha mesmo, né? Se fosse mais escondido...

**Aí você acha...**

Acho que ia ser melhor... não tem aqueles clube das mulheres? De repente vinha mais...

**Entendi...**

Mas pra mim, normal... acho a mesma coisa...

**Sei... que mais, Divina? Que mais você queria falar?**

Que mais você quer saber?

**Ah... o que eu tinha que te perguntar já tá bom... mas de repente você quer falar alguma coisa que acha importante... que eu não perguntei pra vc...**

Ah... não sei... acho que falei tudo... eu achei legal essa Gabi... Gabi, né?

**É sim... Gabriela...**

É Gabriela (risos)... eu falando Gabi como se já fosse amiga...

**Mas no Beijo tem a “Coluna da Gabi”... então... éh... o pessoal conhece ela também como Gabi...**

Ah... então não tem problema...

**Tem não... (..) então é isso... obrigado Divina.**

De nada!